ANO 8 Nº88 2001 R$ 7,00

BOOKMAKERS

MACMANIA

A REVISTA QUE TEM AS RESPOSTAS

WWW.MACMANIA.COM.BR



Que Mac eu compro?

Que Mac combina com meu signo?

Como fazer botões Aqua?

Existem iTunes, iMovie, AppleWorks e Mac OS 9 em português?

Como ligar discos rígidos em RAID?

Que tal o After Effects novo?

O que é Absynth?

As Cartas Não Mentem



Visual Aqua

Mais uma vez, parabéns ao pessoal da Macmania. O visual Aqua da capa da edição 87 dá de dez no Aqua do Mac OS X.

Mauro
mauro@persocom.com.br

Nós, os caipiras aqui do interior do Estado de Santa Catarina, na não muito famosa "Pérola do Planalto Catarinense", trabalhamos com Macs e somos leitores assíduos dessa revista maravilhosa que torna a leitura de assuntos tecnológicos, por vezes maçantes, uma diversão e ótimo passatempo (por aqui não há muitos...). Mas o melhor mesmo são as capas epifanicamente elaboradas, que fazem as outras revistas de informática parecerem exemplares do "Despertai!" (aqueles que tocam a campainha às seis da manhã, lembram?). O pessoal aqui da empresa em que trabalhamos, os escravos do PC dos outros setores, morrrrrrem de inveja do exemplar macmaníaco que mantenho em cima de minha mesa mensalmente. Mas, meus amigos, francamente, este último número, a 87...meu Deus, o que é aquilo?! Gente, adorei a embalagem desse novo G4!

Marcelo Calado
calado@creativenet.com.br

Aguarde o concurso da Camiseta Aqua da Macmania.

Garoto na capa

Somos assinantes da Macmania e trabalhamos em uma empresa 80% feminina. Há três edições só estamos vendo garotas na capa. Não é inveja, mas achamos que agora já está na hora de vocês satisfazerem ambos os sexos pois, afinal, nós temos muitos modelos bonitos por aí e gostaríamos de vê-los nas capas. Até mesmo porque não são somente homens que trabalham com Mac. Esperamos ser atendidas em nossa sugestão.

Marta e Fernanda
marta_regina@hotmail.com

Aqui os homens têm sempre a última palavra: "sim, patroa". Como prova de que nosso objetivo não é escandalizar, polemizar ou libidinizar, mas apenas fazer capas bonitas, tascamos um perobo nesta edição. Macmania é uma revista plurarista, apartidária e despida de preconceitos de sexo, raça, credo ou quantidade de pêlos nas mãos.

Vídeo Pro, mas nem tanto

Quando vocês testaram o Final Cut, fiquei um pouquinho decepcionado, pois optaram por fazê-lo utilizando uma máquina turbinada com dois monitores. Esse deve ser o sonho de qualquer editor de vídeo (eu, por exemplo), mas não é a realidade da maioria. Eu gostaria mesmo é de saber como a interface do programa funciona com um único monitor. Quando foi lançado o G3 com FireWire, a idéia era entregar uma máquina pronta para uso (estamos falando de edição de vídeo, certo?). Foi o que me seduziu, e comprei um G3 350, máquina intermediária na época. O FCP ainda não existia, mas no site da Apple eu li que bastava acrescentar um Premiere e *voilà*, um estúdio de edição de vídeo prontinho para uso, sem mais nada a acrescentar. Portanto, creio que o FCP 2 exige um teste, e que o mesmo seja feito numa máquina tal e qual ela sai de fábrica, para que saibamos exatamente o que podemos fazer com um equipamento básico.

Hermes
hermes@enquadro.com

O uso de dois monitores não altera em nada as características e a performance do programa, só fica mais confortável para trabalhar. Além do mais, o FCP pode ser muito bem usado com apenas um monitor. Muito mais importante do que isso é o quanto de RAM que está instalado na sua máquina.

Peer to Peer

Sou assinante de vocês há mais ou menos um ano e meio e vivia feliz da vida com meu Mac, até que num belo dia tive a notícia de que os servidores Napster estavam saindo do ar e fiquei praticamente órfão, sem lenço nem documento! Não foi para minha surpresa que, dia desses, dei de cara com um usuário de PC baixando arquivos MP3 todo feliz e contente em um programa parecido com o Napster só que também baixava filmes e outros arquivos. Logo pensei: resolvi meus problemas. Mas foi pura ilusão. Não consegui encontrar nenhum santo programa que resolvesse a minha angústia. Foi quando lembrei de recorrer a vocês! Por favor, me ajudem a encontrar uma saída para meus pesadelos... Onde eu encontro um milagroso programa desses? Por favor, estou desesperado!

Rodolfo Galego
rodolfo.tempos@uol.com.br

Muita calma, rapaz. Existem dois programas muito bons para o que você quer. O primeiro é o LimeWire, um cliente Gnutella que baixa todo o tipo de arquivo. O outro é o MacSatellite, cliente do site AudioGalaxy. Você vai encontrar uma entrevista com seu criador nas próximas páginas.

Comunidade FileMaker

Com o objetivo de integrar a comunidade de usuários do FileMaker que falam língua portuguesa, acaba de ser criado o Users Group Filemakerbrasil. Comunidade esta que será estendida também a Portugal e países da América Latina. Somos no Brasil uma comunidade pequena, porém atuante e que precisa ser melhor atendida por aqueles que hoje são os responsáveis por nos atender. Para se cadastrar no Filemakerbrasil envie uma email para claudio@fdstrade.com.

Cláudio Roberto Heidemann

Tá dado o recado. Filemakeristas lusoparlantes, uni-vos!

Lista de jogos

Pra quem gosta de games, foi criada uma nova lista de discussão para trocar jogos, dicas etc. O endereço da lista é gamesforMac@yahoogrupos.com.br. Para assinar: gamesforMac-subscribe@yahoogrupos.com.br. O email do proprietário da lista é gamesforMac-owner@yahoogrupos.com.br

Francisco Pires – Rio de Janeiro
xico@pobox.com

O recado está dado. Gamemaníacos vagabundistas, uni-vos!

OpenOffice para Mac OS X

Gostaria de sugerir que vocês indicassem no site, ou mesmo na revista, o endereço para os programadores que desejam contribuir no desenvolvimento da versão do OpenOffice para Mac OS X. O endereço é http://porting.openoffice.org/Mac

Oton Marques Jr
oton.jr@uol.com.br

Tá dado o recado. Opensourcistas macmaníacos, uni-vos!

Outlook e acentuação

Não encontro uma explicação para o fato de algumas das mensagens que recebo através do Outlook conterem erros na grafia. Caracteres como "ç", "ã", "õ", a maioria acentuados, são substituídos por símbolos que não fazem parte do nosso vocabulário usual, o que atrapalha bastante a leitura. Sinceramente, enche o saco ficar decifrando as palavras para construir uma frase. Clamo por uma solução.

Fabio Reis
publi_co@mac.com

A solução é: escrever emails sem acentos! O problema não está no Outlook, mas nos computadores que formam a tal da Internet. Não há como saber por onde seu email passa do momento que ele sai da máquina da pessoa que o escreveu até chegar na sua. Basta um servidor de email

Índice

4 *Cartas*
8 *Mac na Mídia*
12 *Tid Bits*
18 *Que Mac Eu Compro?*
28 *Workshop: Botões Aquosos*
30 *Simpatips*
32 *Workshop: FreeHand, Illustrator e CorelDRAW*
34 *Diga-me o seu signo...*
36 *Mac OS 9.1 BR*
40 *Monitor Sony Multiscan G520*
42 *Bê-A-Bá: Fontes*
46 *Sharewares: Relógios*
49 *MacPRO*
54 *After Effects 5.0*
58 *Absynth*
66 *Ombudsmac*

Bomba do leitor



Explorer+ICQ = "n" janelas de bomba uma dentro da outra, infinitamente, formando uma pirâmide de janelas. Achei que não ia mais parar de aparecer, mas chegou uma hora que não cabia mais.

Juliano Vasconcellos
jcvasc@yahoo.com

mal configurado no meio do caminho para zoar completamente seus acentos. A boa notícia é que isso está cada vez mais raro. Mas às vezes acontece, e não há muito o que fazer.

Eu não caibo em mim!



Tá todo mundo dizendo que eu vou explodir de satisfação. Além de ter meus emails publicados, um deles ainda serviu de inspiração para que vocês criassem um espaço na revista, o "Mac Fashion". Eu não caibo em mim! Agradecimentos à parte, recebi "muitos" (15) emails de leitores interessados em mudar a cor de suas máquinas. Infelizmente, dois deles estavam bravos comigo, afirmando que não é possível trocar as partes de um iMac 333 MHz pelas partes do Graphite (Special Edition ou sei lá qual mais). Respondi a todos, explicando que a minha história era muito comprida, então vocês mudaram algumas coisas. Quando eu disse que meu iMac é preto, eu quis dizer "PRETO". A técnica é a mesma que se utiliza para escurecer lanternas de automóvel. Só que, por motivos desconhecidos ou "forças ocultas" (lembram do Jânio?), meu Mac desobedeceu uma lei básica das probabilidades (vermelho com preto = marrom) e, ao invés de ficar marrom ou fumê, ele começou a puxar para o ROXO. Desesperado, tratei de aplicar várias camadas, uma por cima da outra, até que por fim ele "pretejou" de vez. O resultado é bonito. Se colocado contra a luz "forte", o que em época de apagão está difícil, ainda é possível ver aquela armação de alumínio. Minha sugestão (se não for muita pretensão) é que vocês façam uma matéria ensinando aos leitores como mudar o visual das suas máquinas, inclusive as que não tiveram a felicidade de nascer coloridas como a minha!

Carlos Braglia
b3t3@uol.com.br

Em parte devido ao seu estilo literário ambíguo, em parte devido aos prazos apertados de fechamento, acabamos entendendo que você tinha trocado a carcaça vermelha do seu Mac por uma Graphite. Bom, a confusão está esclarecida. Parabéns pelo primeiro iMac azeitona da face da Terra.

CD-RW no Mac

Estava lendo a Macmania nº 83 e vi a matéria "fui mais rápido que o Jobs", que fala como Carlos Freitas conseguiu colocar um gravador de CD supostamente "apenas para PC" no Mac dele. Acho que tive um pouco mais de sorte. Comprei um Creative 8x4x32, instalei seguindo as instruções e pimba: deu certo. E tive mais sorte do que o Carlos, pois o Toast 4.1 reconheceu o gravador direitinho, consegui "bootar" pelo CD e ainda rolou em 8x sem problemas. Quanto à mídia CD-RW, ainda não testei, mas acho que já valeu...

Sheldon Chaves – Fortaleza (CE)
sheldonchaves@bol.com.br

Valeu a dica. Agora só falta avisar a Creative para eles colocarem o selinho do Mac OS nos gravadores deles.

Nosso telefone mudou
11-3253-0665

O macaco tá certo



Amiguinhos, eu e o Alexandre d'Albergaria, vulgo Xande (www.calvinone.net), fizemos essa brincadeira pra Macmania!

Jean Boëchat
www.boechat.com/tele

Scanner Kodak

Gostaria muito de agradecer a reportagem da edição 85 sobre o scanner Kodak RFS 3600. Graças a ela adquiri esse scanner, que foi fundamental para a queda dos custos da minha revista, pois gastava uma nota preta mandando os cromos para os bureaus. Sobre o scanner, gostaria de adicionar alguns novos comentários, pois algumas coisas mudaram no que se diz respeito desde que a edição 85 foi lançada, e que podem ser úteis para outros leitores da Macmania. Sobre os bugs comentados pelo Clicio, eles não ocorrem mais desde que você faça dois updates disponíveis no site da Kodak; um é o update do firmware e o outro é do plug-in para Photoshop. Após essas atualizações é possível utilizar o scanner com uma configuração de hardware até mais modesta que a normal (testei no iMac 233 MHz com 128 de RAM e sistema 9.0.4 da minha mãe) e funciona, inclusive, com o OS X. Antes do update de firmware, o scanner congelava se ligado e, após isso, não. Graças a esse scanner, reduzi muito o custo da minha revista. Trabalhei na extinta AppleStore1, onde era responsável pela loja virtual. Ao sair de lá, resolvi tocar um sonho pessoal de criar uma revista de nus de travestis e consegui. Hoje a empresa vai indo muito bem e sem nenhum PC por perto. Só Macs são utilizados aqui no escritório (4 no total) e nos nossos sites também não utilizamos PCs.
Enviei ontem pelo correio nossos três primeiros exemplares para que vocês dêem uma olhada (tomei a liberdade de incluí-los em nossa mala direta), e na edição 01 de nossa revista SuperT, uma de nossas modelos foi fotografada ao lado de um iMac DV. Ficaríamos lisonjeados se pudessem publicar uma das fotos na seção "O Mac na Mídia".

Douglas Rodolfo
douglas@supert.com.br

É gratificante saber que a Macmania ajudou alguém a realizar um sonho pessoal. Para nós, essa é a razão de ser dessa plataforma.

Solução para o Cubo

Li a carta de Luiz Lopes na Macmania nº87, onde ele relatava estar sofrendo do problema de liga/desliga do Cubo em que a Macmania sugeria que o leitor fosse "já pra assistência". Caro Luiz, eu sofri do mesmo problema com o meu Cubo, e recomendo que você não procure assistência nenhuma. Pelo que aprendi enquanto buscava soluções para o meu Cubo, o problema se deve ao fato do Cubo se aquecer a ponto de o seu "botão" liga/desliga (que é térmico) acionar-se sozinho. Procurei ajuda com a Apple Brasil, que primeiro disse desconhecer o problema, e depois alegou que "a única solução seria trocar todo o computador", para o que eu teria de esperar indefinidamente, até que "surgissem peças de reposição". Em suma: a assistência não podia me prestar assistência. A solução que eu utilizei (encontrada no site www.Macfixit.com) e que funcionou às mil maravilhas é a seguinte:
1. Tire o computador do *case* de plástico.
2. No fundo do *case* de plástico você verá o outro lado do "botão" liga/desliga (identificado facilmente pela borrachinha preta que há em volta dele).
3. Recorte de uma folha sulfite um quadrado de uns 2x2 cm (o suficiente para cobrir toda a área do "botão").
4. Cole o sulfite sobre o "botão" com um durex.
5. Recoloque o computador no *case*.
Pronto! Isso fará com que o "botão" fique menos sensível – é verdade que agora você vai precisar encostar nele para ligar, ao passo que antes bastava passar a mão sobre ele, mas pelo menos seu computador não vai mais desligar sozinho.

Paulo Rocha
pfrocha@uol.com.br

O que é a tecnologia, hein!? Dica maravilhosa! Outra solução, descoberta por um dos nossos colaboradores, é dar uma lixadinha nas rebarbas que ficam ao redor do sensor. Dá uma melhorada no problema e ainda mantém a sensibilidade.

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte:
Tony de Marco e Mario AV

Patrono: *David Drew Zingg*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Departamento Comercial:
Artur Caravante, Francisco Zito

Gerência de Assinaturas:
Fone: 11-3253-3856

Gerência Administrativa:
Clécia de Paula

Circulação:
Stanic Consultores Associados

Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*

Capa: *Foto: Clicio*
Direção: Tony de Marco e Tom B
Modelo: Fabrizio Zini
Produção: Gabriela Pinesso, Renata Jay
Photoshop: Mario AV

Redatores: *Márcio Nigro, Sérgio Miranda*

Assistente de Arte: *Alessandro Fruk, Juliano Kirschner*

Revisora: *Julia Cleto*

Colaboradores: *Alexandre Boëchat, Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos H. Gatto, Carlos Ximenes, Céllus, Daniel de Oliveira, Douglas Fernandes, Fargas, Gabriel Bá, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, Jean Galvão, João Velho, Luciana Terceiro, Luiz F. Dias, Marcelo Martinez, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Orlando, Pavão, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Samuel Casal, Silvio AJR, Tom B*

Fotolitos: *Input*

Impressão: *Copy Service*

Distribuição exclusiva para o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 577
CEP 20560-000 – Rio de Janeiro/RJ
Fone: 21-879-7766

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda.*
Rua Itatins, 95 – Aclimação
CEP 01533-040 – São Paulo/SP
Fone/fax: 11-3253-0665

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
arte@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

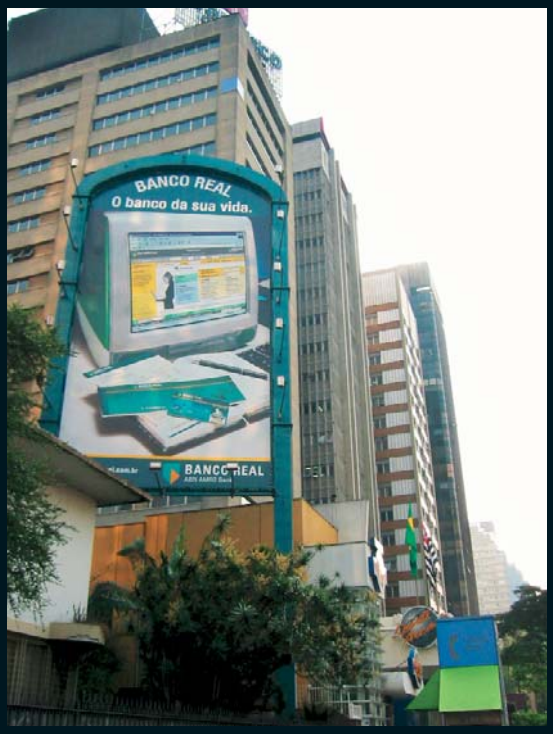
O Mac na Mídia

TONY DE MARCO



MULHERES NUAS COMBINAM COM iMACS?

Para a revista Playboy, a resposta é sim. A edição da "Garota Sukita" trouxe a croata Maja Jelenkovic desnuda diante do "desktop" e a marota legenda: "Ai, quanto trabalho por aqui..."



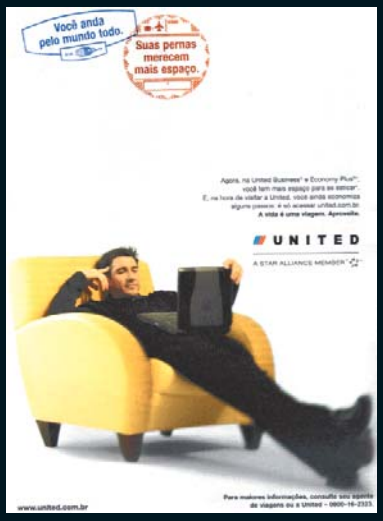
O MAIOR iMAC DO BRASIL

Fica na avenida Paulista, em São Paulo, coroando uma gigantesca propaganda do banco Real.



YES! NÓS TEMOS MAÇÃS

O cartunista Spacca cometeu um iMac com mouse de dois botões na propaganda do curso de inglês Alumni. Isso mostra que até os pecezistas reconhecem que as máquinas da Apple são mais charmosas.



VIAJE COM TRANQUILIDADE, FIQUE NA POLTRONA

A companhia aérea United bem que tentou disfarçar tirando o logo da Apple da tampa do PowerBook. É o famoso "Photoshop usado para o Mal™".



LARGANDO O CIGARRO E PEGANDO NO MOUSE

Nos ônibus de Rochester, NY, a GottaQuit.com apela para o bom senso. Faz sentido: todo mundo sabe que os computadores fazem mal às drogas.



MULHERES NUAS COMBINAM COM iMACS?

Bem, tecnicamente Ana Paula não é uma mulher, é um travesti. Mas isso não importa, o que importa é que a revista Super T mandou muito bem colocando um iMac junto da modelo. Melhor que isso, só o slogan deles: "A revista para o homem que sabe o que quer"

E o Emmy vai para... FireWire!



Não é sempre que uma empresa de tecnologia sobe em um palco para receber um **Emmy**. Semana passada, a Academia de Televisão, Artes e Ciências americana concedeu essa honra à Apple Computer (pela segunda vez; a primeira foi em 99, em consideração à campanha "Think Different"). Dessa vez, o motivo foi a tecnologia **FireWire**, que revolucionou a maneira de se fazer vídeo de uns anos para cá.

O FireWire tornou fácil e barata a tarefa de passar vídeo para o computador. De repente, ilhas de edição de milhares de dólares puderam ser substituídas por câmeras digitais e computadores. O impacto foi grande. Sem o FireWire não haveria "A Bruxa de Blair". Nem a possibilidade de um jornalista de TV gravar e editar suas próprias matérias em um laptop, para depois enviar para a emissora pela Internet, como faz no Brasil o Canal 21.

O nome técnico é IEEE 1394. FireWire é o "nome fantasia" dado pela Apple. A Sony chama a mesmíssima tecnologia de i.Link e a utiliza pervasivamente em seus produtos. Até mesmo o PlayStation 2 tem uma porta FireWire (perdão, i.Link) que permite ligar quatro consoles para jogos multiplayer.

Criado por engenheiros da Apple no ínicio da década de 90, o FireWire é uma interface serial de alta velocidade (até 400 Mbits/s) que permite interligar até 63 dispositivos (computadores e periféricos), que podem ser conectados e desconectados "a quente" (durante o funcionamento). Como permite transferência síncrona de dados, é ideal para transmitir sons e imagens sem que eles sejam interrompidos ou distorcidos.

Mas não é apenas para ligar PCs com câmeras de vídeo que serve o FireWire. Já existem gravadores de CD, discos rígidos, impressoras e scanners profissionais compatíveis com essa interface. Todos os computadores fabricados hoje pela Apple vêm com porta FireWire. Entre os PCs, fabricantes como Compaq e Sony têm estimulado sua adoção e, com a chegada de placas FireWire PCI relativamente baratas, a tendência é a coisa se expandir.

A Intel, que inicialmente era uma das apoiadoras do IEEE 1394, resolveu no final da década passada investir em uma alternativa a ele, o USB 2.0. Versão anabolizada do atual USB, a 2.0 promete ir a velocidades de 480 Mbits/s. A esperança da Intel é que o USB 2.0 se consolide em 2002. Mas, até lá, já devem estar definidas as especificações do FireWire 2 (ou melhor, IEEE 1394b) com velocidade de 800 Mbits/s ou superior. Por enquanto, a Apple não deu nenhum sinal de que irá adotar o USB 2.0 em seus equipamentos.

Mac OS 9.2.1 conecta direto com iDisk

O **Mac OS 9.2**, lançado na Macworld Expo de Nova York, estava presente apenas nos novos G4, não havendo opção de download para outros modelos. Agora isso mudou. A versão 9.2.1 pode ser baixada de graça da Internet e atualiza até mesmo o Mac OS 9.1.

Segundo informações da Apple, as principais mudanças do update são o aumento de velocidade do Finder e da inicialização do ambiente Classic no Mac OS X, melhorias no painel de controle Multiple Users (Múltiplos Usuários) e um novo menu Windows com vários atalhos de teclado.

Entre as novidades do update, um aumento de velocidade ao iniciar

Outra novidade é a possibilidade de salvar um arquivo diretamente no iDisk, usando um atalho (Conectar ao iDisk) próprio na caixa de diálogo Abrir/Salvar.

O download pode ser feito no novo site AppleCare Knowledge Base (que necessita de um *login* e senha).

AppleCare Knowledge Base: www.apple.com/support

Yes, nós temos programas em português

Não é preciso ser brasileiro para querer fazer um software para Mac OS X em português. Provando que nacionalizar programas no OS X é bem mais fácil do que nos sistemas anteriores, algumas empresas estão criando aplicativos traduzidos para o nosso idioma, utilizando mão de obra brasileira.

O **VisualRoute**, da Visualware (uma empresa americana), é um *traceroute* (programa para analisar problemas de conectividade na Internet) que apresenta um mapa com o caminho percorrido do seu computador até o site desejado. O software foi traduzido para o português aqui no Brasil e é compatível com o Mac OS X. Ele é vendido em duas opções: para uso pessoal e servidor.

Versões brasileiras do VisualRoute e Massinova rodam no X

O **Massinova.dock** é um dockling (acessório do Dock) que acessa uma rádio virtual de música techno. O criador do aplicativo, Timothy Hatcher, encontrou pela Internet um brasileiro que o ajudou a fazer a localização do programa. "Eu simplesmente escrevi um email para ele, que ficou muito feliz de fazer a tradução para mim", contou Hatcher.

VisualRoute: www.visualroute.com

Massinova.dock: http://massinova.com/dockling

Iomega e Apple
de mãos dadas no Brasil

A Iomega abriu um escritório no Brasil no ano passado e, com o lançamento de um novo produto no mercado, o **Peerless**, voltou a investir na plataforma Mac no país, fechando acordos de parceria com a Apple Brasil para divulgação e promoções de produtos voltados para o Mac.

Wallace Santos, gerente da Iomega Brasil, afirmou que a idéia dessa união entre as duas empresas é para "saber o que a Apple Brasil quer fazer e em que a Iomega pode ajudar". Para atingir esse objetivo, várias mudanças foram feitas. "Trocamos o nosso distribuidor no Brasil, que agora é a Darck. Durante os últimos dez anos, quem vendia nossos produtos aqui era a Controle. Com a nova distribuidora, estamos querendo ampliar a oferta de produtos para Mac, não ficar só focado no mercado PC. Inclusive, a idéia é trazer mais discos como Zip e Peerless já formatados para Mac", contou Wallace.

Em outubro, a Iomega vai inaugurar um *call center* para tirar dúvidas de usuários. A empresa promete para breve uma série de promoções e descontos nos produtos. Além disso, Wallace disse que pretende diminuir a defasagem de lançamento de produtos no Brasil. "Nossa meta é de três meses de diferença para os Estados Unidos", afirmou.

O Peerless é uma unidade de armazamento dirigida, para o pessoal que trabalha principalmente com arquivos grandes e precisa de mobilidade. "O disco de 20 GB na base FireWire, por exemplo, é ideal para edição de vídeo", disse. O Peerless, por enquanto, será vendido em duas opções: USB 1.1 (a versão USB 2.0 deve sair no final do ano) e FireWire (que chegará até outubro no Brasil). O preço da versão USB é de R$ 1.599 (base, interface e cartucho de 20 GB) e só o disco sai por R$ 729.

Iomega: www.iomega.com



Parceria entre as empresas na área de promoções e campanhas de marketing

Universidade do Macintosh



Centro de desenvolvimento digital tem cursos para os macmaníacos cariocas

O Rio de Janeiro ganhou mais um centro de cursos autorizado Apple. A **Universidade Veiga de Almeida** (UVA) oferece 24 cursos em Macs para macmaníacos, passando desde o básico Mac OS até edição de vídeo digital.

O Centro de Desenvolvimento Digital é equipado com Macs G4 e iMacs DV, oferecendo treinamento nos programas mais utilizados no mercado gráfico e de vídeo digital, como Illustrator, iMovie, Flash, Final Cut Pro e QuickTime. Além disso, há vários equipamentos para os alunos utilizarem na prática, como scanners, câmeras digitais e acesso a Internet.

O preço dos cursos varia de R$ 60 a R$ 800 (alunos da universidade têm 20% de desconto).

Veja a lista dos cursos oferecidos.

Macintosh – Introdução (R$ 60)
Mac OS 9 – Sistema Operacional (R$ 300)
Mac OS X – Sistema Operacional (R$ 60)
REALbasic – Linguagem de Programação (R$ 640)
Java 2 – Linguagem de Programação (R$ 420)
Vídeo Digital – Introdução (R$ 60)
iMovie – Edição de vídeo (R$ 60)
QuickTime – Edição de vídeo (R$ 60)
JavaScript – Linguagem de Roteiros (R$ 420)
Apple Final Cut Pro – Edição de vídeo (R$ 800)
Adobe InDesign – Editoração Eletrônica (R$ 600)
Adobe Illustrator – Ilustração Vetorial (R$ 600)
Adobe Photoshop – Tratamento de Imagens (R$ 600)
Apple ColorSync – Gerenciamento de Cor (R$ 60)
Scanner – Digitalização de Imagens (R$ 60)
Imagem Digital – Tratamento de Imagens (R$ 800)
Introdução à Web – Conceito para Internet (R$ 60)
Design para Web – Fundamentos (R$ 320)
Macromedia FreeHand – Ilustração vetorial (R$ 560)
Macromedia Fireworks – Edição de imagens (R$ 560)
Macromedia Dreamweaver – Montagem de Websites (R$ 600)
Macromedia Flash Designer – Animação e Interatividade (R$ 700)
HTML – Linguagem de Hipertexto (R$ 240)
DHTML, CSS e CGI – Linguagem de Hipertexto (R$ 280)

O centro de treinamento fica nos *campi* da UVA, Tijuca (Rua Ibituruna, 108, tel: 21-2574-8800 ramal 251 e 0800-246172) e Barra (Rua Gen. Felicíssimo Cardoso, 500, tel: 21-3325-2333).

Adeus, Kaleidoscope

Programa que muda a interface do Mac OS clássico não terá versão para o OS X

O **Kaleidoscope**, o popular programa para mudar a aparência do Mac OS, desde as janelas até os ícones do sistema, não será mais atualizado. Os seus criadores, Greg Landweber e Arlo Rose, afirmaram que não pensam em desenvolver uma nova versão do programa e nem torná-lo compatível com o Mac OS X. A decisão dos dois contraria uma afirmação colocada no site de Perguntas Mais Frequentes (FAQ) do programa, onde se lia que eles trabalhavam no desenvolvimento de uma versão do Kaleidoscope para o Mac OS X. Segundo Rose, a última versão disponível do Kaleidoscope é a 2.3.1 e os usuários registrados continuam tendo direito ao suporte técnico.

Kaleidoscope: www.kaleidoscope.net



Quicken 2002 volta "carbonizado"

Quem é vivo sempre reaparece! A Intuit anunciou o lançamento do **Quicken 2002**, nova versão para Mac de seu conhecido programa de gerenciamento financeiro, que agora roda nativamente no Mac OS X.

Programa de finanças da Intuit agora é compatível com Mac OS X

O Quicken sempre foi um programa popular no Mac, mas já fazia um bom tempo desde a última atualização para os macmaníacos. Ao que parece, isso mudou com o Mac OS X. O Quicken 2002 terá uma nova interface, mais estabilidade e novas funções que, garante a Intuit, deixarão o programa mais fácil de usar. Além disso, a nova versão (que também será compatível com o Mac OS 9.x) permite atualizar as informações financeiras do usuário pela Internet. O Quicken 2002 custa US$ 60 e usuários registrados têm um desconto de US$ 20 na compra da atualização.

Intuit: www.quicken2002.com/mac

Mac OS X em máquinas sem G3

A batalha para utilizar o Mac OS X em Macs não-G3 continua. Depois de conseguir criar um método para instalar o sistema em máquinas antigas, o desenvolvedor Ryan Rempel agora facilitou a vida de todo macmaníaco dono de um Mac antigo, criando um programa para instalar o sistema.

Programa faz todo o "trabalho sujo" para instalar o OS X em Macs antigos

O software, chamado de **Unsupported UtilityX**, faz em três cliques do mouse toda a preparação para conseguir fazer o Mac "bootar" pelo CD do OS X e copia os arquivos necessários para a instalação do sistema sem a necessidade de criar diversas partições e fazer malabarismos mirabolantes. O programa também serve para, depois da instalação, "bootar" o Mac OS X.



Porém, esse programa não é perfeito e à prova de falhas, como ressalta seu criador. Os Macs que são "compatíveis" são os Power Macs 7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500 e 9600, assim como seus clones. Todas as instruções (em inglês) estão disponíveis no site do programa. Não esqueça de fazer becape de todos os seus arquivos importantes antes de tentar essa instalação.

Unsupported UtilityX:
http://eshop.macales.com/OSXCenter/Download/UnsupportedUtilityX.img.sit

Tire as melhores fotos do Mac OS X

Cansado de usar o programa Grab para tirar "fotos" do Mac OS X para mostrar aos amigos? A Ambrosia Software disponibilizou seu programa **Snapz Pro** para OS X, que permite fazer telas do sistema mais facilmente e também salvar filmes em formato QuickTime.

Snapz Pro traz de volta o atalho de teclado para fotografar a tela

Diferente do Grab (o capturador que vem com o OS X), o Snapz Pro fica ativo o tempo todo e possibilita bater as fotos com atalhos de teclado (como o tradicional ⌘ Shift 3). Além disso, ele salva as telas com vários formatos (.bmp, .pict, .gif, .jpg, .png, .tiff, .pdf ou arquivos de Photoshop) e pode gravar uma cena de um jogo ou filme em formato QuickTime. As imagens geradas pelo Snapz Pro X podem vir prontas para Web, assim como os filmes.

O programa foi totalmente reescrito para o OS X e utiliza todas as novas tecnologias embutidas no sistema. Custa US$ 29 (a versão para capturar filmes custa US$ 49). Usuários registrados têm um desconto de US$ 10 no preço.

Ambrosia Software: www.AmbrosiaSW.com

Novos iMacs?





A Apple não lançou o revolucionário iMac G4 de tela plana com SuperDrive que queima CDs, DVDs e minipizzas? *No problemo*, gente criativa é o que não falta nessa plataforma. Veja só o que uma busca rápida na Internet achou.











Serve como uma luva

Meta a mão no Mac com uma luva de realidade virtual

Você acha esse negócio de mouse muito ultrapassado? Quer ter uma interatividade diferente com seu Mac? Então talvez esteja na hora de experimentar uma luva de realidade virtual. A **P5**, da Essential Reality, pode ser usada não só para jogos como também para difentes aplicativos, como programas musicais, substituindo completamente o mouse. Basta imaginar um teclado flutuando no ar e ficar "tocando as teclas" que aparecem na tela do computador. O fabricante afirma que é possível até navegar na Internet com a luva, acessando os links com um simples apontar de dedo. No site da empresa há vários filmes em formato QuickTime demonstrando todas as utilidades da P5.

Segundo a Essential Reality, a P5 é compatível com o Mac OS 9.x e também com o OS X e usa a interface USB para se conectar ao computador. O preço da luva virtual é de US$ 129.

Essential Reality: www.essentialreality.com

Animação em 3D para Web

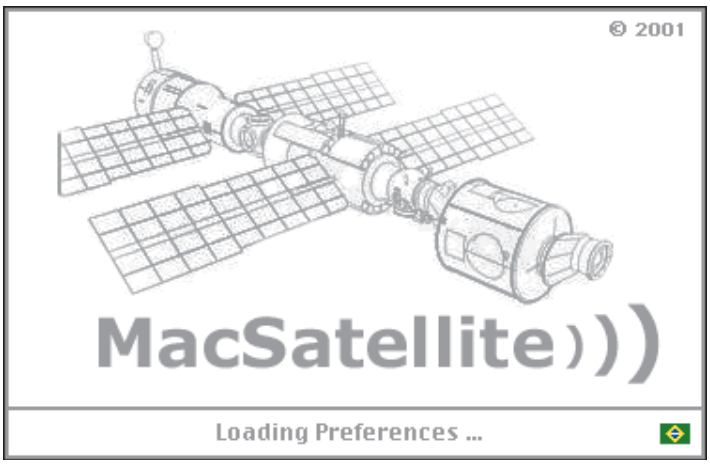
A Strata assinou um contrato de parceria com a Electric Rain para adotar a tecnologia **RAViX II,** que permite converter as imagens 3D em desenhos vetoriais 2D texturizados. Qual é a vantagem disso? Simples: ao transformar os arquivos, eles se tornam compatíveis com programas para animação como o Flash da Macromedia ou o LiveMotion da Adobe. Basta criar um desenho 3D no Strata e depois, usando o plug-in RAViX II, exportar para o formato .SWF (do Flash) ou então para programas de desenho vetorial, como Illustrator e FreeHand, para impressão. O plug-in, segundo a Electric Rain, preserva a qualidade dos gradientes e detalhes das texturas 3D criadas pelo Strata.

Embora o acordo já tenha sido assinado, as empresas não informaram qual será a data de lançamento do novo plug-in, que estará disponível apenas na versão Pro do Strata 3D (que é comercial). Segundo a Electric Rain, essa é a primeira vez que o RAViX II será embutido num software de terceiros.

Strata: www.strata.com

Electric Rain: www.erain.com

Mac Hacker



Depois que o Napster morreu (alguns dizem que ele não está morto, apenas dormindo), os macmaníacos ficaram meio órfãos e muitos tiveram que apelar para programas de PC para encontrar MP3 na Internet. Mas, finalmente, surge uma nova boa alternativa: o cliente **MacSatellite** do **AudioGalaxy**, que antes só tinha versão para Windows. O responsável pelo MacSatellite (você pode baixá-lo em www.versionracker.com) é o brasileiro Eduardo Foster, da Overcaster.

Brasileiro traz o Mac de volta ao mundo do troca-troca de MP3

Ele também foi responsável pelo Rapster, um dos primeiros clientes de Napster para Mac.

Eduardo é um verdadeiro hacker macmaníaco, no sentido original do termo. (Hacker é o cara que domina as entranhas do computador e não sinônimo para invasor de redes, significado que foi impingido ao termo pela mídia e por Hollywood. O nome correto para esse tipo de sujeito é *cracker*).

Pois é, Eduardo é "hacker que faz". Em vez de ficar esperando a boa vontade dos programadores do AudioGalaxy, fez uma rápida engenharia reversa no programa e lançou sua versão "não oficial" para o Mac."Antes de começar a portá-lo, eu pedi para que o protocolo fosse liberado para poder haver um versão para Mac, só que até hoje não houve retorno. Acho que eles já devem ter conhecimento do MacSatellite, mas ainda não entraram em contato comigo", diz Foster. "A maior dificuldade foi descobrir qual era o protocolo do Satellite, isto é, como ele faz para se comunicar com o servidor. Tive que instalá-lo em um PC e usar um *sniffer* para ver como era a comunicação. O resto foi simples. A versão para o Mac OS X é a mesma do Classic. Nunca utilizei a versão para o OS X e não tenho como testá-la, por isso não posso dar suporte aos seus usuários."

A verdade é que foi preciso um brasileiro para fazer a comunidade Mac voltar ao mundo do compartilhamento de músicas pela Internet. "Acho que os programadores de Mac estão mais preocupados com o Mac OS X no momento, em testar novas ferramentas, testar o próprio sistema, e com isso eles talvez estejam sem tempo para se dedicar a portar programas de troca de MP3. Eu me interessei porque é muito complicado encontrar músicas brasileiras no Hotline, muito utilizado pelos americanos. Acho que isso foi o que mais me incentivou a portar o Satellite para o Mac."

Sem espiões

O MacSatellite traz uma grande vantagem em relacão à versão Windows: não vem com *spyware*, programinhas que são instalados juntos com o Satellite de PC que transmitem dados do usuário pela Internet. Em pouco tempo, já era um dos programas mais baixados dos principais sites de download de software para Mac. Chamar o sistema do AudioGalaxy de programa é até um exagero. A principal interface dele é o próprio site (www.audiogalaxy.com), onde você busca as músicas e vê sua disponibilidade na rede. O Satellite é apenas o programa que faz a conexão e executa o download, tendo apenas um botão, que abre o browser no site do AudioGalaxy. Espartano é apelido. Mas o que importa é que o bicho funciona. É bem mais eficiente do que o Napster, pois procura automaticamente o melhor computador na rede para baixar uma determinada música e, se ele sair do ar começa a baixar do próximo na lista.

AGSock Error

O maior problema do AudioGalaxy é a constante sobrecarga do site que coloca o MacSatellite fora do ar boa parte do tempo, com um lindo "AGSock Error 101". Ser o sucessor do Napster não é para qualquer um. Aliás, resta a dúvida sobre quanto tempo vai demorar para a indústria fonográfica cair em cima do AudioGalaxy, como fez com o Napster.

Foster começou a mexer com Mac quando estava no segundo ano do colégio. "Meu interesse sempre foi a programação em Mac. Comecei baixando alguns compiladores. Achei um que se chamava CrossBasic (atual RealBasic). Foi o que mais me interessou, por permitir fazer programinhas simples em pouco tempo. Nessa mesma época eu e um amigo fundamos a Overcaster e chamamos a Roberta (Zouain, colaboradora da Macmania). Foi quando começamos a trabalhar em um editor de HTML (Overcaster Do It Yourself) na intenção de lançar uma ferramenta que ajudasse os iniciantes a aprender HTML. Depois disso, continuamos fazendo nossas coisinhas, até que veio a idéia do Rapster e, agora, o MacSatellite. No momento, não estou trabalhando em nenhum projeto por falta de tempo, por causa dos estudos. Mas temos alguns projetos na cabeça que são bem legais e que um dia sairão do papel."

Apesar de até hoje não ter ganhado dinheiro programando para Mac, Eduardo acredita que é uma área de futuro. "É um mercado onde você tem chance de conseguir seu espaço, diferente dos programadores de PC, entre os quais a oferta é muito grande. O ideal é começar como eu. Brincando, fazendo coisas para o seu próprio uso e, aos poucos, ir incrementando e aprendendo. O importante é achar buracos para poder lançar programas que o cubram, como no MacSatellite. Eu nunca ganhei nenhum centavo, mas tomara que dê para ganhar, pois é a área na qual eu desejo seguir."

Overcaster: www.overcaster.net



que mac eu compro?

Um pequeno guia para quem está chegando agora ao maravilhoso mundo do Macintosh

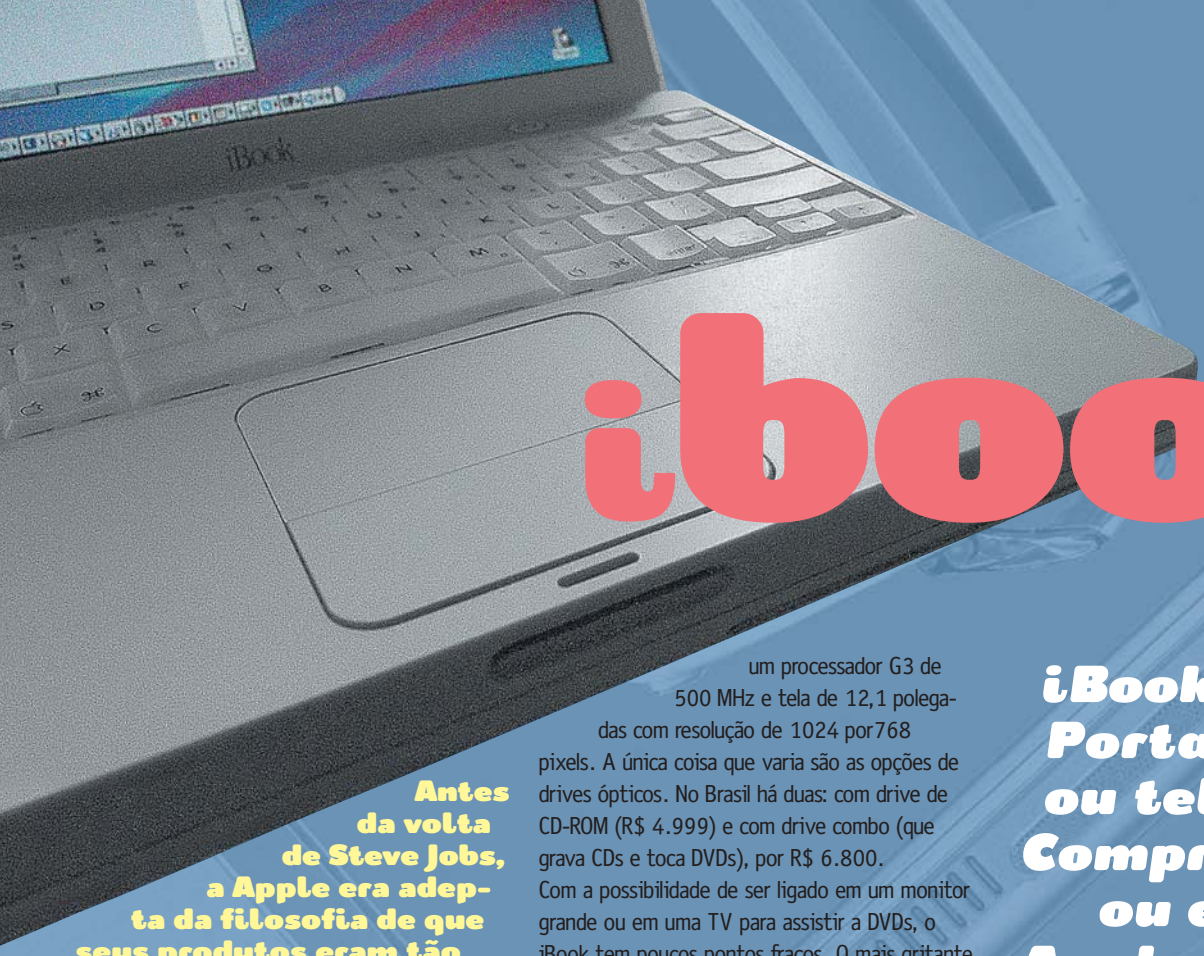
Explique melhor a sua situação. *Você está interessado em comprar um Mac, mas não conseguiu chegar à conclusão (ou não tem a menor idéia) sobre qual é a melhor opção para o seu caso. É isso? Você tem sorte, caro leitor. Há alguns anos, nos tempos em que as máquinas da Apple eram bege, escolher um Mac era muito mais difícil. Além do fato de todos os Macs terem a mesma cor, os modelos tinham nomes complicados como "8100/132", "9600/300", "Performa 6400/180" e coisas do tipo. Hoje em dia, tudo é mais fácil. O mundo dos macmaníacos ficou mais colorido e as linhas de produtos tornaram-se bem distintas, visual e funcionalmente.*

Atualmente, os computadores de mesa (desktop) da Apple estão divididos em apenas dois grupos – iMac e G4 – e a linha de portáteis é separada entre iBooks e PowerBooks. No limbo encontra-se o Cubo, que não empolgou e saiu de linha, mas ainda pode ser considerado um Mac com bom poder de fogo.

Qual levar para casa? A resposta a essa pergunta depende basicamente de dois pontos: do que você precisa e quanto você está disposto a gastar. Vamos analisar melhor cada Mac para que você possa entender o que os vários modelos oferecem.



Por Márcio Nigro
Fotos Clicio, Mario AV
e Tony de Marco



iBook

Antes da volta de Steve Jobs, a Apple era adepta da filosofia de que seus produtos eram tão bons que isso justificava o seu preço alto. Bem, essa mentalidade quase levou a empresa para o buraco durante os "anos negros" (1995-97).

Ironicamente, com a volta de Jobs e o lançamento do iMac, a Apple acabou sendo salva justamente pelos usuários domésticos, que se importam muito mais com o preço do que com as maravilhas que o computador pode fazer.

Então, já que o iMac tinha feito tanto sucesso, por que não tentar o mesmo com os laptops? Assim, surgiu o iBook, um portátil como nunca se tinha visto antes: simpático, jovial, colorido, potente e, o que é melhor, com preço acessível. Mais um sucesso de vendas, principalmente nos EUA, onde seu preço é extremamente atraente (US$ 1.300). De repente, passamos a ver o iBook em outdoors, filmes e seriados de TV, como "Felicity" (afinal, um dos focos do produto era o público estudantil).

Pois bem: os iBooks coloridos tiveram algumas versões, mas a Apple cansou das cores e entrou numa fase mais sóbria. Como resultado disso, saiu o iBook, que – para surpresa de muitos e desgosto de alguns – é inteiramente branco e segue o design do PowerBook Titanium. Ele também ficou mais compacto e poderoso, utilizando um processador G3 de 500 MHz e tela de 12,1 polegadas com resolução de 1024 por768 pixels. A única coisa que varia são as opções de drives ópticos. No Brasil há duas: com drive de CD-ROM (R$ 4.999) e com drive combo (que grava CDs e toca DVDs), por R$ 6.800.

Com a possibilidade de ser ligado em um monitor grande ou em uma TV para assistir a DVDs, o iBook tem poucos pontos fracos. O mais gritante é a virtual impossibilidade de se fazer um upgrade de disco rígido. Para trocar o HD do iBook é preciso desmontá-lo por inteiro, tirando mais de 40 parafusos, coisa que não é para qualquer um.

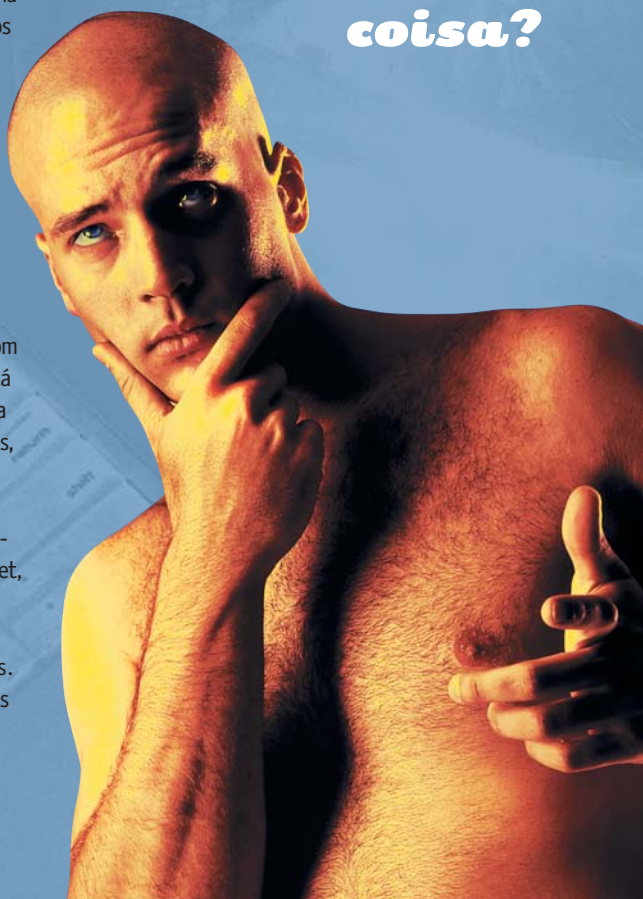
Usuários da primeira geração de iBook costumam torcer o nariz para o novo, e não é só pela falta de opções de cores. Apesar de maior e mais pesado, o iBook original tinha vários achados ergonômicos que foram perdidos na geração atual. O lugar onde você apoia as mãos é abaulado e confortável, e o botão do trackpad fica naturalmente sob o seu polegar. Ele abre e fecha sem necessidade de qualquer tipo de fecho. O plug de força acende com cores diferentes indicando se a bateria está carregando ou está carregada. E tem a alcinha de carregar, também. Por todos esses motivos, é um clássico.

O iBook é recomendado principalmente para estudantes e profissionais liberais que necessitem de mobilidade e queiram acessar a Internet, editar vídeo com o iMovie, ripar e tocar MP3 (DJs e afins), arquivar e editar imagens e, dependendo da opção, gravar CDs ou ver DVDs. Em outras palavras, serve para todas as tarefas cotidianas e muito mais.

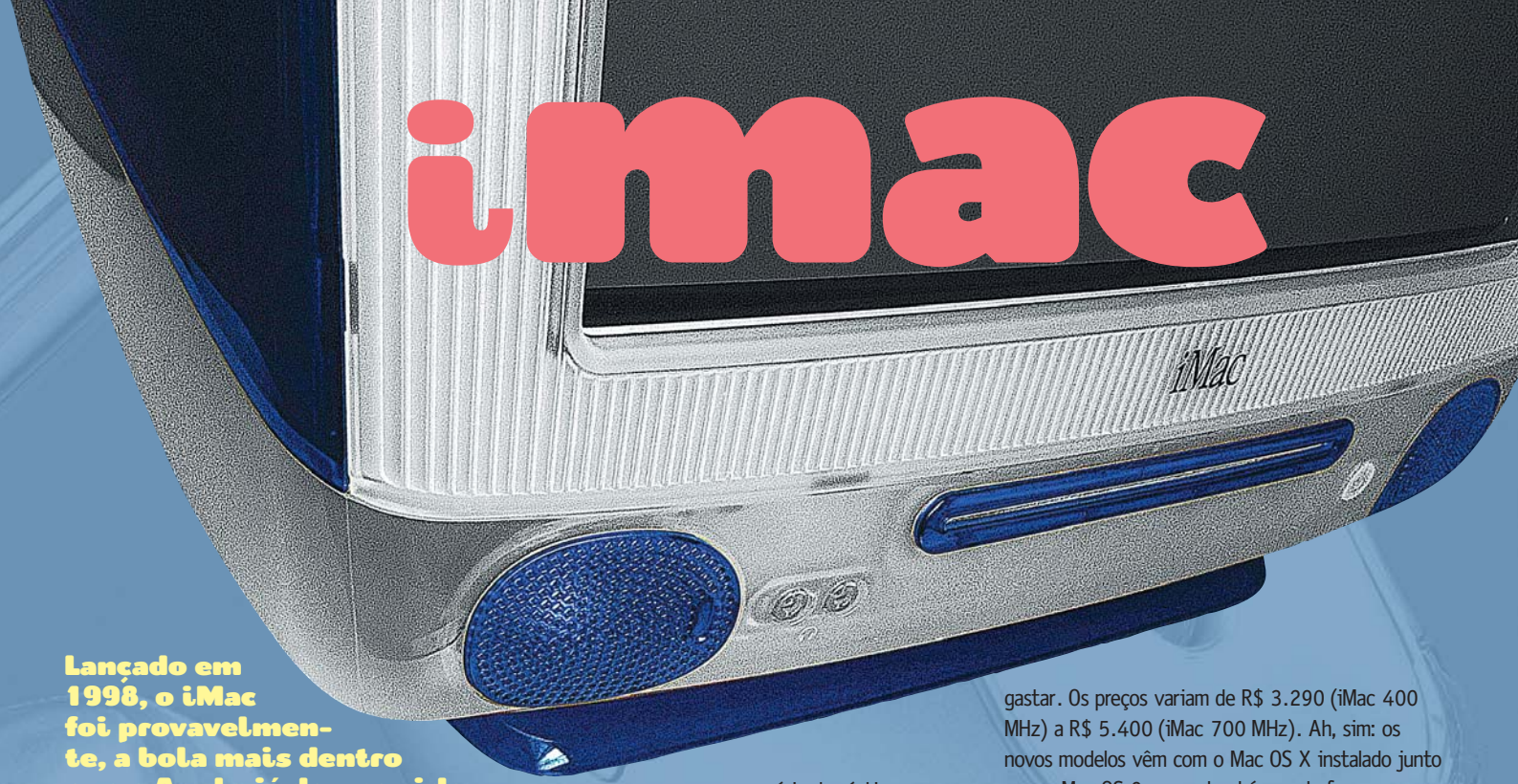
Além do mais, é o mesmo que a Felicity usa. Já é um bom argumento.

Pró Drive combo é o que liga!
Contra Design muito conservador; é quase impossível trocar o HD; risca muito fácil

iBook ou iMac? Portabilidade ou tela maior? Compro o branco ou espero a Apple lançar um colorido? "iMac de tela plana" e iBook não seriam a mesma coisa?



iMac



Lançado em 1998, o iMac foi provavelmente, a bola mais dentro que a Apple já deu na vida.

Ele literalmente revolucionou a concepção do computador pessoal, oferecendo um gabinete que – além de ser bonito, pequeno e colorido – continha tudo: do monitor aos alto-falantes. Foi também o iMac que inaugurou oficialmente a era do USB, tecnologia da Intel que hoje é um padrão estabelecido de conexão de periféricos em Macs e PCs, mas que na época nenhum fabricante de computador tinha culhão para implementar. Para complementar, botar o iMac para funcionar era (e ainda é) tão fácil quanto convencer seu filho a jogar videogame. O resultado foi um sucesso de vendas estrondoso e, até hoje, o iMac constitui um dos produtos-chave da Apple.

O iMac original tinha um processador G3 de 233 MHz. Os modelos mais atuais, lançados em julho nos EUA e chegando agora ao Brasil, são os de 500 e 600 MHz e o Special Edition de 700 MHz. Todos contam com processador G3, modem 56K, duas portas FireWire, duas USB e interface de rede Ethernet. A cereja por cima disso tudo é o gravador de CD-RW, com velocidades de 8x4x24 (grava CD-R em 8x, CD-RW em 4x e lê CDs a 24x). Com isso, dá para queimar seus becapes e CDs de áudio sem traumas, com a ajuda de programas que já vêm com o Mac OS: Disc Burner e iTunes.

Devido às suas características compactas e design elegante, o iMac é o computador ideal para o usuário doméstico que usa processador de textos, navega na Internet, recebe e envia emails, vê filmes com o QuickTime e ainda quer fazer os amigos pecezistas morrerem de inveja.

O iMac é pequeno, mas é poderoso. Se você quer criar filmes, ligue uma câmera de vídeo digital na porta FireWire, abra o iMovie (que vem junto com a máquina) e comece a editar filmes bacaninhas sem grande esforço. Como a edição de vídeo pode consumir bastante espaço em disco e também tempo de processamento, talvez seja recomendável partir logo para o iMac Special Edition de 700 MHz, que vem com disco de 60 GB, enquanto os outros dois oferecem 40 GB (600 MHz) e 20 GB (500 MHz). De qualquer modo, o iMovie vai funcionar legal em qualquer um deles.

Chegando agora a 700 MHz, a nova linha de iMacs aguenta qualquer parada. Não se iluda por ele ter "só" um chip G3. Tirando os programas que fazem proveito do AltiVec (como Photoshop, Final Cut e alguns programas de áudio, vídeo e computação gráfica), o desempenho do G3 fica pouco aquém do G4.

Além de processadores mais rápidos, mais memória e mais disco, não há quase nenhuma diferença entre a nova linha de iMacs e sua antecessora. A mais notável é a ausência dos modelos Flower Power e Blue Dalmatian, que agora se tornaram exemplares de colecionador. Ou seja, o principal fator de decisão é quanto você quer gastar. Os preços variam de R$ 3.290 (iMac 400 MHz) a R$ 5.400 (iMac 700 MHz). Ah, sim: os novos modelos vêm com o Mac OS X instalado junto com o Mac OS 9, o que também pode fazer uma diferença, já que, mais dia menos dia, você terá que migrar para o novo sistema.

O iMac também pode ser uma mão na roda para os designers que não necessitem de alto poder de processamento, rodando bem programas como Photoshop, Illustrator, FreeHand, Dreamweaver, Flash e outros do gênero. Caso você ache o monitor de 15 polegadas muito pequeno para o tipo de trabalho que realiza, é possível conectar outro na porta de saída VGA, que faz o espelhamento da imagem do monitor embutido.

Há rumores de um novo e revolucionário iMac com tela plana sendo gestado nos laboratórios secretos da Apple, mas nada de concreto se sabe sobre ele, nem se ele seria lançado ainda este ano.

Como não é uma máquina expansível (com exceção do HD e da RAM), o iMac definitivamente não serve para quem precisa instalar placas de vídeo, áudio e interface SCSI, como é o caso de produtoras de áudio e vídeo. O chipset de vídeo dos iMacs (ATI RAGE 128) vem com 16 MB em todos os modelos, menos no de 400 MHz, que vem com 8 MB. Mesmo rodando bem os games mais exigentes da atualidade, ele é um chip com cerca de dois anos de idade, ou seja, na prática já é uma relíquia. Gamemaníacos mais exigentes podem tentar espremer um pouco mais a carteira e investir em um Power Mac G4, que vem com uma placa nVidia GeForce ou ATI Radeon.

Pró Compacto; bonito; prático; dá conta da maioria dos trabalhos
Contra Pouca possibilidade de expansão

power mac G4

Você quer poder de processamento e opções de expansão? Não pense duas vezes: G4 na cabeça. A boa notícia é que eles nunca estiveram tão rápidos. A má é que nunca estiveram tão caros. A alta do dólar pegou a Apple em cheio e praticamente eliminou a evolução dramática de preço/performance que a nova linha apresentou nos EUA. Em reais, os Power Macs ficaram cerca de 30% mais caros. Em dólar, o preço é praticamente o mesmo de quando a linha anterior chegou ao Brasil, no começo do ano. Ou seja, não é que os Macs ficaram mais caros: nós é que ficamos mais pobres.

Para o usuário profissional que não está no mercado de vídeo, a melhor pedida hoje é caçar um G4 733 MHz da linha antiga com CD-RW. Até o fechamento desta edição, ainda era possível encontrar esse modelo em algumas revendas Apple por R$ 7.323. Quem está interessado em queimar seus DVDs precisa correr para tentar pegar a promoção do G4 733 com SuperDrive, que caiu de R$ 11.990 para R$ 9.990. A promoção ia até o final de agosto, mas sabe como é: pode ter sobrado algum no estoque.

Na nova linha Quicksilver, a opção mais barata é o G4 de 733 MHz (R$ 7.300), que tem praticamente as mesmas características do antigo 733, só que com gravador de CD no lugar do SuperDrive, sem cache nível 3 e com um disco mais lento (5400 RPM).

Na verdade, a coisa não está tão ruim para quem quer começar a produzir seus DVDs. Por um preço um pouco menor que o do antigo Mac topo de linha, é possível adquirir um novíssimo Power Mac 867 MHz (R$ 11.638).

A coisa muda de figura para quem está atrás do Mac mais rápido da praça – geralmente, quem trabalha com computação gráfica ou edição de vídeo. O G4 Dual 800 MHz está saindo por salgados R$ 16.869. Claro que por isso você ganha dois chips de 800 MHz (que fazem muito mais sentido com o Mac OS X, que é capaz de dividir as tarefas entre os dois processadores), SuperDrive, HD de 80 GB e a placa nVidia GeForce2 MX com 64 MB e TwinView, duas saídas de vídeo que permitem conectar um monitor VGA e um ADC (Apple Display Connector) ao mesmo tempo.

No mundo PC, vários fabricantes já estão incluindo drives de DVD-R em suas máquinas, mas nenhuma chegou perto do desempenho e da facilidade de uso da dupla G4 + iDVD. Um estudo feito pela NTSL (empresa americana especializada em testes de produtos de informática) comparou o Power Mac G4 com iDVD e o Compaq Presario 7000 com DVD It!, ambos utilizando o drive de DVD-R da Pioneer. O G4 gravou um DVD 83% mais rápido e gastou 17min3s para converter o filme para o iDVD, enquanto o Compaq levou 44'27".

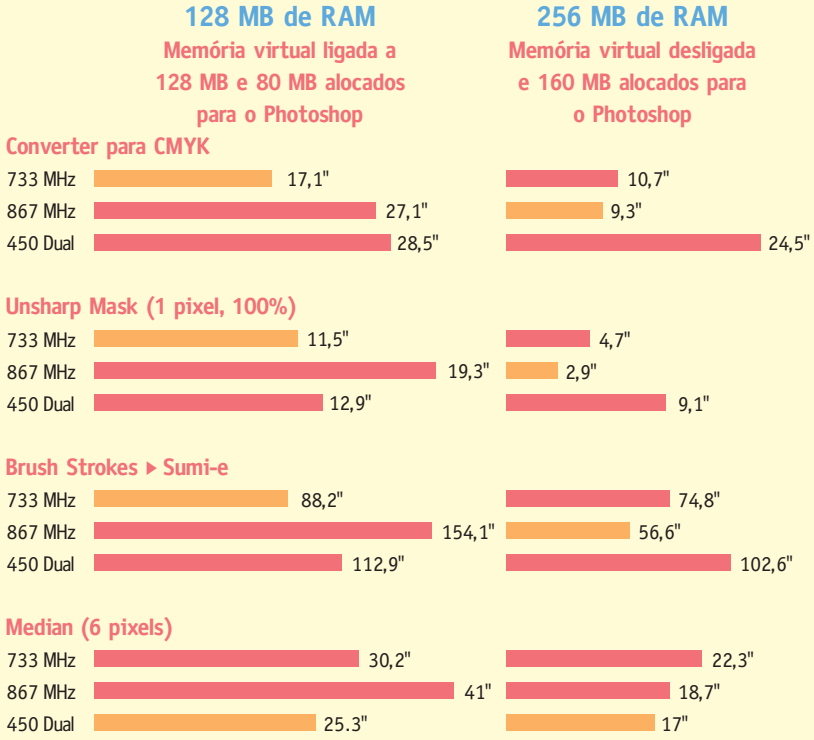
Interessados em fazer autoria de DVD que não pretendem vender o carro para poder entrar nesse mercado podem optar em comprar avulso o SuperDrive da Pioneer, também conhecido como Pioneer A03. A **Optical Memory** (11-255-2616) vende esse drive por US$ 1.299. Você pode trocar o drive de DVD ou CD-ROM de um G4 antigo por ele.

Comparação entre os G4

Colocar mais RAM pode fazer uma diferença maior do que gastar no Mac mais rápido

Photoshop 6.0

Imagem: 43 x 29 cm (página dupla de revista) a 300 ppi, RGB (49,8 MB)



As barras laranja indicam o melhor desempenho

Final Cut Pro 2.0

Selecionar e Render em duas imagens still (30s) na Timeline (a menor com Rotate)

867 MHz 1'29"
733 MHz 1'51"
450 Dual 1'18"

Selecionar e Render em duas imagens still (10s) na Timeline (a menor com Ripple)

867 MHz 2'40"
733 MHz 3'12"
450 Dual 1'43"

Logic Audio Platinum 4.6

(94 MB alocados, com um canal estéreo) número máximo de plug-ins iguais (Platinum Verb) abertos sucessivamente

867 MHz 13
733 MHz 11
450 Dual 12 (sem suporte a 2 processadores)
450 Dual 14 (com suporte a 2 processadores)

iTunes

Ripar para 128 kbps a faixa 4 (duração: 5'08") do CD "Sketches of Spain" de Miles Davis

867 MHz 47' (direto do CD)
867 MHz 31' (de arquivo AIFF)
733 MHz 42' (ambos)
450 Dual 44' (ambos)

Os três slots de memória agora estão escondidos atrás do enorme cooler, cada vez mais parecido com o de um PC





Com a mudança de motherboard, os conectores na traseira mudaram de lugar. Os plugs de áudio subiram e os USB desceram



O G4 Quicksilver tem a frente mais harmoniosa com a lateral que a geração anterior. Nada mais nele é colorido. O cinza domina



Pró Rápido; poderoso; expansível; grava DVD como ninguém

Contra Caro, cada vez mais caro



titanium

Pró É um G4 com tela de 1152x768 que dá para carregar a tiracolo
Contra É um produto 1.0; tem várias arestas a serem aparadas; esquenta muito

O PowerBook G4 Titanium não é apenas um portátil. É aquilo com que sempre sonhamos: um notebook potente e leve. Com a carcaça feita de puro titânio, ele pesa em torno de 2,5 quilos e é resistente como o diabo. Ainda por cima, é ultrafino (2,5 cm) e o design "retrô" deve agradar principalmente a quem não gosta de cores fortes e curvas futuristas. No entanto, o design é o de menos, depois que olhamos para a tela *widescreen* de 15,2 polegadas com resolução de 1152x768 pixels. Isso sem contar o processador G4. Com isso, você pode tranquilamente, por exemplo, editar vídeo no Final Cut Pro sem ter que sofrer com uma tela pequena ou desempenho sofrível.

O Titanium vem nos modelos de 400 e 500 MHz, com 128 e 256 MB de RAM e discos de 10 GB e 20 GB, respectivamente.

A diferença de velocidade entre os dois modelos não é muito expressiva. É recomendável, no entanto, fazer upgrade de memória e disco no modelo de 400 MHz, assim que possível.

O Titanium é lindo e maravilhoso, mas não é perfeito. Como todo produto 1.0, ele tem vários probleminhas irritantes que só devem ser corrigidos na próxima versão, provavelmente no início do ano que vem. Para começar, devido à necessidade de precisão milimétrica na montagem de seus componentes, volta e meia aparece um modelo com um pequeno desvio que faz os CDs ficarem presos dentro do drive, o que pode levar seu usuário ao pânico. Mas não se assuste: uma pequena pressão na abertura do drive (às vezes com a ajuda de um cartão de crédito) é suficiente para soltar o CD. É recomendável uma ida à assistência técnica para um ajuste rápido.

Outro problema: a bateria. O sistema de encaixe que permite que ela seja trocada rapidamente com apenas uma mão é responsável por um problema sinistro (felizmente consertado nas levas mais recentes): às vezes, ao pegar o PowerBook pelo lado da bateria, ela pode dar uma balançada e o Mac desligar na sua cara.

Por fim, há o titânio, metal leve e resistente, porém, ao mesmo tempo, de superfície delicada. É muito fácil riscar a tampa de um PB Ti. Trate o seu com carinho. Tudo isso é perfumaria perto do poder de fogo por centímetro quadrado que o Titanium oferece. Se você precisa de um G4 para viagem, com uma tela mais confortável do que um monitor de 17 polegadas, esta é a sua máquina.

Pouco antes do fechamento deste artigo, a Apple reduziu o preço do Titanium para R$ 8.790 (400 MHz) e R$ 11.500 (500 MHz). Isso o torna ainda mais atrativo e pode significar que um *speed bump* (modelos novos de 600 ou 700 MHz) pode estar próximo.



cubo (2000-2001)

"Um conceito errado, maravilhosamente implementado." Esta frase de Steve Jobs resume muito bem o que foi o Cubo. Uma ótima idéia: juntar o poder do chip G4 com a praticidade do gravador de CD-RW (ou DVD-ROM, dependendo do modelo) num gabinete pequeno, com design arrojado e discreto. Porém, o que era para ser um grande sucesso acabou sendo um fracasso de vendas e parou de ser fabricado. O motivo: lindo, mas caro demais. Apesar de tudo, o Cubo ainda é uma boa máquina e quem comprou um não se arrepende. Afinal, não é todo mundo que pode dizer que tem o seu computador exposto no MoMA.

mac usado
por que não?

OK, você decidiu que vai entrar para o maravilhoso mundo do Mac, mas percebeu que sua conta bancária não comporta uma passagem de primeira classe.

Bem, ainda existem opções interessantes no mercado de usados de Mac – afinal, Mac não envelhece: vira clássico.

Porém, é preciso ter em mente algumas coisas:

1 Verifique bem a procedência do Mac que você está comprando. Se for de uma loja, exija uma garantia para qualquer problema que venha a aparecer.

2 É claro que um Mac antigo não vai render a mesma coisa que um novo. Por exemplo, nas máquinas anteriores ao G3 não pode ser instalado o Mac OS X. (Pelo menos não sem muito esforço.)

3 Procure sempre comprar memória ou HD em lojas conhecidas que também forneçam garantia. A memória DIMM de alguns Macs antigos (de 5 volts) não é a mesma do PC (de 3,3 V). Colocar uma memória errada pode ser a perdição do seu Mac.

4 Verifique se o vendedor também não se desfaz de alguns periféricos importantes, como impressoras, Zip Drives, scanners e gravadores de CD. Os Macs antigos utilizam conexões que hoje não são mais padrão (serial para impressoras, SCSI para outros periféricos). O valor agregado dos periféricos pode ser compensador, no final das contas.

5 O mercado de usados é mais flutuante que a taxa de câmbio do dólar. Por isso, oscilações de preço ocorrem naturalmente e com bastante frequência. Macs que antes custavam pouco podem se valorizar de repente.

A tabela de usados abaixo se baseia numa média de preços. Tem gente que pode pedir menos ou mais, dependendo da conservação do Mac, o quanto ele foi "envenenado" etc. Ela é só uma base para nortear uma boa negociação. A configuração apresentada é a original de fábrica; incluímos o preço do "envenenamento" para você ter uma idéia de quanto custa deixar seu Mac velhinho mais parrudo.

Tabela de usados

Macs de mesa

Modelo	Saiu em	Acabou em	Processador e velocidade (MHz)	Tipo de memória RAM	HD original	Cotação média	Quanto custaria o upgrade de HD	Quanto custaria o upgrade de RAM
Performa 6230	Jul.95	Abr.96	603 75	16 MB SIMM 72 pinos 80 ns	1 GB IDE	R$ 250	R$ 100 (4 GB)	R$ 200 (64 MB)
Performa 6360	Out.96	Out.97	603 160	16 MB DIMM 168 pinos 70 ns 5V	1,2 GB IDE	R$ 400	R$ 100 (4 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac 5500	Fev.97	Mar.98	603e 225/250	32 MB SIMM 72 pinos 80 ns	2 GB IDE	R$ 550	R$ 200 (8 GB)	R$ 200 (64 MB)
Power Mac 7100	Jan.95	Ago.95	601 66/80 (AV)	8 MB MB SIMM 72 pinos 80 ns	700 MB SCSI	R$ 350	R$ 100 (4 GB)	R$ 200 (64 MB)
Power Mac 7500	Ago.95	Abr.96	601 100	16 MB DIMM 168 pinos 70 ns	1 GB SCSI	R$ 400	R$ 100 (4 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac 7600	Fev.97	Nov.97	604e 120/132/200	32 MB DIMM 168 pinos 70 ns	2 GB SCSI	R$ 600	R$ 100 (4 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac 8100	Nov.94	Ago.95	601 80/100/110 (AV)	24 MB SIMM 72 pinos 80 ns	2 GB SCSI	R$ 450	R$ 100 (4 GB)	R$ 200 (64 MB)
Power Mac 8500	Set.96	Fev.97	604e 120/132/150/180	32 MB DIMM 168 pinos 70 ns	2 GB SCSI	R$ 700	R$ 100 (4 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac 8600	Ago.97	Fev.98	604e 200/250/300	32 MB DIMM 168 pinos 70 ns	4 GB SCSI	R$ 900	R$ 200 (8 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac 9500	Ago.96	Fev.97	604e 120/132/150/180/200	32 MB DIMM 168 pinos 70 ns	2 GB SCSI	R$ 900	R$ 200 (8 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac 9600	Ago.97	Mar.98	604e 200/233/300/350	64 MB DIMM 168 pinos 70 ns	4 GB SCSI	R$ 1.200	R$ 200 (8 GB)	R$ 350 (64 MB)
Power Mac G3 Bege	Nov.97	Dez.98	G3 233/266/300/333 (AV)	128 MB SDRAM 168 pinos 10 ns	4 GB IDE	R$ 1.700	R$ 590 (40 GB)	R$ 230 (128 MB)
Power Mac G3 Azul	Jan.99	Ago.99	G3 300/350/400/450	128 MB SDRAM PC-100 8 ns	6 GB IDE	R$ 2.500	R$ 590 (40 GB)	R$ 200 (128 MB)
iMac Rev. A + B	Mai.98	Jan.99	G3 233	32 MB SO-DIMM 10 ns	4 GB IDE	R$ 1.000	R$ 590 (40 GB)	R$ 215 (128 MB)
iMac 266	Jan.99	Abr.99	G3 266	32 MB SO-DIMM 10 ns	6 GB IDE	R$ 1.250	R$ 590 (40 GB)	R$ 215 (128 MB)
iMac 333	Abr.99	Out.99	G3 333	32 MB SO-DIMM 10 ns	6 GB IDE	R$ 1.450	R$ 590 (40 GB)	R$ 215 (128 MB)
iMac 350	Out.99	Ju.00	G3 350	64 MB SDRAM PC-100 8 ns	6 GB IDE	R$ 1.800	R$ 590 (40 GB)	R$ 200 (128 MB)
iMac DV 400	Out.99	Jul.00	G3 400	64 MB SDRAM PC-100 8 ns	10 GB IDE	R$ 2.200	R$ 590 (40 GB)	R$ 200 (128 MB)
iMac 450	Jul.00	Fev.01	G3 450	64 MB SDRAM PC-100 8 ns	20 GB IDE	R$ 2.600	R$ 590 (40 GB)	R$ 200 (128 MB)
G4 350	Out.99	Fev.00	G4 350	64 MB SDRAM PC-100 8 ns	10 GB Ultra ATA	R$ 3.300	R$ 590 (40 GB)	R$ 400 (256 MB)
G4 400	Ago.99	Jul.00	G4 400	128 MB SDRAM PC-100 8 ns	20 GB Ultra ATA	R$ 3.900	R$ 590 (40 GB)	R$ 400 (256 MB)
G4 450	Ago.99	Jul.00	G4 450	256 MB SDRAM PC-100 8 ns	27 GB Ultra ATA	R$ 4.000	R$ 590 (40 GB)	R$ 400 (256 MB)
G4 500	Ago.99	Jul.00	G4 500	128 MB SDRAM PC-100 8 ns	30 GB Ultra ATA	R$ 4.500	R$ 590 (40 GB)	R$ 400 (256 MB)

Portáteis

PowerBook 5300	Ago.95	Set.96	603e 100	16 MB DRAM 70 ns	750 MB IDE	R$ 400	–	–
PowerBook 3400	Fev.97	Mar.98	603e 240	16 MB EDO 60 ns	3 GB IDE	R$ 500	–	–
PowerBook G3 233	Mai.98	Mai.99	G3 233	32 MB SO-DIMM 10 ns	2 GB IDE	R$ 2.100	R$ 590 (6 GB)	215 (128 MB)
PowerBook G3 266	Set.98	Mai.99	G3 266	64 MB SO-DIMM 10 ns	4 GB IDE	R$ 2.500	R$ 790 (8 GB)	215 (128 MB)
PowerBook G3 400	Mai.99	Fev.00	G3 400	64 MB SO-DIMM 10 ns	6 GB IDE	R$ 3.500	R$ 990 (12 GB)	215 (128 MB)
iBook 300	Jul.99	Set.00	G3 300	32 MB SO-DIMM 10 ns	3,2 GB IDE	R$ 2.300	R$ 1.200 (40 GB USB ext.)	215 (128 MB)
iBook 366	Set.00	Mai.01	G3 366	64 MB SO-DIMM 10 ns	10 GB IDE	R$ 3.000	R$ 1.200 (40 GB USB ext.)	215 (128 MB)

onde achar os usados

Mac usado não se acha em qualquer esquina. Muita gente que tem não quer se desfazer de seus Macs velhos de guerra, mas é possível encontrar uma boa promoção. Alguns sites de leilão, como o **Mercado Livre** (www.mercadolivre.com.br) e o **iBazar** (www.ibazar.com.br) têm ofertas de Macs, tanto de mesa como portáteis. Listas de discussão de usuários de Mac também são uma boa fonte de referência, podendo aparecer um bom negócio a qualquer momento. Na seção MacMarket, no final desta revista, volta e meia aparecem umas "galinhas mortas". Porém, se você prefere ver antes de comprar, existem dois lugares em São Paulo onde dá pra achar boas ofertas.

A **Zahdy Informática** (tel. 11-3362-1811) fica encravada no meio do império pecezista paulistano, a região da Rua Santa Efigênia. Essa loja é um verdadeiro reduto de Macs antigos, com direito a peças de museu, como Macs Classic e Color Classic, que funcionam perfeitamente. Os sócios Sérgio Moreira, César Osório e Mauro Ferreira são todos macmaníacos e oferecem, além de Macs usados, garantia de três meses e assistência técnica nas máquinas. "Nem precisa ser adquirida aqui", completa Sérgio. A loja fica na Rua Vitória, 230, no centro de São Paulo. Vale a visita, nem que seja só para ver um Classic ou SE/30 funcionando bonitinho.

A **MacMarket** (11-6941-6366) é uma revenda autorizada Apple que também trabalha com Macs usados. Além de oferecer máquinas antigas, também aceita usados como parte do pagamento por Macs novos. Eduardo, o proprietário, dá seis meses de garantia em seus Macs usados e também faz upgrades das máquinas. "Nós trabalhamos com periféricos e memórias de marca conhecida. Podem, algumas vezes, não ser o preço mais baixo do mercado, mas é garantido que vão render o esperado."

Preços dos Macs novos

Modelo	RAM	HD	Drive óptico	Preço
Mac 500 MHz (Snow/Indigo)	128 MB	20 GB	CD-RW	R$ 4.250
iMac 600 MHz (Graphite/Snow)	256 MB	40 GB	CD-RW	R$ 5.150
iMac 700 MHz (Graphite/Snow)	256 MB	60 GB	CD-RW	R$ 5.500
Power Mac G4 733 MHz	128 MB	40 GB	CD-RW	R$ 7.300
Power Mac G4 867 MHz	128 MB	60 GB	SuperDrive	R$ 11.650
Power Mac G4 Dual 800 MHz	256 MB	80 GB	SuperDrive	R$ 16.900
PowerBook G4 Titanium 400 MHz	128 MB	10 GB	DVD-ROM	R$ 8.790
PowerBook G4 Titanium 500 MHz	256 MB	20 GB	DVD-ROM	R$ 11.500
iBook 500 CD	64 MB	10 GB	CD-ROM	R$ 4.990
iBook 500 Combo (CD-RW/DVD)	128 MB	10 GB	Combo	R$ 6.800

upgrades de hardware

É possível atualizar um Mac antigo transformando-o num G3 ou até num G4. As placas de upgrade são, na verdade, um novo processador que é acoplado à placa-mãe do Mac. O resultado é um computador bem mais potente sem ter que gastar a dinherama de um Mac mais moderno. Com a vantagem de poder manter todos os periféricos, memórias e HD, sem precisar trocar tudo de novo. A desvantagem é que ele nunca vai ser tão rápido quanto um G3 ou G4 "de verdade". No Brasil, a **Passport** é a representante da Sonnet, uma das maiores fabricantes de placas de upgrade para Mac. As opções oferecidas variam bastante, tanto na potência como no preço. As placas Crescendo são indicadas para Macs não-G3 que precisam ganhar processamento e desempenho; as Encore são para G3 ou G4 e aceleram o *clock*. Os preços vão de R$ 925 (G3/500 MHz) até R$ 4.280 (G4 Dual 500). As placas Tango e Tempo permitem colocar HDs IDE em máquinas SCSI com slots PCI e também acrescentam portas USB e FireWire a Macs antigos.

Para saber a lista completa de produtos e preços, visite o site da Passport: www.passportnet.com.br M

MÁRCIO NIGRO

Colaboraram: **Heinar Maracy**, **Sérgio Miranda** e **Mario AV**

Já sabe que Mac vai comprar? Não? Então, meu caro, só os astros podem lhe ajudar. Abra na página 34 e veja o seu Mac Horóscopo!



Botões Aquosos

Você também pode fazer o seu botão "tão bonito que dá vontade de lamber"

Atendendo a muitos – mas muitos, mesmo – pedidos dos nossos leitores, estamos dando o tutorial mais requisitado do milênio: como fazer um botão no estilo Aqua. Apesar de superfácil, não é uma coisa óbvia, e achamos por bem repartir a explicação do processo com todos os macmaníacos.

Ah... Em tempo: usar um visual com botões Aqua no seu site não vai colocar você na lista negra do departamento jurídico da Apple, mas se você empolgar e começar a usar também o logo da maçã, não nos responsabilizamos...

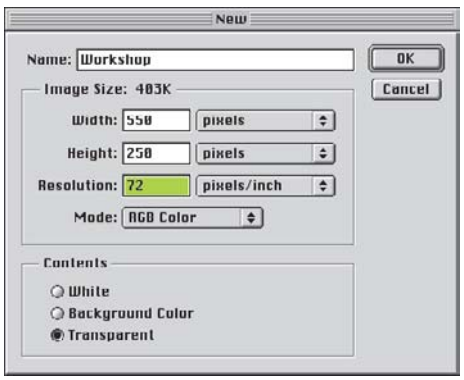


O passo-a-passo

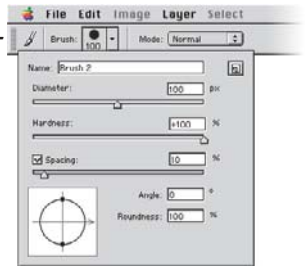
O efeito Aqua em botões, na verdade, é bem mais simples do que parece ser, principalmente se você conhece razoavelmente um programa de manipulação de imagem, como o Adobe Photoshop. O botão é uma combinação de três gradientes controlados com muito cuidado dentro de máscaras transparentes e efeitos de camadas. Dito assim, fica ainda mais fácil. Ou não. De toda forma, sigamos.

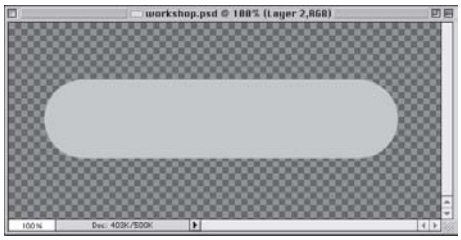
Vamos usar o famoso formato "pílula" para o botão. Se você tentar aplicar o efeito em objetos com cantos afiados, como textos, é melhor aplicar o efeito Noise ▸ Median para arredondar um pouco os cantos. Mas isso já é assunto para outro tutorial futuro.

1 Crie um documento novo com as seguintes especificações: 550x250 pixels (pode ser menor do que isso, mas tamanhos grandes facilitam o controle do efeito), modo RGB e fundo Transparent.

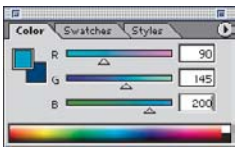


2 Selecione a ferramenta Paintbrush (tecla B), clique na aba Brushes e escolha um brush sólido. Usamos um brush circular de 100 pixels, com Hardness 100 e Spacing 10. Clique e arraste para o outro lado da janela com a tecla Shift apertada. Isso criará um belo botão-pílula.

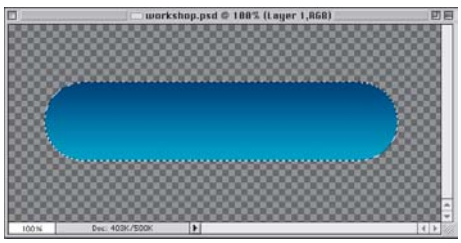




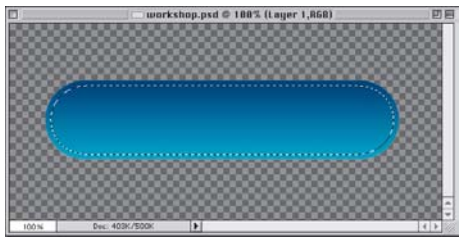
3 Agora que temos a forma, vamos à cor. Geralmente, azul funciona bem para deixar o botão com aquele jeitão "aquoso" default, mas você pode testar outras cores. O botão será preenchido com um degradê entre dois tons derivados da mesma cor, um escuro no Foreground e outro mais claro no Background. Para reproduzir as cores "oficiais", usamos as seguintes combinações no seletor de cores (valores sempre em RGB): Foreground, 90-145-200; Background, 0- 50-125.



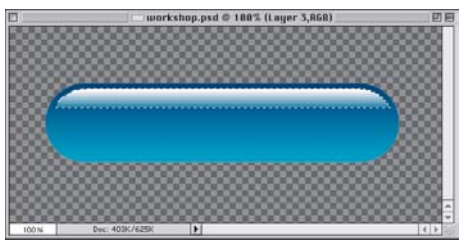
4 Clique com ⌘ no nome do layer na palete Layers para selecionar a silhueta do botão e aplique o degradê usando a ferramenta Gradient (tecla G), desde o pé até o topo (do botão e não do layer), com a tecla Shift apertada para que o efeito fique alinhado com a vertical.



5 Com a seleção do contorno do botão ainda ativa, peça Select ▸ Modify ▸ Contract. Para o tamanho do nosso botão, um valor adequado é 6. Agora, dê Select ▸ Save Selection e depois OK. Você criou um canal alfa (máscara) que por enquanto ficará repousando.



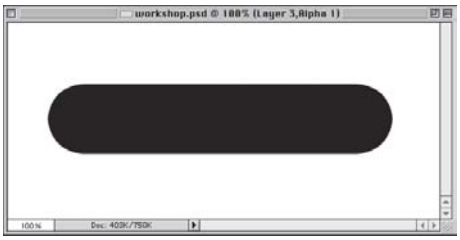
6 É hora de criar o efeito de brilho superior do botão. Com a seleção ainda ativa, pegue a ferramenta de seleção Rectangular Marquee (tecla M) e arraste com Option pressionado, de baixo para cima, até interceptar os dois terços inferiores do botão. Somente a parte de cima restará selecionada. Agora, crie um novo layer (clique no documentinho no pé da palete Layers). Selecione novamente a ferramenta Gradient e ajuste-a para Foreground to Transparent. Mude a cor de Foreground para branco e aplique o degradê desde o topo da seleção até um pouco abaixo do seu pé, quase no centro do botão.



Desfaça a seleção e dê o filtro Filter ▸ Noise ▸ Median duas vezes: uma com raio 6 e outra com raio 3. Isso serve para arredondar e suavizar os cantos do brilho, adicionando uma sutileza fina que o Steve Jobs certamente aprovaria. Para um efeito ainda mais perfeito, mude o controle Opacity desse layer para 80%.

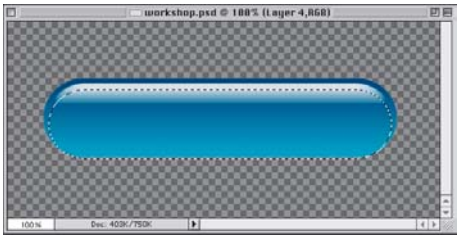
7 Vá à palete Channels e clique na máscara

salva (Alpha 1). Ela aparecerá na tela como uma figura preta sobre fundo branco.

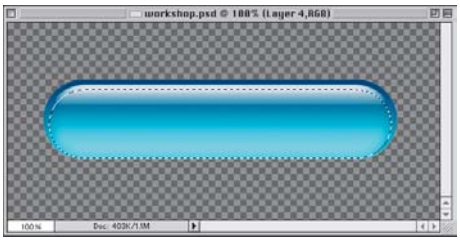


Dê um Filter ▸ Blur ▸ Gaussian Blur com o valor 8. Em seguida, mude para a ferramenta de seleção (seta) e pressione a tecla ↓ algumas vezes para mover o canal inteiro para baixo – no nosso exemplo, 6 pixels bastam.

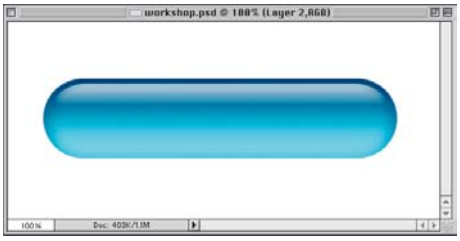
8 Clique com ⌘ no nome do canal; aparecerá uma seleção. Na palete Layers, crie um layer novo. Em seguida, clique com ⌘ Shift Option no nome do layer que contém o botão. Isso cria uma intersecção entre o layer e a seleção, evitando que ela escape para fora do botão.



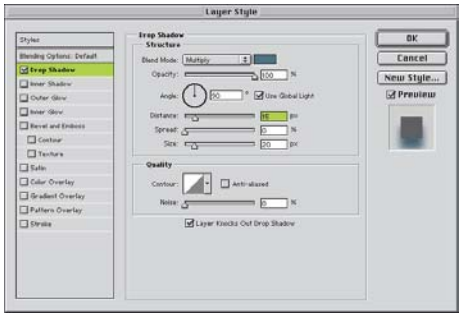
9 Mude a cor de Foreground para 150-220-255. É uma versão mais clara, mas de matiz diferente, da cor azul usada no resto do botão. Ainda com a ferramenta Gradient regulada em Foreground to Transparent, arraste do pé até o topo da seleção. Desfaça a seleção (⌘D).



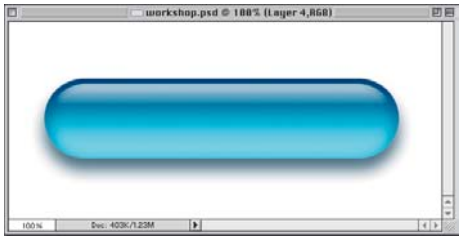
10 Agora, crie o fundo para o botão. Na maioria das vezes, o fundo deverá ser branco. Então, crie um layer novo e arraste-o na lista de layers para baixo de todos os outros. Agora, prepare-se para mágica em alta velocidade: tecle D (zera as cores do seletor) e a seguir ⌘ Delete (preenche o layer inteiro com branco).



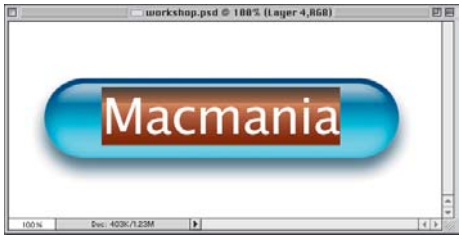
11 A sombra é parte integrante do botão Aqua. É preciso criar um Layer Effect para isso. No Photoshop 6, duplo-clique no nome do layer do botão na palete Layers; no Photoshop 5, clique nele com Control para chamar o menu contextual e selecione Effects. Uma vez dentro da caixa de controle, peça o efeito Drop Shadow, com os seguintes parâmetros: modo Multiply, Opacity 100%, Angle 90º, Distance 15, Spread (Intensity) 0 e Size (Blur) 20.



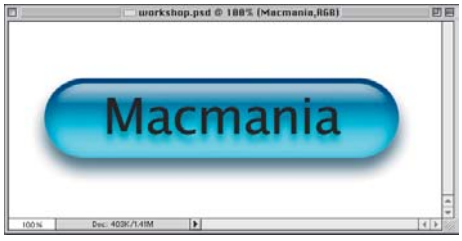
A cor da sombra pode ser cinza escura, mas se a idéia for copiar à risca o botão azul da Apple, a cor certa é 110-130-150.



12 Chegou a hora de colocar o texto. Escreva-o exatamente centrado no botão e na cor preta. Para ter exatamente o mesmo visual da Apple, utilize a fonte Lucida Grande (no Mac OS X) ou Lucida Sans (no sistema clássico). Usamos o tamanho de 64 pixels.



13 O texto leva uma pequena sombra. Para poupar trabalho, use o menu contextual e dê Copy Layer Style no layer com sombra e Paste Layer Style no layer de texto. Abra a caixa de estilo e modifique os parâmetros para Opacity 60%, Distance 10 e Size (Blur) 10.



14 Bem, o botão está pronto. Basta colocá-lo na sua página e receber os elogios da galera. Mas não desligue agora! Você ainda pode criar mais um efeito simples, que vai deixar seu botão ainda mais "transparente" e interessante. Crie um novo layer por cima de tudo, preenchido com branco e no modo Multiply. Selecione a Line Tool (U). (No Photoshop 6, deixe-a no modo Create Filled Region, que é o terceiro botão na barra de opções da ferramenta.) Usamos espessura de 4 pixels e cor 200-200-200. Trace uma linha horizontal que atravesse a área de um lado a outro.



Selecione-a com a Marquee e atraste-a para baixo com ⌘ Option Shift pressionados, o que criará uma cópia da linha imediatamente abaixo. Repita a cópia cuidadosamente, mantendo a mesma distância de uma linha para a outra.



Dica: quando formar um grupo de quatro linhas, selecione-o e copie-o, depois selecione as oito e copie-as, selecione as 16 e copie-as etc.

15 Dê Filter ▸ Blur ▸ Gaussian Blur para borrar um pouco as linhas (usamos 2,5 pixels). Mova o layer das linhas para a frente do botão, mas por trás dos brilhos. Delete o canal alfa antes de exportar o botão.



Pronto! M

SÉRGIO MIRANDA
Colaborou **Mario AV**

Simpatips

Como rodar Quark no Mac OS BR

Esta dica vale não só para o Mac OS em português como também para outros sistemas que não estejam em inglês americano.



O QuarkXPress é um dos programas mais chatos da face da Terra, pois não funciona se a língua do sistema e o layout de teclado não forem o inglês americano. O motivo para isso é que a Quark vende uma versão internacional do QuarkXPress, diferente da americana. Só que muita gente no Brasil utiliza a versão americana (pode ter algo a ver com o fato de a versão internacional custar o dobro).

Se você instalou o Quark e recebeu uma mensagem de erro dizendo que ele não vai funcionar no seu Mac, siga os passos:

1 Verifique se a versão do Quark é a US English. Para descobrir essa informação, procure na caixa ou na documentação do CD-ROM.

2 Desinstale o QuarkXPress, jogando no Lixo a pasta com o programa.

3 Verifique se as suas preferências regionais estão configuradas para US English. Caso não, utilize o programa Mac OS Setup Assistant para refazer a configuração. No painel de controle Configuration Manager, no item Language/Fonts deve estar selecionado apenas "US English". O mesmo vale para o painel Numbers. Em Text, o Script deve ser Roman e o Behavior, English.

4 Instale o QuarkXPress. Ele deverá rodar normalmente.

5 Agora não tem mais erro: você pode reconfigurar o sistema para os padrões que você costuma usar.

iMovie e Mac OS X

Quer ver o preview de uma seleção de um filme no iMovie no OS X? Não se incomode em mudar para o modo Full Screen. Um dos bugs da versão "carbonizada" do iMovie é que, em tela cheia, o filme sempre parte do início em vez do ponto selecionado. O único jeito de ver um trecho é ficar no modo de visualização normal e ver o preview do clipe no Viewer.



Abre-te Sésamo!



Se você tiver um dos novos G4 Quicksilver com teclado sem o botão de Eject, eis como abrir a gaveta de CD/DVD:

1 No Mac OS 9.2 (que vem instalado), ache a pasta Applications/Apple Extras e abra o programa Eject. Para facilitar ainda mais a sua vida, arraste o módulo de Control Strip para o System Folder e restarte o Mac. Assim, será possível acionar o drive usando a Control Strip.

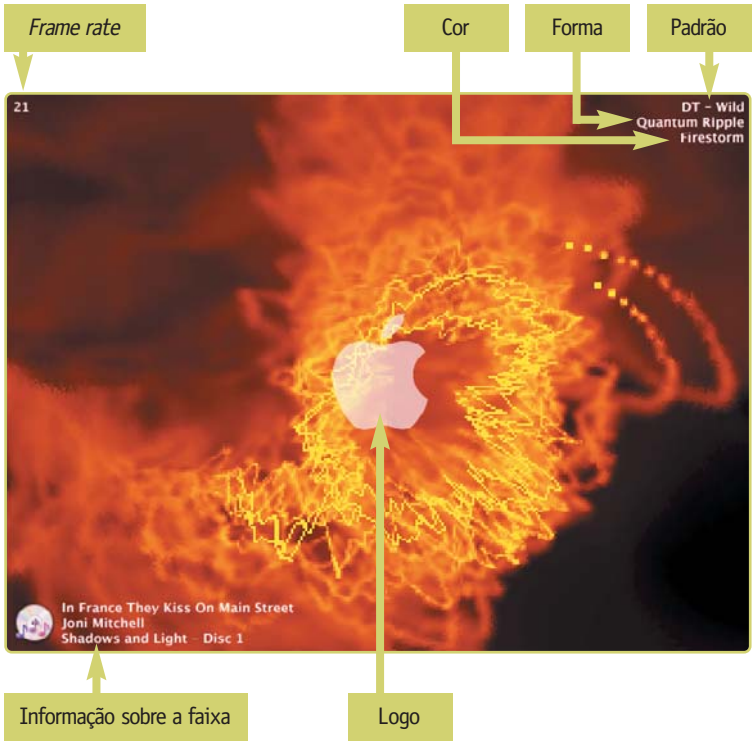
2 No Mac OS X, a coisa é um pouco mais complicada. Para abrir a gaveta é preciso usar um programa que tenha um botão de Eject, como o iTunes.

Segredos do iTunes



Comandos de teclado para usar no iTunes durante os efeitos visuais alucinógenos:

- H ou ? Help
- F Mostrador de *frame rate* (quadros por segundo)
- I Informação da faixa
- M Modo de configuração
- R Nova configuração aleatória (com Caps Lock a configuração é mostrada enquanto muda)
- C Mostra a configuração corrente
- Q e W Muda o padrão
- A e S Muda a forma
- Z e X Muda a cor
- B Mostra o logo da Apple no meio da tela
- N Troca entre cores normais e de alto contraste



Attach fácil



Descobri um recurso interessante do Outlook Express 5 para Mac, que vale também para o Entourage. Se você recebeu um email com anexo e quer anexar esse arquivo a outra mensagem que não é um *reply* nem um *forward*, não é necessário salvá-lo no seu disco para depois "atachar". É só abrir a seção dos anexos e arrastar os arquivos para a nova mensagem. Eles serão anexados automaticamente, via *drag and drop*. Esse recurso é bastante prático quando se quer reunir arquivos anexados de várias mensagens numa só.

Marcelus Zalotti
marcelus@claudecollections.com

Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

Efeitos em fotos

Use os programas de desenho vetorial para fazer truques que eles mesmos desconheciam

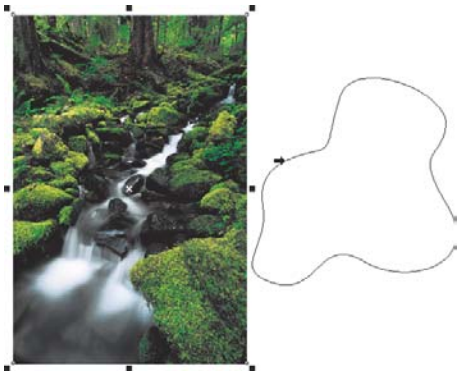
No Workshop anterior, ensinei a inserir uma imagem dentro de um objeto usando Illustrator, CorelDRAW e FreeHand. Desta vez teremos uma demonstração de manipulações de bitmaps (fotos, scans e outras imagens formadas de pixels).

CorelDRAW

1 Recapitulando: para inserir uma imagem dentro de um desenho, importe uma imagem com o comando File ▸ Import (⌘I). Selecione a imagem e dê o comando Effects ▸ PowerClip ▸ Place Inside Container.



Assim que esse comando é acionado, o cursor vira uma seta horizontal; clique com ela no contorno do desenho.



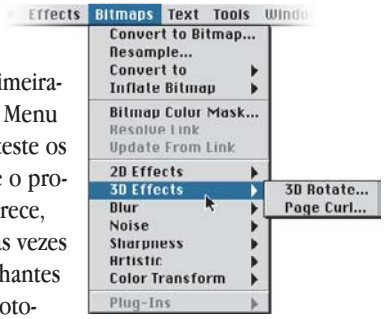
A figura é automaticamente inserida e centralizada na curva. O mesmo procedimento vale para colocar imagens dentro de textos. Para editar a máscara, o comando é Effects ▸ PowerClip ▸ Edit Contents. Esse comando serve para reposicionar e editar o conteúdo da máscara.

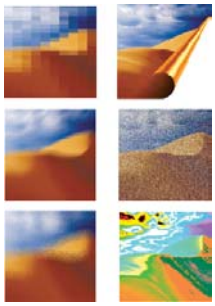


Para terminar a edição, dê Effects ▸ PowerClip ▸ Finish Editing This Level.

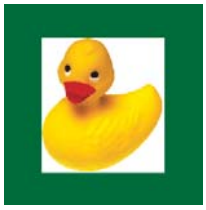
2 Veremos agora uma novidade: como se manipula figuras importadas em bitmap. O CorelDRAW tem vários recursos de edição de bitmaps, reunidos no menu (adivinhe) Bitmaps.

Importe uma imagem e, primeiramente no Menu Bitmaps, teste os filtros que o programa oferece, que muitas vezes são semelhantes aos do Photoshop. Os exemplos abaixo são de 2D Effects, 3D Effects, Blur, Noise, Sharpness, Artistic e Color Transform.



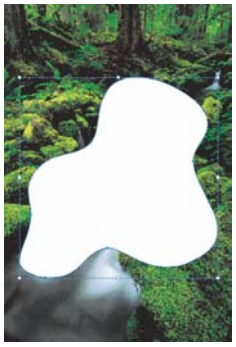


3 Outra possibilidade de edição de bitmap no CorelDRAW é a remoção de um fundo. Importe uma foto cujo fundo tenha uma cor chapada e diferente da cor do objeto que o mascara. No exemplo, a foto tem fundo branco mas o objeto que a contém é verde. Selecione a imagem e dê o comando Bitmaps ▸ Bitmap Color Mask. Na caixa de diálogo, marque a opção Hide Colors, clique no conta-gotas e clique na área branca da foto. Para Tolerance, escolha qual vai ser a porcentagem da remoção e dê Apply para checar o resultado. Vá ajustando os valores conforme necessário. Essa função pode dispensar o uso de um programa editor de imagens para remover fundos, desde que o contorno da figura seja bem contrastado e o fundo, chapado.

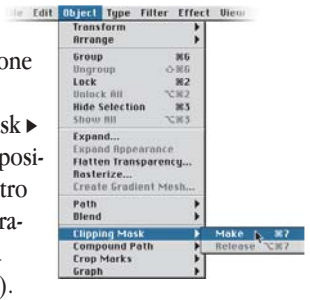




Illustrator



1 O que no Corel é chamado de PowerClip tem no Illustrator o nome de Clipping Mask. A importação da imagem é feita pelo menu File ▸ Place. A figura deve ser posicionada por trás da máscara, mais ou menos na posição final desejada. Selecione os dois objetos e dê Object ▸ Clipping Mask ▸ Make (⌘7). Para reposicionar a imagem dentro da máscara, use a ferramenta da seta branca (seletor de conteúdo).

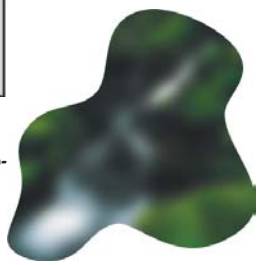




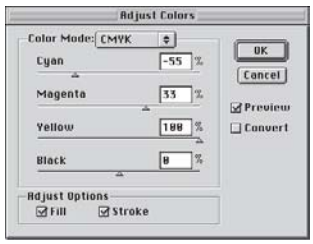
Para fazer uma máscara com texto, este deve ser antes transformado em curvas pelo comando Type ▸ Create Outlines, seguido de Object ▸ Compound Paths ▸ Make.

2 No Illustrator, você pode aplicar em uma imagem bitmap os mesmos filtros que vêm embutidos no Photoshop, como Unsharp Mask, Gaussian Blur, pixelamento e distorções. O exemplo abaixo é de um Gaussian Blur aplicado na foto mascarada.



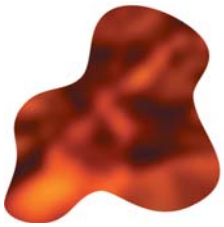


3 Um dos recursos mais úteis é o controle da composição de cores da imagem, que, diferentemente do Photoshop, fica no mesmo menu dos filtros. Abra a caixa Filter ▸ Colors ▸ Ajust Colors.

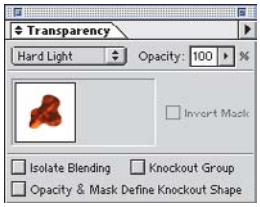


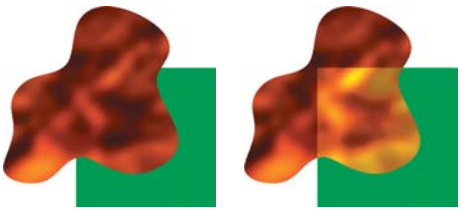
Acione o Preview da caixa e altere os valores das cores fundamentais (CMYK ou RGB).

O resultado da sua modificação é visível em tempo real.

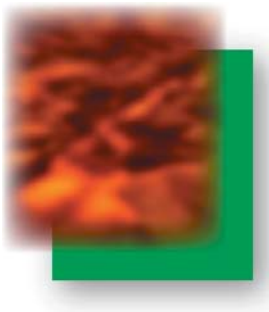


4 Na versão 9.0, o Illustrator trouxe como uma das novidades o uso de transparências. Coloque a foto sobre um objeto colorido e abra a palete Transparency. Escolha um tipo de efeito no menu pop-up e varie a opacidade. Esses dois controles são exatamente os mesmos existentes na palete Layers do Photoshop.

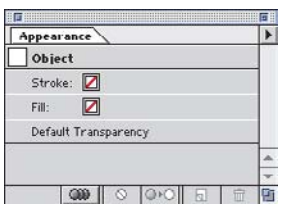




5 Outras maneiras de manipular bitmaps envolvem o menu Effect. Quase todas as opções do menu Effect são as mesmas do menu Filter, com uma diferença importante: Filter é para bitmaps, Effect é para os objetos vetoriais. Alguns desses filtros e efeitos não são exatamente a mesma coisa a que estamos acostumados no Photoshop. Neste último, por exemplo, o Feather serve para tornar difusa a silhueta de uma seleção. No Illustrator, ele torna difusa a silhueta de um objeto.



No exemplo ao lado, a foto por cima, que é um bitmap, sofreu um Filter ▸ Feather. O retângulo verde atrás dela, que é um objeto vetorial, sofreu um Effect ▸ Drop Shadow. Se a idéia fosse colocar o retângulo à frente da foto, esta teria um Filter ▸ Drop Shadow, e o retângulo, um Effect ▸ Feather. Todos os efeitos são reversíveis: eles se acumulam em uma lista na palete Appearance. Você pode eliminá-los arrastando seus nomes para o lixo da palete.



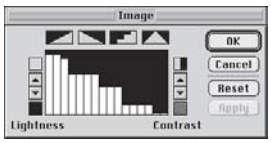
1 O que o Corel chama de PowerClip e o illustrator de Clipping Mask é chamado pelo FreeHand de Paste Inside. O processo é simples: importe uma imagem com File ▸ Import (⌘R); posicione-a na frente do objeto de máscara, mais ou menos na posição desejada; dê Edit ▸ Cut (⌘X); peça Edit ▸ Paste Inside (Shift⌘V).





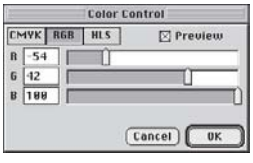
Aparecerá um X azul no centro da imagem importada; ele é uma "alça" para acertar a sua posição dentro da máscara.

2 O FreeHand 9.0 é, de longe, o programa mais atrasado no quesito "edição de bitmaps importados". Não se pode fazer praticamente nada com imagens dentro dele, exceto se elas forem em *grayscale* (tons de cinza). Clique na foto importada (Option-clique se ela estiver mascarada por uma curva) e, no Inspetor de objeto, clique em Edit. Surgirá uma caixinha de diálogo que permite fazer algumas alterações elementares no contraste e brilho da imagem.





3 O outro efeito disponível é o comando Xtras ▸ Colors ▸ Color Control. Os controles deslizantes servem para alterar o equilíbrio de cor da imagem, produzindo resultados semelhantes a um Duotone. Como não é possível zerar a alteração, mantenha à mão uma cópia da imagem inalterada para o caso de ter que voltar atrás. M





DENISE SARMENTO
upgraph@upgraph.com.br
Designer gráfica e instrutora dos cursos de design na UPGRAPH.

Diga-me o mac e eu lhe dir

Mu
coisa pode i
guém na hora de
O preço, a profissão
da sala... Até mesmo
você pender para u
A astróloga **Paula Gue**
como uma brincadeira e
gia. Nós resolvemos pu
redação ser composta
arianos, signo de
críticas que, logic
ditam nessa
horós

Áries

Modelo: iBook com drive Combo



O ariano quer um Mac rápido, que torne seu trabalho mais competitivo, possa ser transportado com a maior facilidade e instalado rapidamente sem aquele monte de cabos, graças ao AirPort. Tudo para poder matar a concorrência nos prazos. O iBook é resistente, e mesmo estabanado, ele ainda não conseguiu fazer-lhe grandes estragos. (Aqui entre nós, tem também o lance de que poucas pessoas têm um igual... ele foi o pioneiro na sua turma e não perde a oportunidade de mostrar que seu Mac é superior aos outros computadores.)

Touro

Modelo: Power Mac G4



O taurino compra em primeiro lugar porque a máquina é tão durável que, mesmo considerando um eventual upgrade, ele a estará usando ainda nos próximos 10 anos; e em segundo lugar, porque sempre tem valor de revenda. O Power Mac G4 (que chamou sua atenção pela torre enorme e sólida) aumentou a produtividade da sua empresa, e convenhamos, ele só compra o que há de melhor.

Gêmeos

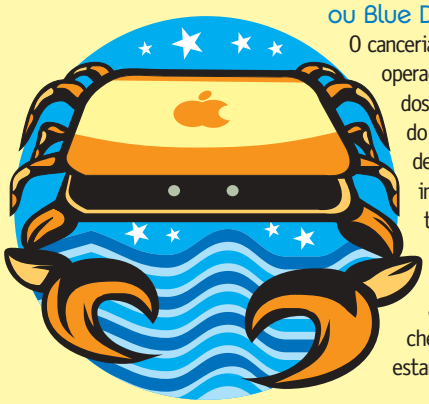
Modelo: iMac Graphite 600 MHz ou iBook laranja



O geminiano comprou um Mac porque o marketing da Apple é tão fantástico, excitante e criativo que ele *tinha* de ver como funcionava aquilo e fazer parte do grupo de usuários para trocar idéias. Ele atualmente participa de 11 grupos de discussão sobre Mac, comprou todas as edições da Macmania que não estavam esgotadas e está pensando em abrir uma revenda Apple ou trabalhar com videojornalismo digital.

Câncer

Modelo: iMac Flower Power ou Blue Dalmatian



O canceriano se sentiu tão à vontade com o sistema operacional amigável e tão seguro quanto ao fato dos vírus e invasores serem raros que agora, quando senta na frente de um PC, não consegue deixar de pensar que é o próprio pessoal da Microsoft que inventa os vírus, faz os programas ficarem obsoletos rapidamente e gerou a indústria das máquinas descartáveis... Um verdadeiro complô. Além disso, o formato compacto do iMac parece muito mais aconchegante do que aquelas máquinas beges, cheias de peças, cabos e quinas; coube melhor na estante e tem uma carinha tão fofinha...

Leão

Modelo: o que acabou de *ser* lançado



O leonino comprou um iMac assim que foi lançado, porque o design era fantástico e inovador. Depois, ele trocou toda a mobília do escritório para combinar com o tom *Bondi blue* e entrou entusiasmado em cursos de arte digital. É claro que logo depois ele *tinha* de comprar um iBook que combinasse com a cor do seu carro... e chamasse a atenção das mulheres ao redor para puxar papo. Você pode ver fotos dele no escritório, do seu iMac e do seu carro no site pessoal dele.

Virgem

Modelo: aquele da promoção, de preferência em 12 vezes

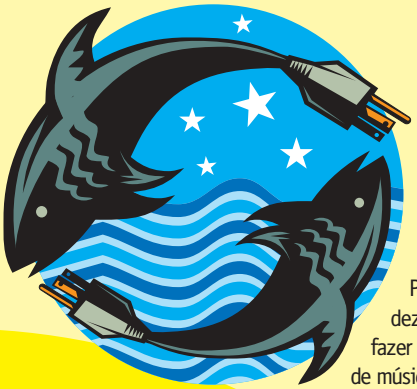


O virginiano quer um Mac porque está constantemente de olho na relação custo/benefício... A máquina raramente precisa de manutenção, é confiável, os periféricos funcionam de primeira e ela ainda vai ser usada eficientemente por muitos anos... Simples assim.

Ilustrações: Samuel Casal

ei o seu Mac! seu signo

uita
nfluenciar al-
comprar um Mac.
o, a cor das cortinas
os astros podem fazer
m ou outro modelo.
rra preparou este texto
em seu curso de astrolo-
blicá-lo, apesar de nossa
majoritariamente por
pessoas céticas e
amente, não acre-
bobagem de
scopo.



Peixes

Modelo: iMac Indigo

O pisciano comprou seu Mac porque é uma fantástica fábrica de fantasia: ele descobriu o céu com o iMovie, Final Cut, Poser, Bryce, Photoshop e mais uma dezena de programinhas para fazer vídeo e animação... fora os de música. Às vezes ele se perde com a confusão de ter o Mac OS X e o 9 instalados na mesma máquina, mas sempre pode apelar para sua coleção completa da Macmania para saber coisas como o comando de teclado para o Force Quit (é ⌘ Option Esc, mané!). Ele não compra nenhum portátil, por medo de esquecer onde o deixou, e semana passada derrubou café no teclado. (Mas, depois de desmontar o bicho e botar pra secar no varal, ele voltou a funcionar! Milagre!)



Aquário

Modelo: PowerBook Titanium

O aquariano acompanha a evolução da Apple há anos e agora não larga seu Titanium – a máquina definitiva, o design *clean* e perfeito, o material das naves espaciais... Ele esperou meses pelo lançamento do OS X. Ah! O mundo maravilhoso da tecnologia de ponta. O único problema é que ele não tem a menor paciência para explicar aos pecezistas qual é a real diferença entre o Mac e o PC, e nem tá aí. Afinal, se eles não atingiram ainda este estado de evolução, o problema é deles...



Capricórnio

Modelo: G4 Cubo ou PowerBook Titanium

O capricorniano sabe que o Mac é uma máquina de elite, a derradeira prova do seu sucesso profissional e inteligência acima da média, a diferença definitiva entre primeiro e segundo escalão (todos os colegas da empresa ficam simplesmente atônitos com o design e a potência do seu computador). Nas reuniões importantes, ele "casualmente" entreabre sua pasta e deixa o oponente vislumbrar o Titanium dentro dela... E pronto, estabelece-se uma relação instantânea de respeito.



Sagitário

Modelo: PowerBook G3 (mas está economizando para comprar um Titanium)

O sagitariano comprou um Mac porque era um barato, uma cultura e uma filosofia totalmente diferentes, produto de gênios da contracultura e mentes inovadoras. Steve Jobs é o seu Deus; ele sabe de cor toda a história da Apple e pretende fazer sua peregrinação a Cupertino no ano que vem. Semana passada, ele aumentou a memória do PowerBook ao máximo; não que realmente precise disso tudo, mas é que a memória RAM tá tão barata ultimamente...



Escorpião

Modelo: iBook branco ou iMac Ruby

O escorpiano.... Ahhhhhh, esse caso é grave; ele compra Macs porque são puro fetiche. A textura e a tensão do teclado são estimulantes, ele alisa o iMac enquanto espera o download, as linhas sinuosas têm um apelo erótico que ele não consegue explicar. A aura de mistério que ele cultiva aumenta quando os amigos reclamam dos paus do PC e ele diz, com um sorriso enigmático: *"Não sei como é, nunca usei PC..."* Sugeriu à Apple que fizesse um iMac com padrão de pele de onça, mas não obteve resposta. (Tem uma razão oculta para sua opção que ele nunca vai admitir: a estratégia. Ele sabe que tem uma máquina melhor e mais confiável e não vai ser deixado na mão, portanto está sempre em vantagem.) M



Libra

Modelo: iBook branco

O libriano comprou um Mac porque ele lhe abriu as portas para conhecer um monte de gente interessante, inteligente e bonita. E é um excelente assunto para ser o centro de atenções em qualquer festa, admirado pelas mulheres e invejado pelos homens. Finalmente ele pode dar vazão aos seus pendores artísticos e ser reconhecido como igual pelos outros designers que usam Mac.

PAULA GUERRA www.astroway.com

Mac OS

Programas da Apple na língua pátria. E com direito a um Help (digo, Ajuda) completo e até corretor ortográfico!







É até um pouco desconcertante para o macmaníaco veterano ver as telas de apresentação do Mac em seu próprio idioma



A Apple Brasil fez, e bem, a lição de casa. Neste início de milênio, ela conseguiu apresentar boas novidades para os macmaníacos brazucas: uma versão em português do Mac OS 9.1 e três aplicativos totalmente traduzidos – AppleWorks, iTunes e iMovie. E não é só. Também será distribuído o Teclado Pro versão ABNT, compatível com o layou... quero dizer, configuração de teclado original do sistema, permitindo acentuação sem traumas e sem usar as teclas Option. Tudo isso já instalado nos novos Macs saídos da fábrica. Com certeza, é uma boa maneira de entrar no século 21.

Ou não?

Muitos dos antigos usuários de Macs nunca se acostumaram ou sequer querem saber da existência de uma versão em português do sistema. Que dirá de um teclado com a maioria das teclas "fora de lugar"? E o pessoal que utiliza o programa QuarkXPress, que só funciona com o teclado e o sistema americano? *(Veja como fazê-lo funcionar na seção Simpatips desta edição.)*

SO Mac ou Mac OS?

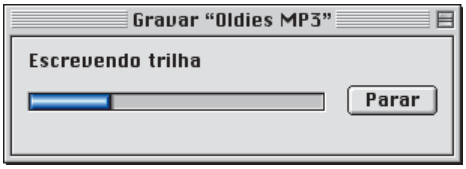
O sistema operacional em português existe desde 1994 (Macmania nº 3, lembra?), quando ainda era o System 7. E desde aquela época ele provoca alegria na gente que veio do mundo Wintel, onde o Windows em português é o padrão, e ao mesmo tempo a ira dos macmaníacos mais tradicionais, que sempre estiveram do lado do sistema em inglês.

Que alívio! Agora sim: você "desliga" o seu Mac, não "desativa". Foi resolvido o maior problema do Mac OS em português: a terminologia por vezes estranha à realidade dos usuários de computador

A verdade é que é a "localização" (no sentido



Prepare-se para queimar... ops, quero dizer, "escrever" seus próprios CDs



9.1 em português

por Sérgio Miranda



Fez falta um consultor na hora de traduzir o painel Monitores. Quem "rota" é golfinho – a tela "gira". O ajuste "Forma" é o *Pincushion;* os fabricantes de monitores o traduzem como "Almofada", o que é estranho mas pelo menos está certo. O ajuste chamado de "Base" é, na verdade, "Trapézio"

de tradução) do Mac OS e de programas da Apple é um avanço e deve ser comemorada. E não só no sentido tecnológico da coisa. A Apple Brasil deixou o "nível 3" para tradução no nível mundial e foi elevada para "nível 2". No jargão da empresa, isso significa que somos os segundos na fila de tradução – imediatamente depois do lançamento das versões em inglês, espanhol, italiano, alemão, japonês e holandês, que com o Mac OS X passaram a sair juntas em um pacote único.



Se fizermos vista grossa para a concordância, podemos dizer que acabou o problema de nomenclatura da memória virtual. Mas usar "memória integrada" para designar a RAM física instalada ainda é uma cacetada

A "promoção" implica que o mercado brasileiro se tornou mais interessante para a Apple. E não só isso: a tradução, que desde os primórdios era feita por aqui mesmo, agora passou a ser de responsabilidade do pessoal da sede, em Cupertino, com indicações feitas pela equipe brasileira de desenvolvimento.

Será que poderemos vislumbrar um tratamento melhor, vindo diretamente da matriz? Pode ser.



Atualização constante. Viva!

Vc quer tc?

O teclado em português que vem com os novos Macs é uma excelente notícia para o macmaníaco novato que acaba de chegar vindo do mundo Wintel, onde os teclados ABNT são o padrão, ainda que não uma unanimidade.

Tradicionalmente, os Macs mais novos vinham com o teclado americano (há casos de iMacs Revisão A com teclados em espanhol – que horror!), exigindo combinações de teclas para conseguir a acentuação. Com certeza, a presença da tecla "ç" e a possibilidade de usar o layout brasileiro sem ter que adivinhar onde estão os acentos vai ser uma boa facilidade.

O teclado ABNT estava previsto para chegar ao Brasil em outubro, mas desde julho a Apple já vem vendendo os Macs com um teclado "abrasileirado" (na verdade, português de Portugal), que tem um pequeno problema. O sinal de arroba @ não aparece em cima do algarismo 2, que é seu lugar tradicional. Isso porque o caractere deve ser digitado como Option 2 e não Shift 2, que é a combinação de teclas usual.

Piadas e impropérios dirigidos a esse teclado são inevitáveis. Mas quem não gostar dele pode solicitar sua troca pelo americano. Mas há quem não goste do teclado ABNT ou já se acostumou a usar o teclado americano. Para esses, uma má notícia. Por questões de logística (as máquinas já saem de fábrica dos EUA com o teclado BR), a Apple Brasil não vai trocar o teclado *brasileiro* pelo americano. O sistema operacional, no entanto, poderá ser trocado pelo inglês, caso seja solicitado.

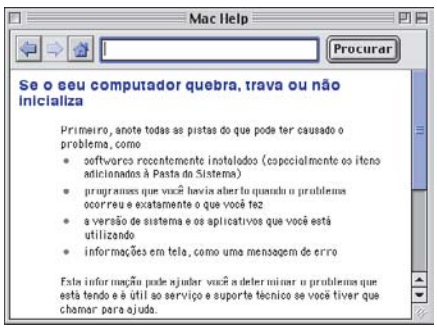
Os problemas e as soluções

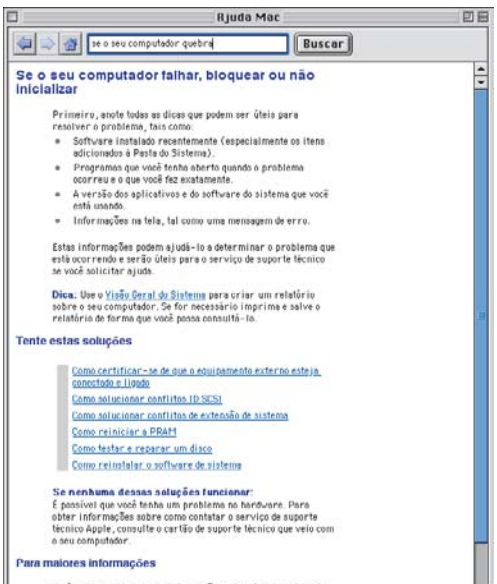
Muitos dos problemas de compatibilidade foram resolvidos na versão anterior do sistema (a 9.0, apresentada na Macmania 71). O Mac OS 9.1 BR também permite a instalação da grande maioria dos aplicativos em inglês sem qualquer gambiarra ou macete (deixando nossa seção de dicas um pouco mais pobre, é verdade, mas é o preço do progresso!). Até mesmo um bug irritante, que travava o Finder quando se tentava acessar um outro Mac através de um atalho, foi consertado.

Mas melhor do que isso, algumas mancadas de terminologia da tradução anterior deixaram de existir. *Réplica* ou *atalho?* Esse problema foi detectado na tradução do Mac OS 9.0, onde no menu do Finder estava escrito Atalho (a mesma denominação utilizada no Windows), mas o que aparecia no nome do arquivo era Réplica (o termo inventado para o Sistema 7). Pois bem: venceu Atalho. Nem mesmo no Help (opa, desculpe: Ajuda Mac) aparece escrita a palavra Réplica. Bem, já vai tarde.

Outra pequena mancada que foi encontrada na versão anterior e também resolvida nessa atualização foi a tradução de *crash* por *quebrar*. Então, onde se lia "Se o seu computador quebra", leia "Se o seu computador falha". Ideal? Pode não ser, mas melhorou um bocado.

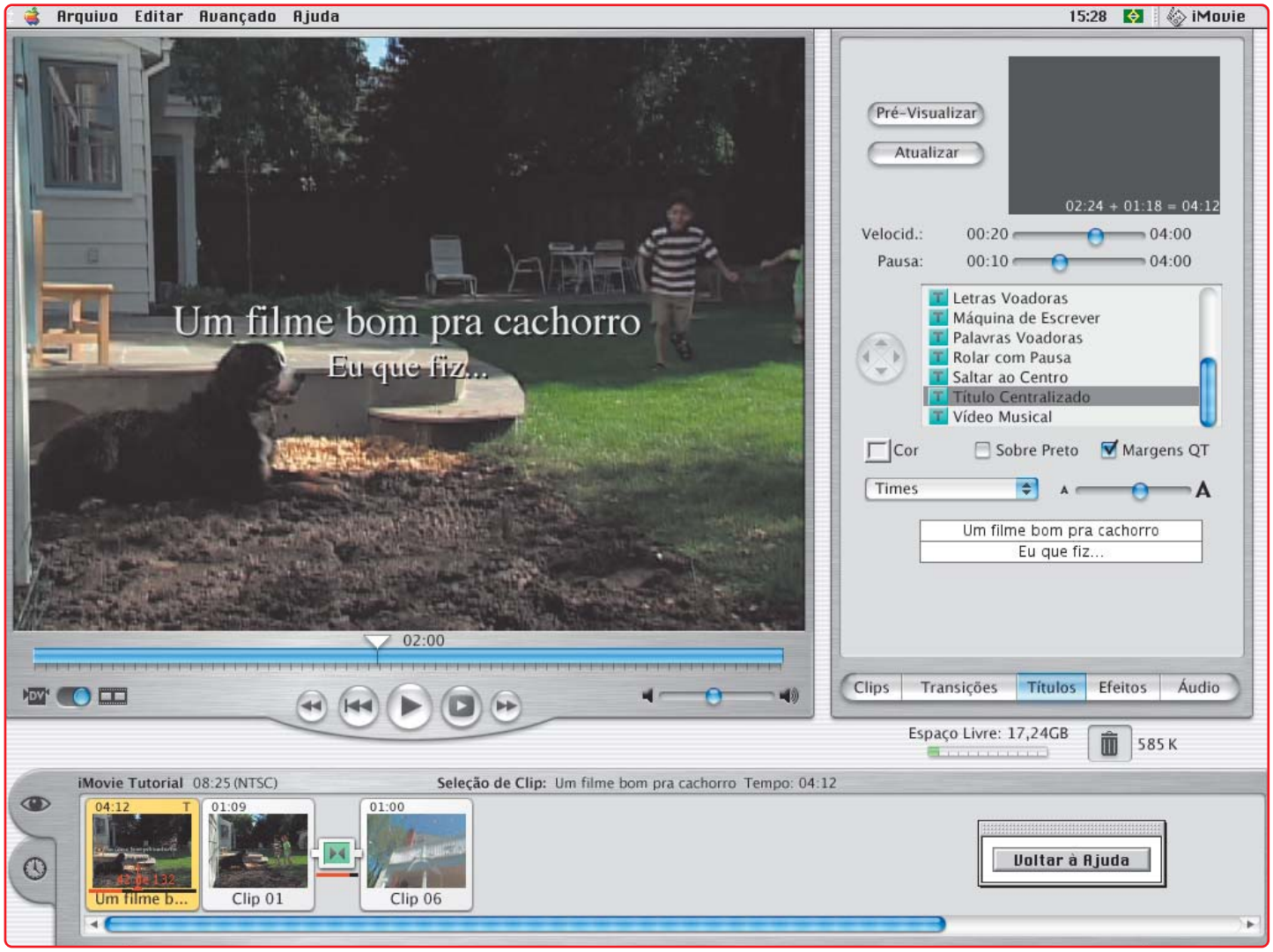
Ah, e não se esqueça de dizer adeus ao tal "Gerenciador Moderno", que agora se chama Memória Virtual – o nome verdadeiro dessa função do Mac OS.





Compare o Help do Mac OS 9.0 *(acima)* com o novo *(ao lado)*. O seu computador não "quebra" mais: "falha". Em compensação, ele não "trava" mais: "bloqueia"

Queremos programas!



iMovie inteiramente em português, completamente inteligível e com tutorial completo de uso na Ajuda; bônus para quem está tendo a sorte de poder comprar o seu Mac novo agora



De que adianta ter o sistema todo em português (todo também não: alguns nomes de arquivos, principalmente relacionados ao AppleScript, ainda estão em inglês, por questões de compatibilidade), se ao usar um aplicativo os menus voltam a ficar todos em inglês? Isso é o que perguntam os macmaníacos mais tradicionalistas, defensores do sistema norte-americano.

Bom, esse sempre foi um argumento muito forte contra a "tropicalização" do Mac OS. Era uma daquelas perguntas que não queriam calar nem mesmo se ameaçadas de pancada.

A Apple Brasil resolveu dar o primeiro passo para resolver essa pendência. Estão completamente "localizados" os três aplicativos da Apple mais importantes para o consumidor: iTunes, iMovie e AppleWorks. Finalmente podemos dizer que o AppleWorks tem um corretor ortográfico em português. Podemos digitar textos com errinhos básicos, que o programa corrige tudo no ato. E se ele não conhecer a palavra, você pode ensiná-lo, acrescentando-a ao dicionário. É claro que o corretor não é perfeito; longe disso. Mas finalmente existe.

O iTunes BR funcionou perfeitamente, rodando até em um Mac com o sistema em inglês.

O iMovie ainda tem alguns probleminhas, como caixas de diálogo com texto "estourando" e interrompidas pela metade, mas o tutorial está traduzido, o que é uma mão na roda para quem começar a criar seus próprios filmes.

Além da Apple, a Adobe e Macromedia também fornecem versões em português de alguns programas importantes para Mac. O PageMaker 7.0 em português está prometido para setembro.

Ou seja, os grandes começaram a se mobilizar para adequar seus produtos de Mac para o Brasil. Bem, nem todos os grandes. Só a Microsoft até agora não se mexeu para "localizar" o seu pacote de produtividade Office. Não tem nem mesmo um dicionário para correção ortográfica. E isso porque fizeram a promessa pública de que fariam a tradução do Office para Mac, há exatamente um ano.

Pior para eles.



Para o iTunes ficar perfeito, só faltaria que o Tun... quero dizer, Sintonizador, viesse com umas estações de Jovem Guarda, Bossa Nova, Samba-Rock...





Réplica? Não. Atalho! Acima, o antigo Help; abaixo, a nova Ajuda. A palavra "réplica" foi totalmente banida do vocabulário macmaníaco



E o Mac OS X?

O Mac OS X foi lançado no final de março de 2001, revolucionando tudo o que os macmaníacos conheciam em termos de sistema operacional. E os brasileiros não vão ficar de fora dessa evolução. No início de setembro, a Apple Brasil lançou o Mac OS X em português (versão 10.0.3), vendida nas revendas Apple por R$ 330. A grande vantagem é que o novo sistema é multilingual, ou seja, acaba a história de querer o sistema em inglês e receber o brasileiro. Os dois vêm no mesmo CD (junto com o japonês, sueco, chinês, etc).

That's it!

Assim como o OS X mudou tudo e é um caminho sem volta, a nacionalização dos produtos Apple também parece seguir essa trilha. A importância dessa estratégia é ampliar o mercado Mac no Brasil, com um computador e programas perfeitamente integrados com o usuário. Isso deverá abrir espaço para a Apple no mercado educacional, em aplicações governamentais e entre os usuários domésticos. E quem acha que isso é apenas uma maneira de cativar os novatos e atrapalhar a vida daqueles que sempre foram fiéis à plataforma e preferiam as coisas como estavam, uma lembrança: apesar de o Mac OS estar traduzido e o teclado ser brasileiro, os atalhos de teclado continuam os mesmos em relação aos originais. "Localizar" é ⌘F, não ⌘L, e "Obter Informações" é ⌘I. Não é como acontece no Windows, no qual o atalho em português é um e no inglês outro e, quando você roda um programa em inglês sobre um sistema em português, é um *God help us* (Deus nos acuda) com os atalhos divergentes.

Para o Mac ainda falta muita coisa, mas pouco a pouco estamos chegando lá. M

SÉRGIO MIRANDA

Fala português, inglês, macintoshês e windowzês.

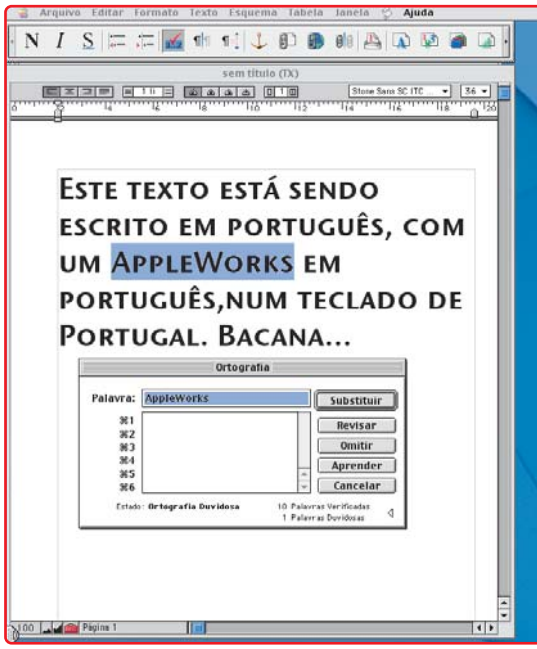
Agora sim, finalmente temos um AppleWorks que é mais atraente que o Microsoft Office para Mac





Mario AV

Cuidado para não pegar o teclado "sem arroba" e virar vítima da gozação eterna dos seus amigos pecezistas



Sony Multiscan G520

Continuando orgulhosamente a tradição do monitor-baleia



Durante minha vida editando fotografia e ilustrando, testemunhei uma divisão das pessoas em dois tipos: os que amam o Trinitron, o cinescópio da Sony, e os que preferem o tubo *shadow mask,* o tradicionalzão. Passaram os anos e a qualidade de imagem dos dois foi ficando tão parecida que hoje dá para confundir um com o outro – a começar pelo fato de que as versões atuais são totalmente planas. Qualquer um desses monitores é escolha segura, mas está chegando com força total a tela de cristal líquido. E na cola dela vêm defensores fanáticos, a começar por nada menos que Steve Jobs, proclamando que a era do megatubo de vidro acabou e já vai tarde. Só que, por mais deslumbrado que eu tenha ficado com o Cinema e o Studio Display da Apple, para aplicações "fotoxopísticas" o bom mesmo ainda é o velho baleião.



Teimosia? Ludismo? Nostalgia? Vontade de estourar a conta de luz e causar um apagão? Não, nada tão exótico. É que somente esses monstrões produzem uma dispersão de cores uniforme, consistente, nos mais variados ângulos, não importando se quem o vê está exatamente de frente ou mais de lado, acima ou abaixo em relação à tela. A falta de consistência de cor é o *único* ponto fraco do cristal líquido – mas é um *sério* ponto fraco. A tecnologia fez, é claro, enormes progressos, mas ainda tem chão. Enquanto isso...

Se esse lance de cor parece frescura, você precisa compreender que a produtividade na edição digital de imagens depende de o profissional não ter um só instante de hesitação sobre aquele vermelho especial ser mesmo um tanto mais para o laranja e nem tanto para o magenta. Qualquer engano pode ser desastroso.

Cinzento e colorido

O novo modelo profiça da Sony, trazido direto do Japão, se você perdoar o tamanho e a aparência industrial é um deleite de se ter sobre a mesa. O gabinete cinza atende à necessidade do profissional da imagem de não ter alguma coloração que influencie sua percepção visual da cor na tela. (Fora que o cinza combina bem com a torre prateada do Power Mac G4.)

A dimensão do tubo é de 21 polegadas, com diagonal útil efetiva de 49 cm ou 19,3". Suporta tantas resoluções quantas jamais vi em um só monitor. A placa de vídeo ATI 128 RAGE Pro do meu G4 consegue gerar as seguintes no Mac OS 9: 640x480, 800x600, 832x624, 1024x768, 1152x870, 1280x1024, 1280x960, 1600x1200, 1792x1344, 1856x1392, 1920x1080, 1920x1200 e 1920x1440. No Mac OS X (10.1), as resoluções disponíveis vão somente até 1600x1200.

A resolução mais confortável acaba sendo a de 1600 por 1200 pixels a 85 hertz. É possível trabalhar em 1920x1440 (123 dpi), ainda nítidos graças ao *aperture pitch* de 0,24 mm. Essa resolução máxima é ótima para editoração, pois em uma página desta revista mostrada em escala natural (172% no *zoom* do Quark), dá para ler um texto em corpo 5.

Uma das coisas de que a turma anti-Trinitron tripudia (sem trocadilho) são os dois finíssimos fios horizontais que estabilizam a máscara da tela. Pera aí: que mal eles fazem em uma "lousa" dessa dimensão? Nenhum. Ignore.

Um ponto fraco dos monitores grandes é a facilidade com que eles desenvolvem desvios de convergência. Para resolver isso, a Sony providenciou ajustes específicos para os cantos. Diferente da concorrência, tem ajustes de contraste e de brilho separados para cada um dos canhões (R, G e B). Isso permite uma calibração de cor fantasticamente precisa. A única coisa que falta é um ajuste fino de linearidade – uma omissão notável. O botão Picture Effect muda o brilho da imagem para assistir melhor a um filme ou apresentação sem perder a calibração padrão. Para completar, há um hub USB embutido na lateral direita – bem lembrado.

A nitidez da imagem é típica do Trinitron, sem novidades: maior no sentido vertical que no horizontal, e com uma tendência de engrossamento das letras pretas sobre fundo branco. São características sutis que não têm consequência na cor. E o grande motivo para persistir mais alguns anos com o velho tubão de vidro é a qualidade da cor. **M**

MARIO AV www.marioav.com
Sonha em RGB e realiza em CMYK.

SONY MULTISCAN G520

Sony: www.sonybrasil.com.br
11-3613-9138
Preço: R$ 6.499

Pró: totalmente plano; suporta altíssimas resoluções; super-ajustável; imagem impecável; acabamento neutro; quatro portas USB embutidas

Contra: Extremamente caro; volumoso

Olha que tipão!

Inicie-se no maravilhoso mundo das fontes

Na hora de criar qualquer tipo de documento com texto, nada mais natural do que dar atenção à tipografia. E, contrariando o chavão evocado pelo pokaprátika em fontes, a atenção ao seu uso não é só para deixar o trabalho mais "bonito", mas por uma questão de adequar o visual do documento ao seu propósito. É por isso que nem sempre podemos contar apenas com as fontes (muitas delas bem "batidas") que vêm com o Mac OS; precisamos instalar outras. Isso gera muitas dúvidas. Qual é a melhor maneira de instalar as fontes? Quais são os tipos de fontes que existem? Funcionam no OS X? Como gerenciá-las para não ter trocentos nomes no menu? Enfim, como funciona essa zona? Calma, gentes. Vamos tentar esclarecer tudo isso.

O que são as fontes?

Quem é muito, mas muito pokaprátika mesmo, talvez não tenha nem muita noção do que é que estamos falando. Então, comecemos bem do começo.

- **Tipo** é o design de uma letra, algarismo ou sinal gráfico.
- **Fonte** é um arquivo que contém um conjunto de tipos para as letras do alfabeto, algarismos, sinais e outros caracteres.
- O padrão de desenho de cada fonte segue um **estilo** próprio, que às vezes é chamado de "fonte" (por metonímia), "tipografia" (idem) e "tipologia" (erradamente; evite a todo custo).
- A maioria das fontes vem acompanhada de variações com a mesma concepção estética, formando uma **família** *(ver box abaixo)*. A nomenclatura varia um pouco, mas as versões usuais são: Normal/Medium/Regular, Bold/Heavy/Black (negrito), Light/Thin (fina) e Oblique/Italic (itálica).

Serifas



Tipos de tipos

Existem muitas classificações possíveis para os estilos das fontes. A mais simples delas divide todas as fontes em dois grupos: *serifadas* e *sem serifa.* **Serifas** são os "bicos" que finalizam os traços de muitas fontes e têm a dupla função de ornamento e auxílio para a leitura.

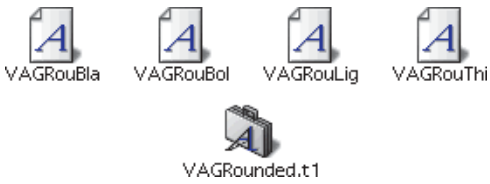
- Um exemplo clássico de fonte **serifada** é a nossa versão da Garamond, utilizada para compor estas linhas que você está lendo. Fontes serifadas são consideradas mais legíveis do que as sem serifa, e por isso são as mais usadas em textos de revistas e jornais.
- Fontes **sem serifa** têm desenho mais "limpo" e encontram uso mais frequente em títulos. A fonte do título e a dos boxes deste artigo são exemplos típicos.

Essa classificação não deve ser entendida rigorosamente, pois existem muitas fontes que misturam características dos dois grupos. Além disso, existe uma infinidade de fontes que chamamos genericamente de **"fantasia"** e podem incluir designs góticos, imitações de cursivas (letras manuscritas), capitulares (letras ornamentadas, especiais para marcar o começo de textos), *dingbats* (ilustrações em forma de fontes), símbolos matemáticos, sinais para notação musical e incontáveis outras.

Os arquivos

Para armazenar fontes no Mac, existe um tipo de pasta especial chamada **suitcase** (maleta). Seu comportamento é o seguinte:

- Uma maleta de fonte PostScript contém somente os bitmaps *(ver box à direita)* para cada fonte ou família; os outlines ficam de fora, em arquivos avulsos.



Família de fontes

Uma família é um conjunto de variações no desenho da mesma fonte. Cada uma das variações é chamada de **peso** (o termo com o mesmo sentido em inglês é ***weight)*** e tem um documento de fonte próprio ***(typeface)***. A família Helvetica Neue *(abaixo)* é um exemplo extremo de família grande, pois a maioria das fontes que você vai ver por aí tem somente quatro pesos: Normal (também chamado de Regular ou Roman) e Bold, Italic (inclinado, também chamado de Oblique) e Bold Italic.

Black Condensed	**Black**	**Black Extended**
Black Condensed Oblique	***Black Oblique***	***Black Extended Oblique***
Heavy Condensed	**Heavy**	**Heavy Extended**
Heavy Condensed Oblique	***Heavy Oblique***	***Heavy Extended Oblique***
Bold Condensed	**Bold**	**Bold Extended**
Bold Condensed Oblique	***Bold Oblique***	***Bold Extended Oblique***
Medium Condensed	Medium	Medium Extended
Medium Condensed Oblique	*Medium Oblique*	*Medium Extended Oblique*
Roman Condensed	Roman	Roman Extended
Roman Condensed Oblique	*Roman Oblique*	*Roman Extended Oblique*
Light Condensed	Light	Light Extended
Light Condensed Oblique	*Light Oblique*	*Light Extended Oblique*
Thin Condensed	Thin	Thin Extended
Thin Condensed Oblique	*Thin Oblique*	*Thin Extended Oblique*
Ultra Light Condensed	Ultra Light	Ultra Light Extended
Ultra Light Condensed Oblique	*Ultra Light Oblique*	*Ultra Light Extended Oblique*

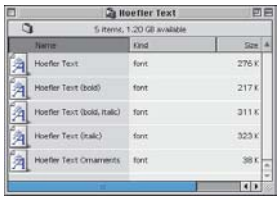
Fontes com serifa tradicionalmente têm itálicos com desenhos bem diferentes das respectivas versões "retas", mas isso não é uma regra rígida. Quando o itálico é só a versão inclinada da mesma letra, ele é chamado de ***Oblique,*** mas isso também não é uma regra rígida.

ABC abc 123 *ABC abc 123*
Normal e Italic de fonte serifada

ABC abc 123 *ABC abc 123*
Normal e Oblique de fonte sem serifa



• Uma maleta de fonte TrueType contém uma ou mais fontes; o usual é reunir cada família numa maleta.



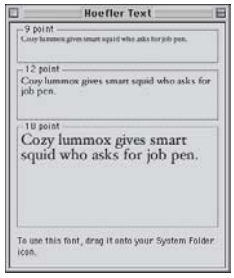
Amostras

Ao verificar o conteúdo de uma maleta de fonte, duplo-clique qualquer item para ver uma amostra da fonte correspondente. Não é preciso instalar a fonte para fazer isso. A janela de amostra revela uma diferença básica entre as fontes PostScript e TrueType:

• As maletas de fontes PostScript contêm bitmaps separados para vários **corpos** (tamanhos) da mesma fonte. Normalmente há de dois a quatro bitmaps por fonte. Duplo-clicando em cada um, aparece uma janela de amostra daquele bitmap.



• As maletas de fontes TrueType têm um arquivo único para cada fonte. Cada um, ao ser duplo-clicado, produz uma janela com três amostras em corpos diferentes.



Como instalar?

Instalar fontes é ridículo de fácil. Todas as fontes instaladas ficam juntas dentro da pasta Fonts (Fontes) no seu System Folder (Pasta de Sistema). Tudo o que você tem a fazer é arrastar suas novas fontes para cima do ícone do System Folder, e o Mac OS se encarrega de colocar os itens no lugar correto. Não recomendamos jogar as fontes diretamente na pasta Fonts, pois isso impede o Mac OS de verificar e resolver automaticamente os eventuais conflitos de ID (código de identificação) entre as fontes velhas e as novas.

As fontes recém-instaladas ficam imediatamente disponíveis para qualquer programa que trabalhe com texto, bastando fechá-lo e abri-lo de volta para que ele as reconheça. Nem é preciso restartar o Mac.

Cuidado com os excessos

O Mac OS tem um limite para o número de fontes que podem ficar instaladas simultaneamente. Um número muito grande de fontes deixa mais lentas as operações de abrir programas e reiniciar o Mac, além de transformar o menu de fontes dos programas numa lista quilométrica. Especialmente se você não tiver muita memória RAM em sua máquina, é melhor baixar a bolinha e não abusar.

Padrões de fontes

PostScript



Esse é o nome da principal linguagem de comunicação entre computadores e impressoras, criada pela Adobe nos anos 80 e licenciada para uso em Macs e PCs. O que ela faz é gerar uma *descrição* de cada página a ser impressa – um conjunto de instruções sobre como tratar os gráficos, imagens e textos. O resultado, simplificando muito, é uma sequência deste tipo: *"...na posição A por B, colocar a imagem C; na posição D por E, colocar o texto F..."* A impressora decodifica essas instruções,"constrói" a página em sua memória e imprime o resultado.

Os famosos "EPS encapsulados" nada mais são do que essas mesmas sequências de comandos, capturadas em arquivos no disco.

OK, mas onde é que entram as *fontes* nisso?

É que, para compor os textos, a impressora precisa receber do computador (ou já conter na própria memória) os arquivos das fontes que foram usadas no seu trabalho.

O padrão PostScript de fontes, assim como a linguagem, foi o pioneiro e ainda é o mais usado em trabalhos gráficos profissionais, especialmente no Mac. Não é qualquer impressora que pode trabalhar com a linguagem PostScript: apenas as que têm um interpretador PostScript embutido ou emulado. Praticamente todas as impressoras laser trabalham diretamente com PostScript, ao contrário das jato de tinta, que precisam do painel de controle **Adobe Type Manager** (ATM) para imprimir corretamente as fontes PostScript.

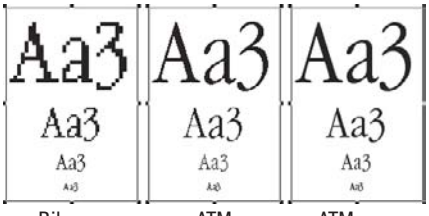
O Mac OS clássico não exibe na tela as fontes PostScript com sua aparência real por conta própria. Elas ficam serrilhadas. Para eliminar esse inconveniente, é necessário ter o ATM. Uma versão "light" dele vem de graça no CD de instalação do Mac OS. A versão paga, chamada ATM Deluxe, tem recursos adicionais para gerenciar as fontes.

O Mac OS X não precisa de programa adicional nenhum: ele sempre mostra as fontes com sua aparência real, em qualquer tamanho e com *anti-aliasing* (suavização) de alta qualidade.

Uma fonte PostScript é composta de dois arquivos separados, que têm que estar instalados juntos para funcionarem corretamente:

▪ Um deles, chamado **bitmap**, é uma representação mais ou menos tosca da fonte para visualização na tela. Nos primórdios do Mac, era o único tipo de fonte existente. Hoje em dia, só a vemos na tela em corpos muito pequenos, ou em qualquer corpo quando não temos o ATM rodando.

▪ O outro, chamado **outline**, contém a descrição verdadeira do desenho da fonte. É esse o arquivo que vai para a impressora. O "milagre" que o ATM faz com as fontes na tela é simplesmente desenhá-las a partir do outline em lugar do bitmap.



Bitmaps das fontes | ATM ativado | ATM com *anti-aliasing*

TrueType

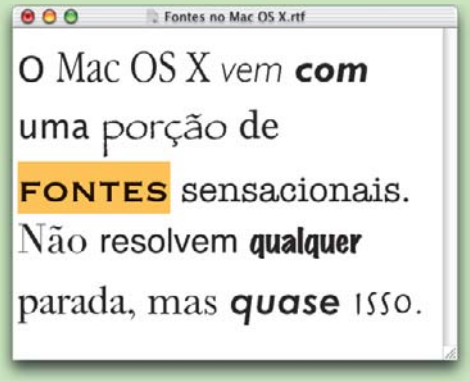


É o padrão de fontes básico do Mac OS e do Windows. Foi criado em conjunto pela Apple e pela Microsoft, como uma alternativa à tecnologia da Adobe. Embora exista nas duas plataformas, as fontes desse padrão, assim como acontece com as PostScript, não são livremente copiáveis de uma para a outra sem um processo de conversão. Fontes TrueType não precisam de arquivos separados para visualização na tela e impressão, e o Mac OS as exibe na tela com a aparência real (ou bem próxima disso) sem a necessidade de software adicional. As fontes TrueType e PostScript podem ser instaladas juntas e até usadas misturadas em um layout.

OpenType

Uma das dores de cabeça de quem trabalha com Mac OS e Windows é necessitar de versões 100 por cento equivalentes da mesma fonte nos dois. Para resolver essa inhaca, a Adobe propôs o OpenType, que funciona igualmente nas duas plataformas. O único senão é que a sua adoção não está avançando: na prática, a grande maioria continua trabalhando só com PostScript e TrueType.

E o Mac OS X?



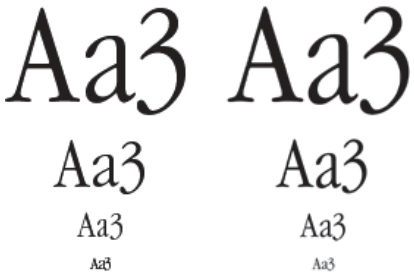
O novo sistema operacional traz *anti-aliasing* (suavização na tela) automático para qualquer fonte, o que garante qualidade visual perfeita sem a necessidade de nenhum programa adicional. É por isso que a Adobe nem pretende portar o ATM para o OS X.

Como o Mac OS X é um sistema multiusuário, as fontes não ficam reunidas em um só lugar. A pasta de fontes do sistema (situada em /Library/Fonts) ainda existe; todo o seu conteúdo fica disponível para todos os usuários. Cada usuário tem uma pasta adicional (em ~/Library/Fonts) com suas próprias fontes, que não aparecem nas listas de fontes de outros usuários.

O Mac OS X avança um pouco no gerenciamento de fontes. Mas não muito; é ainda praticamente a mesma coisa que existia no velho NeXTStep e no Rhapsody, seus antecessores. Embora os programas "carbonizados" ou portados para o Mac OS X continuem tendo um menu de fontes, os programas Cocoa (criados especificamente para rodar no OS X) preferem chamar um painel seletor *(abaixo)*, que é fornecido pelo próprio sistema. O atalho de teclado para ele é ⌘T.

De forma similar à do ATM Deluxe, você pode criar nesse painel conjuntos de fontes para facilitar a organização – com o grande inconveniente de que ele só "enxerga" as fontes que estão instaladas. Se você quiser organizar a valer as suas fontes, vai ter que instalar todas elas, o que não é prático nem aconselhável.

Mais para o final do ano, a Extensis deverá lançar uma versão do Suitcase (gerenciador de fontes concorrente do ATM) para o OS X, o que deve resolver esse problema. Outro bom programa para gerenciar fontes, o FontReserve, também deve ser convertido para o OS X ainda este ano.

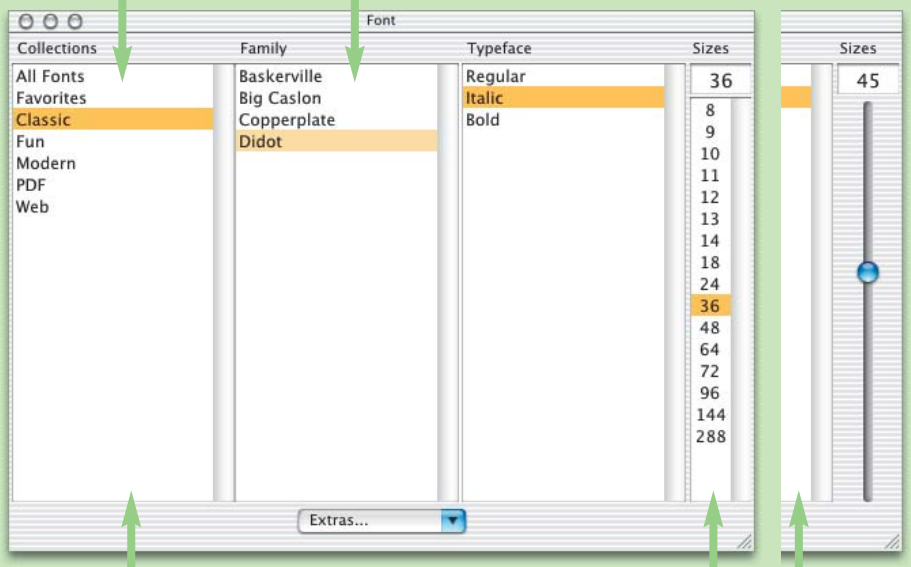


Anti-alias do ATM (Mac OS 8/9)

Anti-alias nativo do Mac OS X

As "Collections" correspondem aos sets de fontes do ATM e podem ser alteradas à vontade

As fontes aparecem sempre organizadas por família (Family) e peso (Typeface), simplificando a lista



Não existe "preview" de fonte: o resultado aparece instantaneamente no próprio texto

Pode-se escolher entre usar uma lista personalizada de corpos pré-definidos ou um conveniente controle deslizante

O que vem no Mac

Fontes pré-instaladas do Mac OS 9

Andale Mono
Apple Chancery
Arial
Arial Black
CAPITALS
Charcoal
Chicago
Comic Sans MS
Courier
Courier New
Gadget
Geneva
Georgia
Helvetica
Hoefler Text
Impact
Monaco
New York
Palatino
Sand
Skia
Σψμβολ (Symbol)
Techno
Textile
Times
Times New Roman
Trebuchet MS
Verdana
(Webdings)

Fontes adicionais do Mac OS X

American Typewriter
Baskerville
Big Caslon
Brush Script
COPPERPLATE
Didot
Futura
Gill Sans
AppleGothic
HERCULANUM
Apple LiGothic
Lucida Grande
Marker Felt
Optima
Papyrus
Zapfino

Dica

Para quem acabou de instalar um Mac OS fresquinho, uma boa idéia é abrir no Finder a pasta Fonts (dentro do System Folder), selecionar todos os itens que lá se encontram e aplicar um *label* (etiqueta) colorido (menu File ▸ Label). Com isso, você sempre saberá quais fontes foram instaladas depois desse procedimento. Você pode desinstalar as fontes sem etiqueta simplesmente arrastando-as para outra pasta.

Onde encontrar fontes na Internet

As fontes podem chegar ao seu Mac de várias maneiras. Muitos programas, como o CorelDRAW e Illustrator, vêm com dezenas ou centenas de fontes gratuitas. Para os profissionais, a Adobe tem o FontFolio 9, uma coleção que traz centenas de fontes PostScript e OpenType, mas essa brincadeira sai por US$ 12 mil. Outra maneira fácil de obter fontes é em sites da Internet. Eis alguns endereços para visitar:

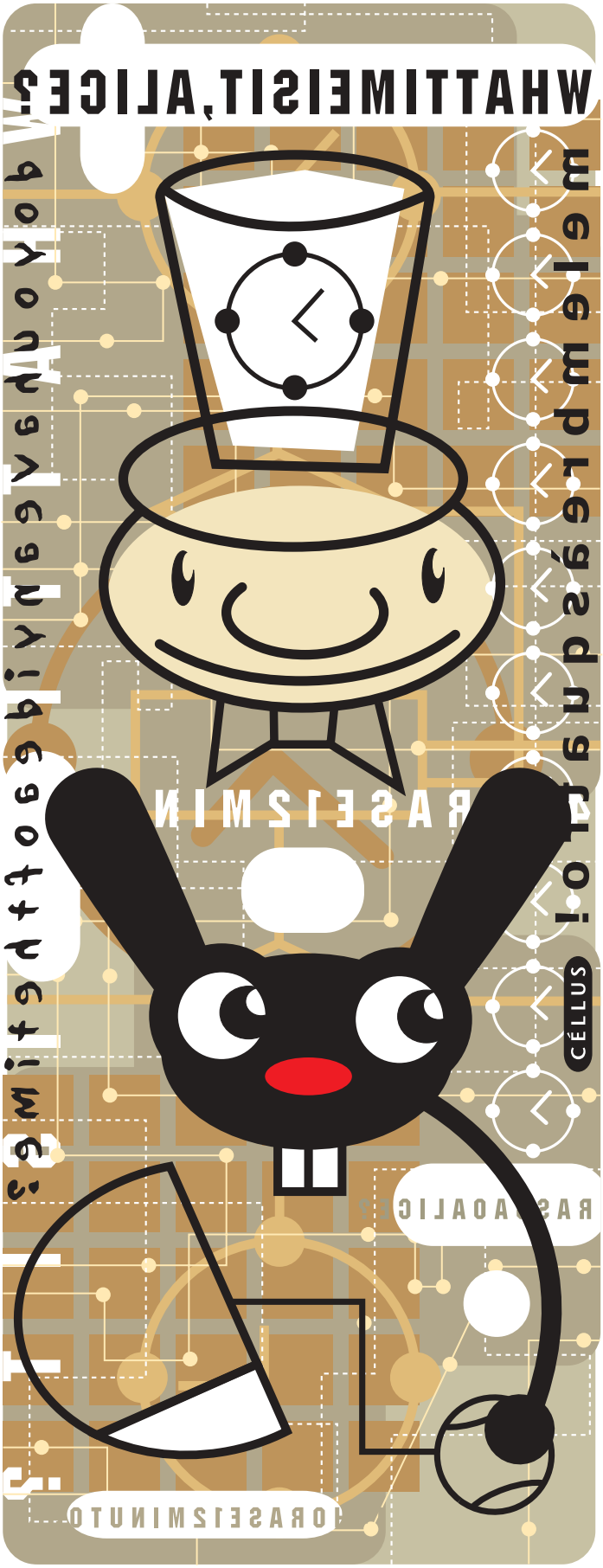


04 www.04.jp.org
1001 Free Fonts www.1001freefonts.jp.org
Add www.add.jp.org
ANK www.geocities.com/SoHo/Lofts/6360/home.html
Apostrophic Lab www.apostrophiclab.com
Butt Faces www.buttfaces.com
Chank Fonts www.chank.com
Dave Bastian www.davebastian.com
dincTYPE www.girlswhowearglasses.com
etherbrian www.etherbrian.com
Font Freak www.fontfreak.com
Larabie Fonts www.larabiefonts.com
Mac Fonts www.macfonts.com
Mario AV fontes.marioav.com
Rex Design www.rexdesign.com.br
Rotodesign www.rotodesign.com
Shift Factory www.shift.jp.org/factory
Smoking Drum http://66.39.19.127
Television Age http://charity.artificial.com/freefonts
Utopia Fonts www.utopiafonts.com
Tipos do Acaso www.tiposdoacaso.com.br

O Mac OS clássico suporta 127 maletas de fontes nas versões anteriores ao Mac OS 9 e 512 a partir dele. O limite do OS X é de aproximadamente 900. Parece muita coisa, mas essa soma inclui as fontes instaladas no Classic, que ficam disponíveis para os dois sistemas. Se você estourar o limite total do OS X, ele simplesmente não vai terminar de carregar no próximo *startup* e você terá que restartar no sistema clássico para desinstalar algumas das fontes.
Alguns programas requerem que determinadas fontes estejam instaladas. Programas de ilustração e música, além de browsers e pacotes de produtividade (leia-se "Internet Explorer e Microsoft Office"), instalam fontes automaticamente. Por isso, não estranhe quando coisas novas surgirem no seu menu de fontes. **M**

MÁRCIO NIGRO
Acha que o Tony de Marco faz tipo. Colaboraram **Mario AV**, **Claudio Rocha** e **Márcio Shimabukuro**

DOUGLAS FERNANDES



No balanço das horas

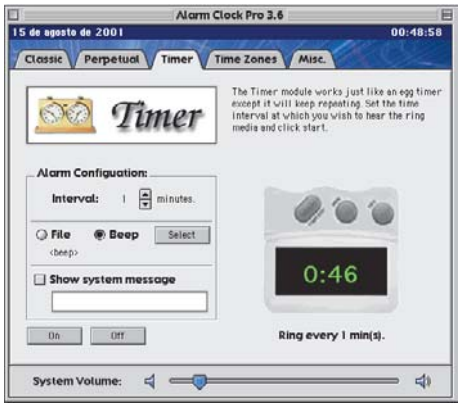
Programas que não deixam perder a noção do tempo

Um dos tipos de sharewares mais frequentes de se encontrar na Internet são os relógios. Pode ser porque os programas de relógios são muito fáceis de serem feitos, ou porque tem muita gente descontente com o relógio extremamente simples que a Apple colocou no sistema, que nem tem alarme. Mas isso não é o que importa. O que importa é que existem muitos sharewares que marcam as horas de várias maneiras, e ainda oferecem diversas funções extras. São os legítimos *Sharewares da Hora!*

Alarm Clock Pro



Esse certamente é um relógio profiça. Além de mostrar as horas, tem uma infinidade de alarmes (o porquê de tantos eu não sei), que podem ser programados com datas para lembrar ocasiões especiais, usando sons do sistema ou arquivos MP3. Além disso, tem *timer*, horários do mundo todo, calendário e até um cronômetro. As opções de relógios mostrados na tela não são muito interessantes e o programa ainda tem muitos problemas de funcionamento, mas ainda assim vale uma olhada.



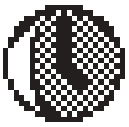
FM Egg Timer



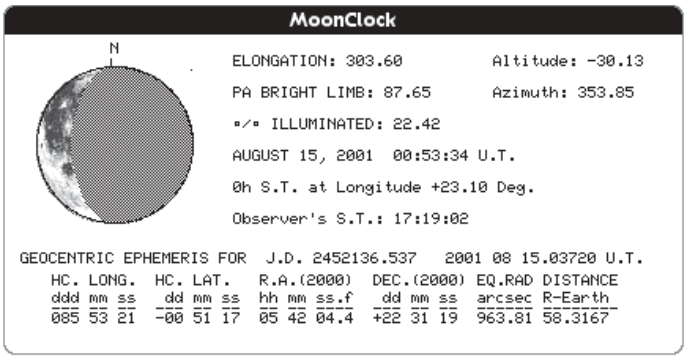
Módulo de *timer* para o Control Strip. Se você tem algo a fazer daqui a dez minutos, como por exemplo cozinhar um ovo (daí o nome do módulo), ative-o e digite o lembrete que será mostrado na tela junto com um sinal sonoro quando o tempo chegar. Mesmo religando o computador, ele continua funcionando e mostrando quanto falta. Bom e barato para quem ama as coisas simples da vida.



MoonClock



Como dá para sacar pelo nome, trata-se de um relógio que, além das horas, mostra a fase da Lua e vários dados sobre nosso satélite natural (dados que só lhe serão úteis se você for um amante da astronomia). A interface, além de ser em preto e branco, tem pouquíssimos atrativos visuais. Até os menus e as janelas estão fora de ordem e são mal feitos. Ainda assim, é bem interessante e tem algumas opções úteis (e óbvias), como deixar que você coloque sua latitude e longitude para que a Lua fique compatível como o hemisfério da Terra em que você está.



CornerClock



Um clássico! Alguém conseguiu transformar em uma área útil o espaço minúsculo entre a maçãzinha da Apple na barra de menu e o canto da tela. É um relógio digital que, apesar de pequeno, chama a atenção sempre que você olha para a barra de menu. Além de ser de graça, tem algumas opções de "badaladas" em horas ou frações de horas, com direito a sons legais, como aqueles dos relógios da época do seu avô. Muito simpático.



aClock



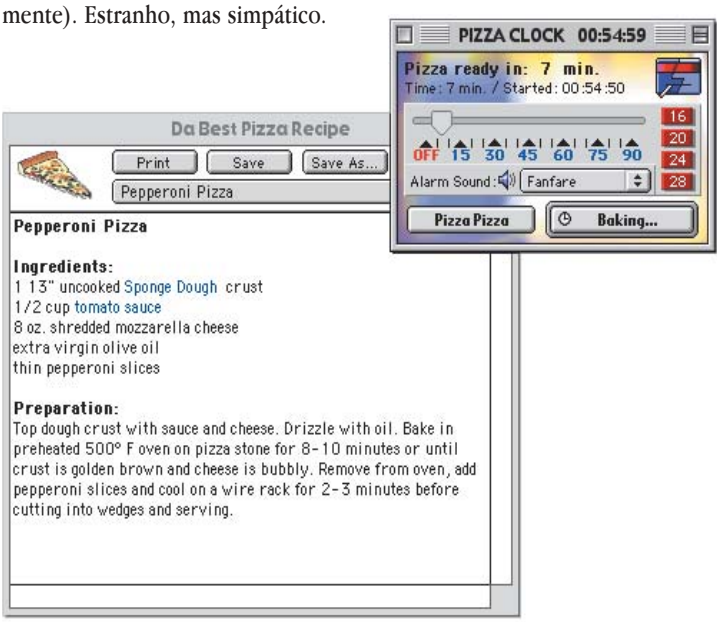
Põe na sua tela um relógio analógico e deixa que você troque o visual dele (através de *skins*) por alguns modelos que vêm junto com o programa ou existem no site dos autores. Possui as funções básicas de apitar de hora em hora ou em frações de horas e pode ser programado como alarme, mas utilizando apenas sons do sistema. Pagando-se a taxa que os autores pedem, ele pode aparecer na tela por cima dos outros programas que estiverem abertos.



Pizza Clock



Não é só o nome que é estranho: o programa também é bastante esquisito! Segundo os criadores, ele foi feito para atender a necessidades culinárias. Você escolhe uma quantidade de minutos para que o *timer* faça uma contagem regressiva para não deixar queimar a sua pizza (ou qualquer outra coisa que esteja no forno, embora tudo no programa seja referente a pizza). Enquanto você espera, pode ler e imprimir várias receitas de pizzas que vêm embutidas no programa (receitas americanas de pizza, naturalmente). Estranho, mas simpático.



X wClock



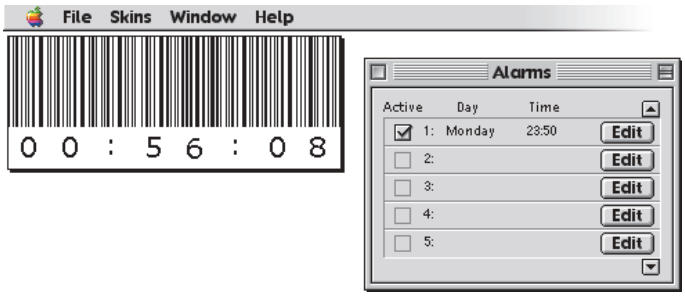
Além do relógio, seu único diferencial é um calendário simples que desce de trás da barra de menu quando você clica no mostrador. Deixa a desejar, sendo muito simples para todas as possibilidades que o Mac OS X oferece, mas pelo menos seu calendário é útil. Dica importante: ao usá-lo, desligue o relógio do Mac OS X, senão encavala tudo.



MP3 Alarm Clock



O nome diz muito sobre o programa, mas quando você o utiliza percebe que, além de poder programar até 14 alarmes com arquivos de música em MP3, pode também usá-lo como um ótimo relógio para a sua tela. Isso porque ele tem vários tipos embutidos de mostradores de relógios digitais, um mais legal que o outro. As opções de alarme são muito boas e fáceis de programar. Você pode estabelecer um volume diferenciado para os alarmes, diferente do volume do sistema. Pode pedir para ele voltar a tocar o alarme depois de um certo tempo, como na opção "soneca" de um despertador normal. E o melhor de tudo: é de graça. Curiosamente, o ícone dele é o mesmo do Alarm Clock Pro. Quem copiou quem?



TriVectus Clock



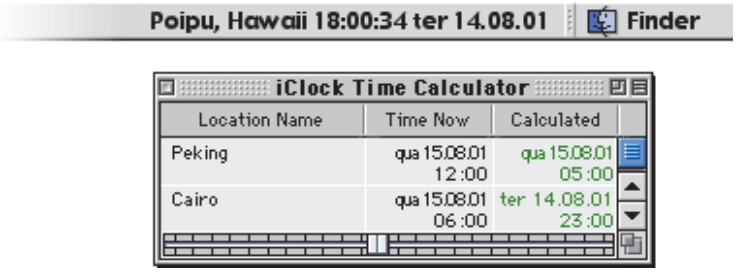
É, na verdade, um módulo do descanso de tela do Mac OS X. Toda vez que é acionado, mostra um relógio de ponteiros flutuando pela tela. Ele vem com algumas opções de mostradores, todas de gosto duvidoso, mas você pode adicionar suas imagens para criar novos padrões de relógio. Funciona bem para quem tem saudades de um módulo semelhante ao que existia no bom e velho After Dark. (Não deixe de experimentar os outros módulos de descanso de tela TriVectus; todos são excelentes.)



iClock



Relógio para a barra de menu que pode mostrar a hora em diversos lugares do mundo. Possui uma função de calculadora para saber quantas horas de diferença existem entre as cidades e uma função de *timer* que emite "bips" sonoros e mensagens na tela depois de um determinado tempo. Você também pode adicionar e retirar localidades da lista dele, e pode incluir o código telefônico da cidade. Pode ser útil para quem viaja muito.



Alarm Call



Programinha muito básico e de graça, que toca arquivos MP3 em horários programados de alarme. Embora tenha uma interface muito simples e o funcionamento bastante fácil de entender, possui vários probleminhas, como essa janela fora do padrão normal das janelas do sistema, o que a torna difícil de arrastar pela tela. Fora isso, pode usá-lo sem medo.



Onde encontrar

aClock	916 KB	www.yourhead.com
Alarm Clock Pro	1 MB	www.koingosw.com/products/alarm_clock_pro.shtml
Alarm Call	793 KB	www.essentrix.com/alarmcall
Corner Clock	199 KB	www.excaliburworld.com/products.html
FM Egg Timer	86 KB	www.bozos.com/lizardbreath/work.html
iClock	530 KB	www.scriptsoftware.com/iclock/index.html
Moonclock	470 KB	http://balder.prohosting.com/stouch/MOONCLOCK.html
MP3 Alarm Clock	580 KB	http://mike.axisproductions.com/clock/download.html
Pizza Clock	1,5 MB	http://homepage.mac.com/fmr_software
TriVectusClock	606 KB	www.trivectus.com
wClock	56 KB	www.wolfware.com/wclock/index.html

Depois de ver todos esses sharewares, percebemos que alguns programas da Apple são bastante capengas e deixam de oferecer soluções, às vezes, óbvias. Não que isso se aplique a tudo; vez ou outra, aparecem programas supersimples que oferecem uma solução muito genial e você acaba não sabendo como viveu sua vida inteira sem esse software! Exageros à parte, esses relógios ilustram bem como podemos ter soluções simples em programas simples. Portanto, se você não está muito feliz com o relógio do seu Mac, baixe um desses sharewares. M

DOUGLAS FERNANDES douglasf@mac.com
Não vê a hora de colocar sua vida em ordem.

MacPRO
o suplemento dos power users
Ano 4 - N°35
Parte integrante da revista Macmania
Não pode ser vendido separadamente

RAID pra que te quero

Múltiplos HDs em conjuntos redundantes aumentam a velocidade e a segurança dos seus dados

por Márcio Nigro

Sistemas RAID são matéria-prima de servidores de arquivos, estações de edição digital e outros sistemas que não podem dar pau jamais



Quanto valem os seus dados? Não estamos falando de valor sentimental. A pergunta diz respeito a dinheiro, *money*, grana, dim-dim, mufunfa, verdinhas, tutu. Quanto mais você achar que eles valem, melhor tem que ser o método de armazenamento para garantir a segurança desses bens tão preciosos.

A gente vive falando nas páginas desta humilde revista que é preciso fazer becape e coisa e tal para garantir a integridade das informações no seu computador. Mas, em certos casos, só becape não resolve. É o caso de quem tem aplicações de missão crítica, como servidores de arquivos, grandes bases de dados e programas *high-end* de vídeo digital, por exemplo. Para esses, a melhor resposta é um sistema RAID.

Para aqueles casos em que o becape sozinho não resolve

Mas o que é RAID?

Não sabe direito do que estamos falando? Então, expliquemo-nos.

RAID significa *"Redundant Array of Inexpensive Disks"* ou, em português claro, "fileira redundante de discos baratos" – se bem que, para usar um termo mais adequado, substituiremos "fileira" por "matriz", porque muitas vezes os discos não formam exatamente uma fila. O conceito surgiu em 1987, como uma proposta que pregava o uso de múltiplos discos pequenos e acessíveis para substituir o uso de um disco único e grande (SLED, *Single Large Expensive Drive*) para armazenar dados com redundância e tolerância a falhas. Com um sistema RAID, embora a informação seja dividida entre vários discos rígidos (ou outras unidades de armazenamento), tudo aparece no computador como se fosse apenas um drive.

É importante ressaltar que o termo "discos baratos" não deve ser levado muito ao pé da letra, já que a maioria dos sistemas RAID empregam as últimas versões da interface SCSI para aumentar as taxas de transferência. Discos SCSI não são exatamente baratos, mas na época em que apareceu o RAID eles eram muito mais baratos que os HDs dos computadores de grande porte, proporcionando boas taxas de transferência sustentáveis e reduzindo bastante a latência e o tempo de procura. (Posteriormente vieram os drives com interface IDE, que baixaram os preços mais ainda.)

Na verdade, um sistema RAID pode ser bem caro e a aplicação precisa justificar a implementação desse tipo de tecnologia. ▶

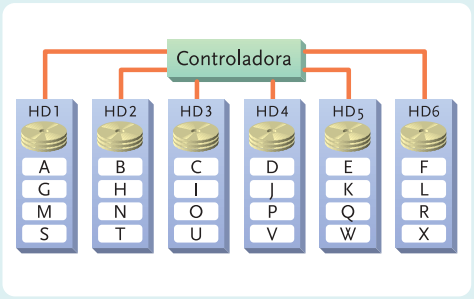
Os vários tipos de RAID

Existem várias arquiteturas RAID, cada uma oferecendo diferentes recursos de segurança, como redundância, tolerância a falhas etc. A forma de expandi-las também varia: alguns sistemas podem ser expandidos com a adição de apenas um disco, enquanto outros requerem usar cinco de uma vez. O desempenho também muda de nível para nível, de modo que e é importante definir as intenções de suas aplicações e a performance desejada para saber qual tipo de RAID é adequado à sua necessidade.

Descubra e adote o melhor nível de RAID para a sua necessidade

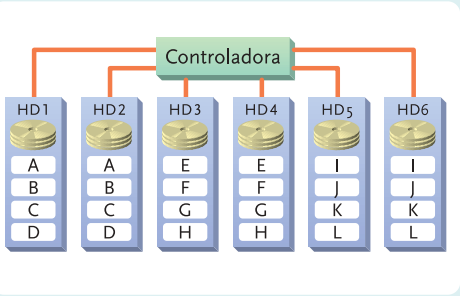
Os principais fatores que diferenciam os níveis de RAID são o modo como os dados são gravados no conjunto de discos; se há alguma forma de redundância de dados; e se e como o conjunto pode ser expandido. Veja a seguir uma explicação mais detalhada de cada nível.

RAID-0



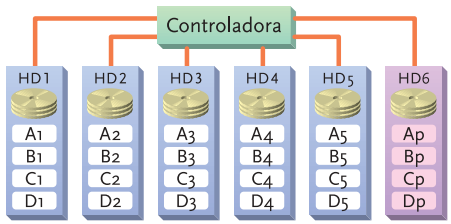
O RAID nível 0 também é conhecido como "fatiador de dados" *(data striping* ou simplesmente *stripe)*. É um conjunto de discos que transferem os dados em paralelo. Essa categoria oferece alta performance e transparência para o usuário. Como não há redundância (para essa configuração o termo RAID não é muito adequado), a capacidade de armazenamento do sistema é igual à soma de todos os drives utilizados. A ausência de redundância também significa que não há paridade para recuperação de erros e tolerância a falhas. Por outro lado, é muito fácil de se implementar e expandir esse nível, que requer pelo menos dois drives, sendo possível adicionar outro a qualquer momento. De modo geral, quanto mais discos maior o desempenho do conjunto, o qual está limitado apenas pela capacidade de barramento. E mesmo assim, quando um barramento está saturado, é possível usar outros. "Fatiando" dois HDs, é possível aumentar a performance em 80%. O RAID-0 é bastante popular em aplicações de edição de vídeo digital e outras que necessitam de grande largura de banda.

RAID-1



O RAID nível 1 funciona basicamente como espelhamento de disco. O sistema requer um mínimo de dois discos para que possa haver redundância dos dados, e tende a ser mais rápido na leitura e mais lerdo na gravação do que apenas um HD. Cada dado é escrito ao mesmo tempo em dois drives e, se um deles falhar, o outro assume a função. Por causa da redundância, a capacidade de armazenamento é metade da soma de todos os discos, de modo que o custo por megabyte é alto. Os HDs têm que ser adicionados de dois em dois na hora de expandir o conjunto. Essa configuração é usada normalmente em aplicações de contabilidade, pagamentos e finanças.

RAID-3



O RAID nível 3 reparte os bytes entre os discos, com a paridade gravada em uma única unidade. Os dados são entrelaçados em nível de byte, e o acesso a um simples bloco requer a transferência de todos os drives que, sincronizados, funcionam como se fosse um só disco virtual. O RAID-3 oferece transferência rápida de arquivos grandes, como gráficos e vídeo digital. No entanto, pode até ser mais lento do que um único volume em aplicações normais.

Esse nível aproveita melhor o espaço em disco do que o RAID-1: 83% a 90% está disponível, dependendo da quantidade de drives do conjunto. No entanto, o disco de paridade torna o sistema 10% a 20% mais custoso do que usar o mesmo número de volumes separados. Expandir a capacidade do sistema RAID-3 é fácil. É indicado para produção de vídeo, *streaming* em tempo real e editoração.

Para saber mais

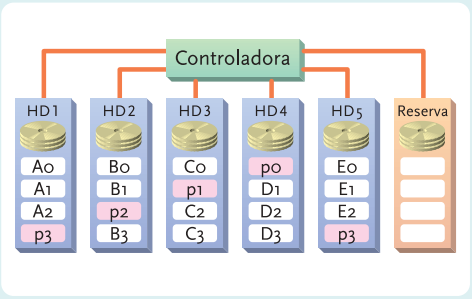
NetApp: www.netapp.com
Quantum: www.snapappliances.com
Electronix: www.raidweb.com

Fique ligado: palavras-chave do mundo RAID

Os sistemas RAID também podem conter subsistemas específicos que variam com o nível e o fornecedor. Veja de alguns dos recursos e conceitos mais comuns.

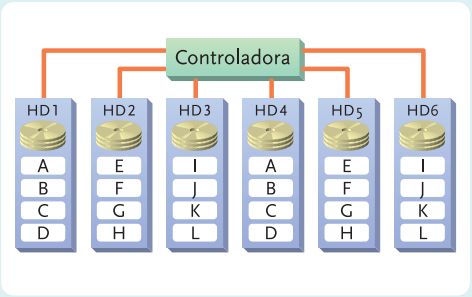
- **Tolerância a falhas** – É a habilidade de manter o conjunto operando quando um ou mais dos seus componentes falham.
- **Paridade** – É um método pelo qual os dados são distribuídos em vários volumes de tal modo que, numa eventual falha de um disco, as informações são comparadas com as dos discos restantes da matriz a fim de reconstruir os dados perdidos. No processo de paridade, a soma do número total de bits '1' tem que dar um número ímpar *(odd parity)* ou par *(even parity)*. SCSI usa paridade ímpar. Isso significa que a soma de todos os '1' de um byte mais a paridade será sempre ímpar.
- **Caching** – Algumas controladoras RAID — especialmente as de níveis 3, 4 e 5 — têm RAM para pré-alocar dados ou fazer cache. Isso ajuda a compensar as perdas de performance de gravação nos níveis mais altos de RAID. Sistemas sofisticados de *caching* incluem becape de bateria, capaz de manter os dados por horas em caso de falta de energia. Alguns até oferecem cache espelhado para redundância.
- **Hot Spare** – Alguns subsistemas RAID incluem um drive extra que só é usado quando outro drive falha.
- **Warm Spare** – Requer que, na hora de reposição de discos ou componentes, o sistema fique *offline*, mas não desligado.
- **Hosts múltiplos** – Recurso que possibilita que múltiplos adaptadores ou computadores *host* (hospedeiro) sejam conectados ao mesmo tempo.
- **Controladoras redundantes** – Os subsistemas RAID que contêm duas controladoras garantem que, se uma falhar, a outra assume a função imediatamente. Em alguns casos, as duas funcionam simultaneamente e, em outros, uma fica em *standby*.
- **Hot Swappable** ("trocável a quente") – Vários sistemas RAID permitem que os discos e fontes de alimentação sejam trocados enquanto o sistema está ligado e funcionando.
- **Software de configuração** – Os subsistemas RAID podem ser configurados de três maneiras: software com interface gráfica, painéis LCD e terminal baseado em conexões seriais.
- **Software de monitoração** – Sistemas RAID mais avançados incluem programa para checar o *status* dos componentes na rede. Alguns até incluem recursos de notificação automática.

RAID-5



Oferecendo alta segurança, o RAID nível 5 é similar ao RAID-3, só que distribui a informação de paridade entre os drives. Mais de um disco pode ser gravado ao mesmo tempo e há melhor desempenho na transferência de blocos pequenos de dados (mas é mais lento para grandes arquivos). A gravação, no entanto, não é das mais rápidas. Um sistema com oito unidades pode gravar quatro discos simultaneamente, e não é necessário nenhum volume dedicado de checagem, já que a paridade está espalhada pelos volumes. 10% a 20% do espaço disponível é usado para criar paridade. O RAID-5 requer pelo menos três discos e é simples de expandir. Os dados perdidos num disco defeituoso podem ser reconstruídos num disco extra que funciona como "estepe". Esse nível é ótimo para servidores de arquivos, bancos de dados e servidores da Internet, mas não é aconselhável para vídeo e gráficos.

RAID-0+1

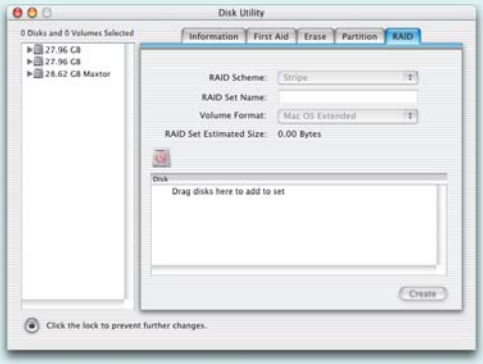


Esse sistema é implementado na forma de um espelho de subconjuntos (como no RAID-1) de drives segmentados em *stripe* (como no RAID-0). Utiliza quatro ou mais HDs, em números pares. Oferece altas taxas de transferência e a mesma tolerância a falhas do nível 5. Por outro lado, a falha de apenas um disco faz com que toda a matriz vire, em essência, um sistema RAID-0. Há parentesco entre o RAID-0+1 (espelhos de drives em *stripe)* e um outro esquema, chamado RAID-10 *(stripe* de drives espelhados), que é mais tolerante a falhas.

Variações tecnológicas

Os sistemas RAID podem ser baseados em vários tipos de tecnologia:

- **Software** – Um programa calcula a paridade e os comandos necessários para criar o RAID.
- **Hardware** – Realiza os cálculos e envia os comandos, liberando o computador para outras tarefas.
- **Hardware em placa** – A própria placa controladora já possui o hardware necessário para realizar a tarefa.
- **Hardware externo** – Equipamento que possui um conector para ser ligado ao computador e um ou mais para se ligar aos discos rígidos. Para o computador, o uso do esquema RAID é transparente, enxergando a controladora externa como se fosse um único disco. Muitas dessas controladoras possuem dimensões similares às de um HD tradicional, permitindo a sua fácil montagem interna em gabinetes para servidores. Porém, você continua precisando de uma placa PCI no computador para se conectar a essa controladora externa.
- **Com uma interface** – Inclui uma interface SCSI e todos os discos são ligados nela.
- **Com duas ou mais interfaces** – Permite que os discos sejam distribuídos entre as várias interfaces, aumentando a performance, já que cada interface (ou canal SCSI) fica mais livre para os discos.
- **IDE x IDE** – É uma controladora RAID (hardware externo) que se conecta na controladora IDE, possibilitando assim utilizar discos IDE.
- **SCSI x SCSI** – Conecta-se na controladora SCSI e usa discos SCSI.
- **SCSI x IDE** – Conecta-se na controladora SCSI e usa discos IDE.
- **Fiber Channel x Fiber Channel** – Conecta-se na controladora Fiber Channel e usa discos Fiber Channel.
- **Fiber Channel x SCSI** – Conecta-se na controladora Fiber Channel e usa discos SCSI.
- **Fiber channel x IDE** – Conecta-se na controladora Fiber Channel e usa discos IDE.



O Disk Utility do Mac OS X 10.1 pode configurar seus HDs em RAID

Qual escolher?

Para os usuários profissionais de Mac, os sistemas RAID que devem ser mais interessantes são os de grande porte e alta velocidade, que se podem montar a preços razoavelmente baixos – para uso em aplicações de vídeo, por exemplo – a partir de discos IDE e conexão SCSI. É possível montar um RAID de 100 GB e alta performance por menos de R$ 5 mil e usá-lo com o Media 100 ou Final Cut Pro. Para ter uma base de comparação, há quatro anos um sistema de 50 GB para Flame (em SGI) saia por uns R$ 31 mil. Enfim, tudo está mais fácil agora. M

MÁRCIO NIGRO
Colaboraram (e muito) Oswaldo Bueno e Carlos Freitas

NAS x SAN

Uma questão adjacente ao RAID são a NAS e a SAN. Uma SAN *(Storage Area Network)* é uma rede de armazenamento. Por exemplo, é possível configurar alguns servidores ligados na mesma cadeia SCSI, acessando os mesmos drives. O padrão mais atual é utilizar a interface Fiber Channel, na qual vários servidores são conectados entre si e aos HDs ou controladoras RAID. Na maioria dos casos, cada servidor acessa partições diferentes. A vantagem é a centralização do armazenamento num único local ou num local distante e seguro. Diferente do que o nome sugere, a tecnologia Fiber Channel não funciona apena com fibra óptica, mas também com cabos de cobre. Alguns servidores conseguem compartilhar até a mesma partição, mas para isso utilizam software que faz a comunicação entre um servidor e outro avisando quais arquivos estão abertos e não podem ser acessados pelo outro.

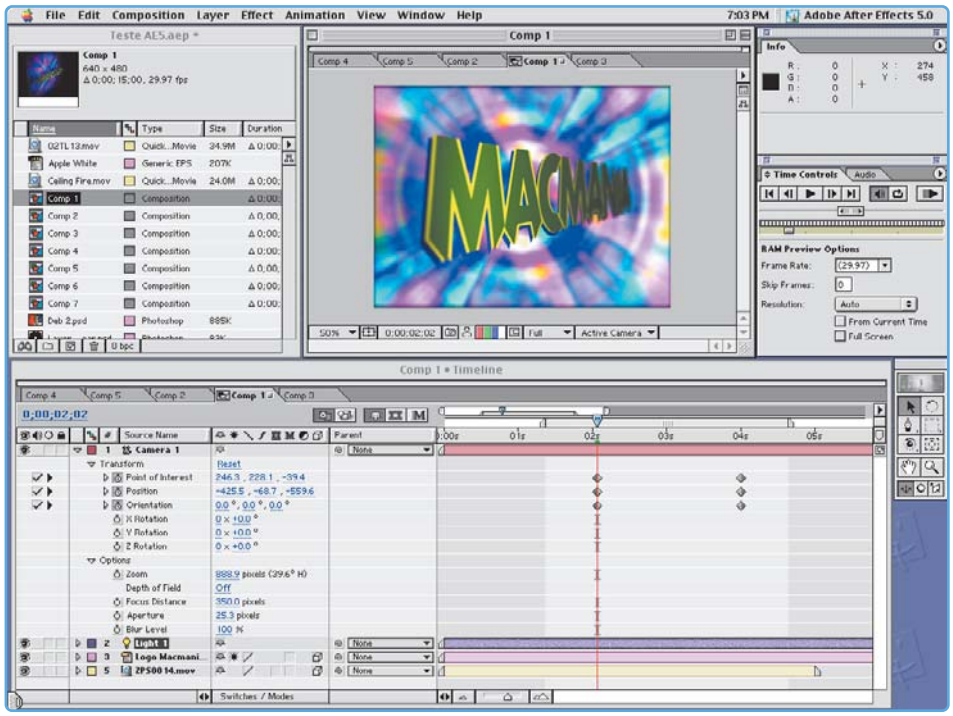
As NAS *(Network Attached Storage)* são *network appliances*, ou seja, sistemas completos que incluem computador, sistema operacional, controladora SCSI, interface de rede e, em alguns casos, os próprios HDs. Esses equipamentos requerem um mínimo de configuração inicial e são ligados na rede Ethernet, comportando-se como servidores para os outros computadores e suportando vários protocolos compatíveis com Windows, Unix e Mac (AppleShare). No entanto, uma NAS não é um RAID. Um dos fornecedores de NAS mais conhecidos é a NetApp. Seus equipamentos possuem sistema operacional e tecnologia de RAID próprios, que não são comparáveis aos níveis RAID.

O sistema da NetApp faz acesso aos discos para leitura mas, se recebe um comando de gravação, pega o bloco mais próximo disponível, grava e continua a leitura. A maior vantagem do NAS é que, na maioria dos modelos, você pode "espetar" mais um disco sem que o equipamento precise reformatar e reparticioná-los, ao contrário do que acontece com os sistemas RAID.

Outro fornecedor é a Quantum, que tem sistemas NAS de apenas um disco.

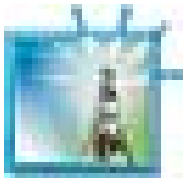
After Effects 5.0

Motion Graphics em uma nova dimensão



Nunca foi tão fácil animar loguinhos 3D

A Adobe tornou 2001 um ano inesquecível para os usuários de seus programas para Desktop Video. Depois de agradar a massa com o Premiere 6.0, que – tal como o rival Final Cut Pro da Apple – captura e edita vídeo DV sem nenhuma placa adicional, atingiu em cheio o seleto público de artistas de vídeo digital com o After Effects 5.0.



Primeiro software de efeitos e composição de imagem em movimento para computadores pessoais, o After Effects veio ao mundo apenas para Mac, em janeiro de 1993, pelas mãos de uma pequena empresa conhecida como CoSA (The Company of Science & Art), que logo foi comprada pela Aldus, a qual foi comprada em seguida pela Adobe.

O projeto original e sua equipe de criação eram tão bons que uns poucos upgrades e uma versão para Windows foram suficientes para popularizar o software e ampliar de forma extraordinária um mercado antes restrito a produtos *high-end* caríssimos, destinados à plataforma SGI ou baseados em hardware proprietário. Pois bem: depois de oito anos de seu surgimento, chega a versão 5.0 do After Effects, marcando o início de uma nova fase na sua existência ao romper definitivamente a barreira da terceira dimensão. Essa é, indiscutivelmente, a mais importante característica do upgrade.

Não é que não haja outras inovações arrebatadoras: muito pelo contrário. O After Effects 5.0 também será lembrado por ter introduzido a pintura vetorial, o poder impressionante do recurso Expressions e uma boa quantidade de deliciosas melhorias que facilitam a sua operação e incrementam o seu potencial.

O After Effects 5.0 roda em Power Macs e tira vantagem do multiprocessamento e do Velocity Engine (AltiVec) dos chips G4. Requer Mac OS 9.0 ou 9.1 e roda no ambiente Classic do Mac OS X (mais um programa importante que fica devendo a compatibilidade total com o Mac OS X). Recomenda-se reservar pelo menos 128 MB de memória RAM para o software.

3D para valer

A Discreet saiu na frente na composição de imagem em 3D para Mac; primeiro com o effect* e depois com o lançamento do robusto combustion 1.0 *(Macmania 81)*. O novo software impressionou a todos e deixou a sensação de que finalmente surgira um concorrente à altura do After Effects. Meses depois, veio a resposta da Adobe. A inteligente implementação do 3D no After Effects merece praticamente só elogios. Chamou-me a atenção, sobretudo, a boa integração do novo recurso com o software e sua interface, com o acréscimo de uns poucos parâmetros e botões à Timeline e à janela de ferramentas. Câmeras e luzes sob a forma de layers viram itens familiares para quem já está acostumado ao programa e ao mesmo tempo simplificam o trabalho de mudança de ângulos e iluminação. Layers 2D e 3D convivem harmoniosamente nas composições, modificando ligeiramente o conceito hirárquico do *render* do After Effects.

As ferramentas de manipulação 3D são acessíveis e fáceis de usar. Senti falta de poder definir os layers como *targets* de câmera de forma automatizada. Duas novas janelas fornecem ajustes mais básicos de câmera e luz, mas sem a possibilidade de *preview* das alterações.

O *render* 3D tem boa qualidade e é bem rápido, com sombras e propriedades de material. Os layers 3D comportam-se como objetos bidimensionais no espaço tridimensional, não possuindo, portanto, volume. A intersecção de objetos só é possível quando instalamos o plug-in de *render* Advanced 3D (disponível para download no site da Adobe, com validade até o fim de 2001), que tem algumas limitações como não projetar sombras suavizadas e não ser otimizado para multiprocessamento.

O único senão realmente grave é a inexistência de vistas tridimensionais múltiplas simultâneas para a manipulação dos elementos. Elas estão todas concentradas na janela Composition e só podem ser acionadas uma por vez, dificultando principalmente a manipulação de câmeras e luzes. Deve ter ficado para uma versão futura.



Novas ferramentas na palete Tools ajudam a manipular câmeras e objetos 3D

Tudo em família

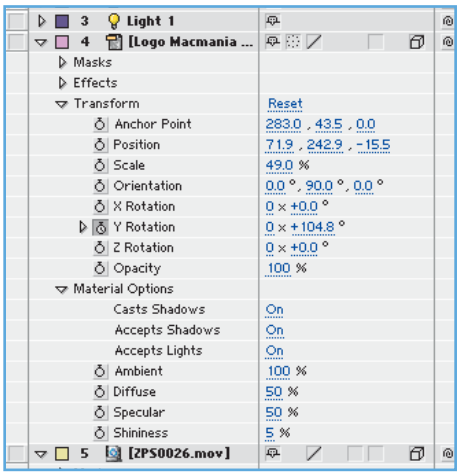
Comum nos programas de 3D (o combustion também tem), o recurso de *parenting* é outra excelente novidade muito bem implementada no After Effects 5.0, e funciona igualmente com layers 2D e 3D. Um novo painel da Timeline oferece duas maneiras bastante amigáveis de criar relações de *parent* e *child* entre os layers: uma por um menu suspenso e outra arrastando um novo ícone, o *pick-whip*, do layer *child* para o layer *parent*.

Nas composições de objetos 2D, o

parenting finalmente nos livra da necessidade de recorrer ao artifício de fazer diversas composições dentro de composições *(nesting)* para conseguir estabelecer hierarquias entre layers. Com isso, fica moleza fazer animações tipo marionetes, por exemplo.

Pintura vetorial é plug-in

A quase totalidade dos novos efeitos oferecidos pelo After Effects 5.0 veio das coleções de plug-ins Cycore Cult Effects e Atomic Power Evolution, que foram recentemente adquiridas pela Adobe. Nem todos foram incorporados de imediato ao programa, e alguns deles estão disponíveis apenas na versão Production Bundle, como é o caso do Vector Paint, a estrela do pacote, que oferece o precioso recurso de pintura vetorial não-destrutiva.

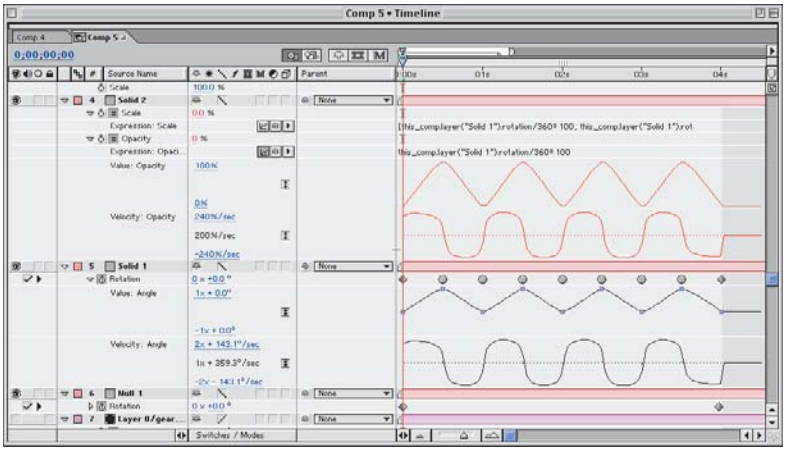


Os novos parâmetros dos layers 3D ficaram muito bem integrados à interface

O plug-in, que já tinha qualidade, passou por uma plástica geral e foi anabolizado para estrear como parte do After Effects em grande estilo. O time da Adobe deu uma boa melhorada na interface das ferramentas do Vector Paint e acrescentou o recurso de variação randômica dos traços com um *wiggle* específico do efeito. Dá para fazer bastante coisa com o Vector Paint, como animar os traços de várias maneiras, usar *composite modes* próprios, inclusive entre os traços, e trabalhar com tablets. No entanto, o plug-in possui algumas limitações importantes, como apenas um nível de Undo e o fato de não ser possivel editar os traços por curvas Bézier, como no combustion.

Poder de expressão

A Adobe guardou para o After Effects 5.0 mais um recurso de arrasar, o Expressions, que permite criar relações arbitrárias entre parâmetros de um ou mais layers. Ele utliza uma linguagem de programação baseada em JavaScript 1.2, com um conjunto estendido de objetos embutidos.

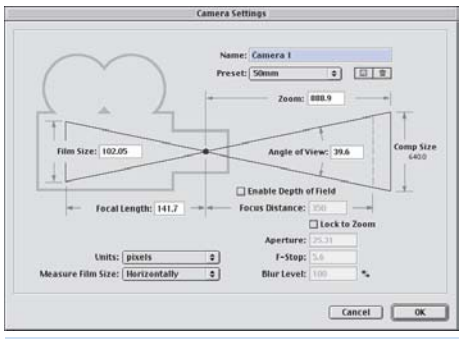


O recurso de programação Expressions cria relações complexas entre layers que antes só eram viáveis com o Motion Math

Não se assuste: não precisa ser nenhum especialista em programação para usar. A lógica do Expressions é simples: atrelar o comportamento de uma propriedade a outra propriedade qualquer, do mesmo ou de outro layer.

O Expressions é, na realidade, bem mais fácil que o assistente de animação Motion Math, e possui até um menu suspenso de elementos para ajudar a escrever o texto de cada expressão. As mais simples são obtidas apenas arrastando o ícone *pick whip* de uma propriedade para outra. Num exemplo bem "baba", podemos relacionar a animação da opacidade de um layer qualquer ao tamanho de um layer de texto. Na medida em que o primeiro layer se torna mais opaco, o tamanho do texto vai aumentando sem a necessidade de nenhum *keyframe* de escala.

Aos poucos, prestando atenção aos exemplos do manual e estudando os elementos da linguagem contida no menu, a gente vai pegando a manha e ficando esperto para experimentar soluções mais complexas. De certa forma, o Expressions é o recurso mais original, interessante e poderoso do After Effects 5.0.



Os ajustes básicos de câmera não deixam nada a dever aos softwares 3D mais tradicionais

Varejão

Entre as inúmeras miudezas incluídas nas melhorias de interface e de procedimentos do After Effects, algumas chamaram a atenção:

- A possibilidade de mudar os valores de uma propriedade na Timeline e na janela de controle de efeitos, clicando no próprio campo dos valores e arrastando o mouse para os lados; e o recurso de Solo, que permite, numa composição com vários layers aparentes, visualizar exclusivamente um layer, com a simples ativação de um box.
- Gostei muito de poder marcar vários keyframes de uma vez, arrastando o cursor sobre os ícones de *stopwatches* contíguos, e de poder visualizar as composições de pixel retangular com correção da relação de aspecto. Outra coisa que me ganhou completamente foi a possibilidade de arrastar mídias originais da janela de projeto para uma composição, colocando o novo item em qualquer posição de camada e em qualquer ponto da Timeline.
- O gerenciamento de mídia melhorou bastante com os recursos de localização automática de arquivos na janela de projeto e no disco, e ainda com a possibilidade de apagar de uma só vez da janela de projeto as mídias originais

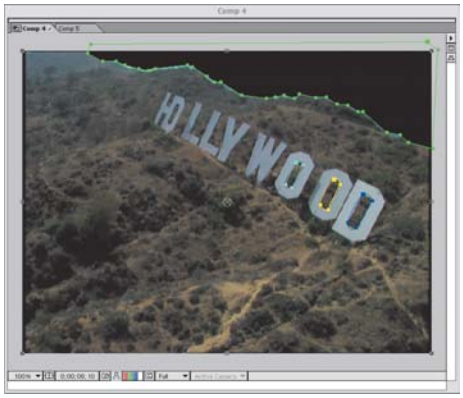
AFTER EFFECTS 5.0

Adobe: www.adobe.com.br

Preços (EUA):
Standard – US$649 (upgrade, US$ 199)
Production Bundle – US$1.499
(upgrade, US$ 299)

Pró: Animação em 3D; linguagem baseada em JavaScript para animações; pintura vetorial; melhorias significativas de interface e procedimentos; render de RAM Preview inteligente; suporte para 16 bits por canal de cor; saída para arquivos de Flash no formato SWF; não usa mais *dongle*

Contra: Não é compatível com OS X; exibe uma vista 3D por vez; pintura vetorial com apenas um nível de Undo e sem curvas Bézier



As máscaras agora podem ser criadas e editadas na própria janela de composição

sem uso nas composições selecionadas. Outra coisa boa: agora, com um simples comando, podemos encurtar uma composição para ficar do tamanho da Work Area corrente.

• Trabalhar com máscaras ficou mais fácil e mais eficiente. A edição das máscaras pode ser feita na própria janela de composição; cada máscara aplicada pode ter uma cor diferente; as máscaras aceitam Motion Blur e ganharam um recurso que permite expandi-las ou contraí-las para ajustar a aplicação de um *feather*.

• A ausência de ferramentas para editar os layers na Timeline foi parcialmente sanada com os comandos Lift Work Area e Extract Work Area, que removem trechos de mídias, e com o recurso de *slip edit* arrastando as partes vazias dos layers para os lados. A documentação fala de duas ferramentas novas – Ripple Insert e Overlay – mas aparentemente não houve tempo de implementá-las; fucei o programa e o manual de cabo a rabo e simplesmente não achei nada.

A lista de boas melhorias ainda inclui suporte para arquivos de16 bits por canal de cor (só para o Production Bundle), um recurso importante para quem trabalha para cinema em resolução de filme e precisa de um *range* de cores mais abrangente do que o necessário para vídeo e computador. Infelizmente nem todos os efeitos do After Effects suportam 16 bits por canal, mas o programa avisa quando isso ocorre, evitando perda de tempo.

Render e Output

O RAM Preview agora possui um método de *caching* inteligente que torna o trabalho bem mais rápido e produtivo. Se já foi feito um *render* de qualquer frame ou trechos de uma composição, apenas os frames modificados precisam ser "renderados" novamente.

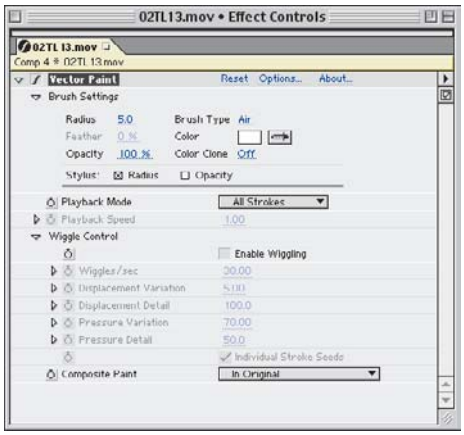
Antigamente, nas operações de manipulação dos layers e ao arrastar o marcador de tempo da Timeline, só conseguíamos ver o resultado na janela de composição apertando a tecla Option. Esse comando não é mais necessário; o After Effects 5.0 exibe um *preview* imediato do resultado das alterações. De acordo com a complexidade da animação, tal como no combustion, o programa baixa temporariamente a resolução da imagem.

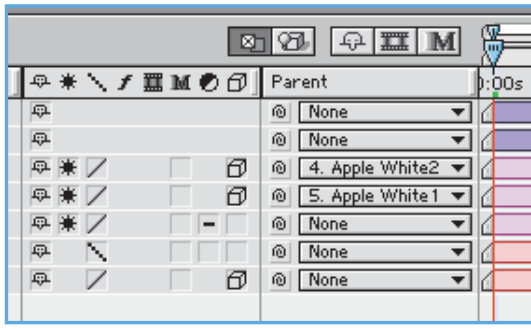
Desta vez, seguindo o exemplo do Commotion, o After Effects introduziu a possibilidade de "renderar" o RAM Preview de uma região restrita da imagem. Melhor do que no programa da Pinnacle: essa área pode ser guardada e redimensionada a qualquer momento. O After Effects 5.0 também mostra o RAM Preview em tela cheia no monitor, com uma margem preta em volta da composição.

De olho na distribuição para Web, foi implementada a saída de arquivos de Flash no formato SWF. Sólidos, textos e arquivos vetoriais do Illustrator mantêm o arquivo final bem compacto. Mas, se for necessário, você pode determinar e controlar a rasterização de imagens bitmap e movies – pagando o preço do aumento no tamanho do arquivo. O *render* no formato SWF também pode conter URLs embutidas associadas a *layer marks* e áudio MP3, e gera relatórios HTML. Não chega a substituir completamente os programas específicos da área, mas passa a ser uma nova alternativa para animações com certos recursos sofisticados,



A Adobe deu uma boa melhorada no plug-in de pintura vetorial que pertencia à coleção Cult Effects





Relações hierárquicas entre os layers são conseguidas sem esforço com o recurso de Parenting

não encontrados nos outros softwares.

Por último, ainda em relação à saída de arquivos, vale citar que o After Effects 5.0 pode gerar movies maiores que 2 GB. Em trabalhos com alta resolução para filmes e HDTV, o recurso pode fazer diferença.

Conclusão

O After Effects 5.0 pode ser considerado o melhor dos upgrades do programa sob o comando da Adobe. Ele se tornou mais autosuficiente. Deu um salto qualitativo muito grande em relação à versão anterior, recuperando posições na disputa com o combustion e o Commotion. E caminha na direção dos sistemas mais sofisticados, da Discreet e outros. Com o aumento contínuo do poder de processamento dos computadores e os novos recursos do programa, a distância está encurtando cada vez mais.

A versão Production Bundle não tem mais *dongle*; seus recursos superiores são habilitados por número de série – um avanço considerável. O próximo passo bem que poderia ser a unificação das versões. Não faz muito sentido manter a versão Standard, a não ser que ela baixasse ainda mais de preço ou virasse uma versão OEM para ser incluída de graça em sistemas de edição e produtos do gênero. Nenhum profissional sério pode abrir mão da versão Production Bundle.

Alguns plug-ins terão de ser atualizados para a versão 5.0. E, como já disse no começo, a Adobe fica devendo a compatibilidade direta com o OS X. O manual não privilegia exemplos, os efeitos são explicados apenas em arquivos PDF e não há tutoriais. Tudo bem que a Adobe vende os livros Classroom in a Book separadamente, mas bem que ela podia ser um pouquinho mais generosa nesse aspecto.

No mais, só me resta recomendar o upgrade com todas as honras. A versão 5.0 tornou o After Effects ainda mais essencial. **M**

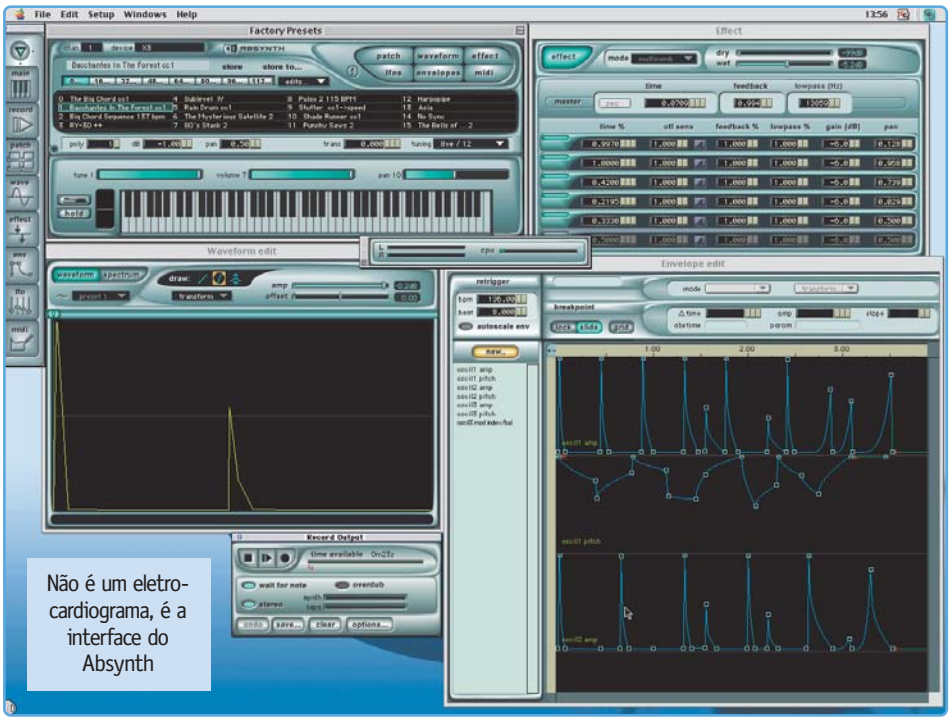
JOÃO VELHO
É sócio da Digiworks, empresa de animação e pós-produção de vídeo digital.

MÁRCIO NIGRO

A arte de esculpir sons Absynth

No ano passado, a Rhizomatic Software surpreendeu os "músicos desktop" com o lançamento do software Absynth, um poderoso sintetizador virtual capaz de gerar timbres complexos sem muitas dificuldades. Impressionada com a arquitetura semi-modular e simples do programa, a Native Instruments, criadora do incomparável Reaktor, resolveu adquirir a Rhizomatic para que as duas empresas pudessem trabalhar juntas numa nova versão do produto. O resultado dessa parceria foi o lançamento do Absynth 1.2, agora muito mais poderoso e flexível.

Um dos defeitos da versão original era o fato de não funcionar em conjunto com outros programas. Para felicidade geral da nação, o software passou a suportar as tecnologias VST 2.0, DirectConnect, MAS e ASIO. Com isso, a vida ficou bem mais fácil. Você pode ter o Absynth rolando a partir do Pro Tools, Logic Audio, Cubase ou Digital Performer e integrá-lo dentro da sua obra.



Não é um eletrocardiograma, é a interface do Absynth

Use a intuição

O Absynth é provavelmente um dos sintetizadores virtuais mais poderosos que já testei para a criação de esculturas sonoras. Ele perde para o Reaktor, que é mais completo, mas tem a vantagem de ser muito mais fácil e intuitivo de trabalhar. Enquanto no Reaktor você dificilmente consegue dar muitos passos sem ler o manual, a "programação sonora" no Absynth flui com mais naturalidade. Se bem que uma boa lida no manual só vai ajudar. Para facilitar essa "fluidez", os gráficos foram redesenhados, mas mantiveram o espírito futurista e orgânico original.

A arquitetura semimodular garante uma impressionate flexibilidade ao programa. Seis osciladores, quatro filtros (tem oito opções de filtro), três moduladores, *waveshaper* (distorção) e um processador de *delay* estão disponíveis. Para começar um som, é apenas necessário clicar num módulo para ativá-lo e modificá-lo. E também pode-se contar com efeitos de *reverb*, *chorus*, *comb*, *flanger* e *phaser*. O Absynth traz ainda um editor de forma de onda para que você desenhe a onda sonora e selecione o modo de espectro para filtrar os harmônicos. Nessa nova versão é possível importar arquivos AIFF e incorporá-los ao timbre, aplicando filtros e moduladores.

Os mais de 200 *presets* que acompanham o produto são ótimos, incuindo loops techno, ruidos esquisitíssimos, sons harmoniosos e timbres cadavéricos que podem ser ótimos pontos de partida para qualquer projeto. Alguns exemplos podem ser baixados do site da Native Instruments. Confira.

VST e DirectConnect

A inclusão de suporte à tecnologia VST foi um passo importante para o Absynth ficar mais maleável. O plug-in é constituído de apenas uma janela com os timbres disponíveis e outras informações e controles úteis. No entanto, ao acionar o plug-in VST, o programa também é lançado em background (isso acontece pelo menos com o Logic Audio), o que exige mais memória de seu Mac.

Você pode rolar até oito canais do Absynth com timbres diferentes no sequenciador. Porém, dependendo da velocidade de seu Mac e da complexidade dos timbres, pode ser difícil usar os oito de uma vez, pois o software acaba exigindo bastante processamento. Em um iMac 366 MHz, por exemplo, talvez seja difícil abrir mais do que quatro sons simultaneamente. Já num G4, é possível rolar os oito canais ao mesmo tempo.

E por falar no assunto, uma notícia ruim para os donos de um G4 Dual (multiprocessado): o Absynth não é compatível com multiprocessamento nem com AltiVec. Quem estiver, por exemplo, utilizando o Logic Audio 4.5 ou superior numa dessas máquinas (como eu), tem que desligar a opção Multi Processor Support nas preferências. A boa noticia é que um update estava a caminho quando fechamos esta edição e, segundo o pessoal da Native Instruments, já deve estar disponível no momento em que você estiver lendo esta matéria.

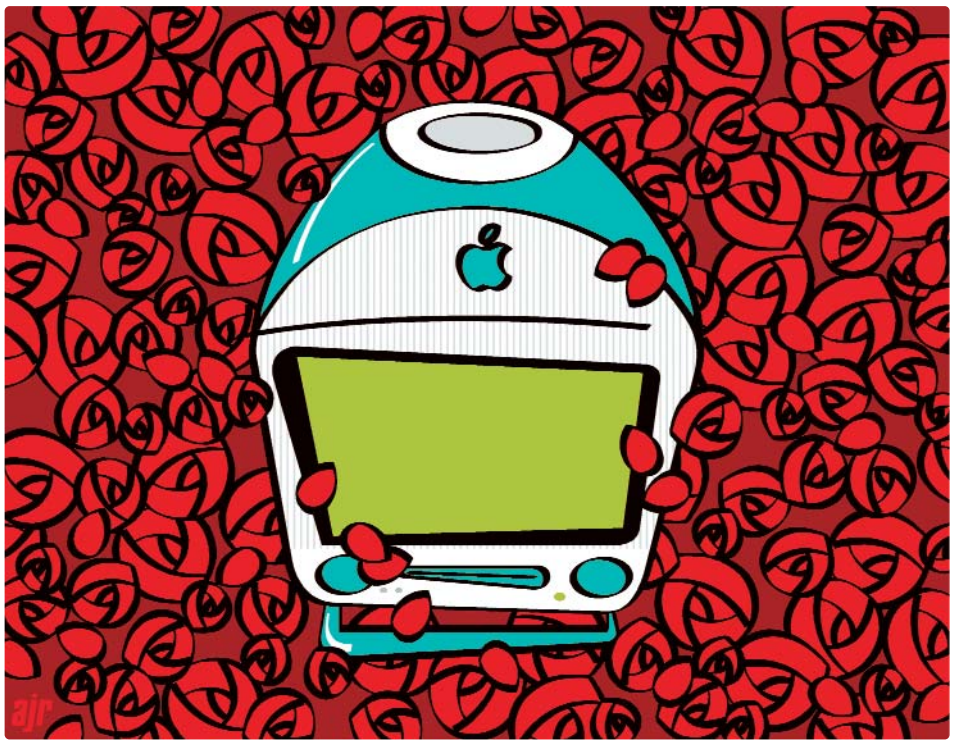
Como era de se esperar, tudo que a Native Instruments toca vira ouro e o caso do Absynth não é diferente: a empresa acabou implementando o que faltava na versão original e agora só faltam uns pequenos retoques. E tenho a impressão de que as próximas versões ainda vão deslocar muitos queixos. M

ABSYNTH 1.2

Native Instruments:
www.native-instruments.de
Preço: US$299

Pró: Intuitivo; flexível; sons que arrebentam
Contra: Não é compatível com AltiVec nem multiprocessamento; pode exigir mais memória RAM de seu Mac

Por que comprar um Mac?



"Convença-me a comprar um Mac". Volta e meia recebo emails desse gênero, de pessoas que estão para comprar um computador, ouviram falar do tal Macintosh, ou viram um computador mais bonitinho que os outros no shopping, ou mexeram um pouco no de um amigo. Mas ainda ficam com aquela dúvida. "Me disseram que não tem software pra Mac, que a assistência é cara, que quase ninguém usa e que eu vou ficar na mão." Tudo isso tem um pouco de verdade.

Problemas existem em qualquer plataforma. A maioria das desvantagens do Mac decorrem do fato de ele ser uma plataforma minoritária (o que também traz algumas vantagens). Mas, para um bocado de gente, as vantagens de ter um Mac superam em muito as desvantagens. Fiz uma pesquisa entre os colaboradores da Macmania para tentar descobrir os motivos objetivos que fazem de alguém um macmaníaco. Claro que o *thread* desandou para a famigerada discussão Mac x PC, gerando defesas e ataques inflamados de ambos os lados. Mas deixa pra lá. Vamos aos fatos:

> Para um bocado de gente, as vantagens de ter um Mac superam em muito as desvantagens

Usabilidade – É o motivo mais subjetivo de todos. Mas o fato é que, para a maioria, o Mac é mais fácil, mais intuitivo e mais gostoso de usar. Esse é o principal fator para usuários de Mac "amarem" seu computador, enquanto pecezistas o consideram apenas uma "ferramenta". Claro que alguém que usou Windows a vida inteira vai achar o Mac meio estranho. Mas a verdade é que a interface do Mac é mais ergonômica, seus paus são mais fáceis de resolver (e mais bonitos, como atesta a nossa seção Bomba do Leitor) e seus programas têm uma interface mais coerente que seus correspondentes de Windows. Isso não é à toa. A Apple foi a primeira empresa a levar a sério essa história de interface homem-computador, criando o lendário Macintosh Human Interface Guidelines (http://developer.apple.com/techpubs/mac/HIGuidelines/HIGuidelines-2.html). Macmaníacos de verdade costumam torcer o nariz para programas que "não têm cara de Mac" exatamente por isso. Consistência de interface gera produtividade.

Fator Uau! – Quer um computador barato para escrever memorandos e fazer planilhas de custos? Compre um PC. Quer uma máquina para impressionar clientes e puxar conversa com garotas? Compre um Mac. Em termos de design, a Apple está a anos-luz de qualquer outra marca, isso é incontestável. E bom design, ao contrário do que muitos pensam, não é apenas "coisa de viado". É também ergonomia, atenção aos detalhes e tentar facilitar ao máximo a vida do usuário. Tudo isso contribui para o "amor" à plataforma e também ajuda a preservar o preço do equipamento.

Viva a minoria – Como já disse, ser minoria tem seus prós e tem seus contras. Quem tem Mac não precisa se preocupar com o Vírus do Mês (a maioria dos Macs nem tem antivírus instalado), nem com arquivos nefastos atachados no email. Ter um fabricante responsável pelo hardware e pelo software da plataforma limita em termos de opções, mas também resulta em uma integração maior, em um Plug & Play que realmente funciona e em maior velocidade na implementação de novas tecnologias.

Non ducor, duco – *Não sou conduzido; conduzo.* A Apple inventou o computador pessoal, a multimídia, a editoração eletrônica, o vídeo digital. Foi a primeira a popularizar a interface gráfica, o mouse, o CD-ROM, a mídia removível, o USB, o FireWire e a rede sem fio. O PC veio atrás, às vezes com poucos meses de diferença, outras anos depois. É bom estar na vanguarda.

E o melhor de tudo – É claro que o verdadeiro motivo para você comprar um Mac é poder desfrutar plenamente da *Macmania:* a melhor, mais original, divertida, tesuda e humilde revista de informática deste e de outros universos. Precisa mais? M

HEINAR MARACY
Agradece aos membros do Conselho Editorial da Macmania, aos amigos pecezistas e à Força Aérea dos Estados Unidos, sem os quais esta película não poderia ter sido produzida.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.